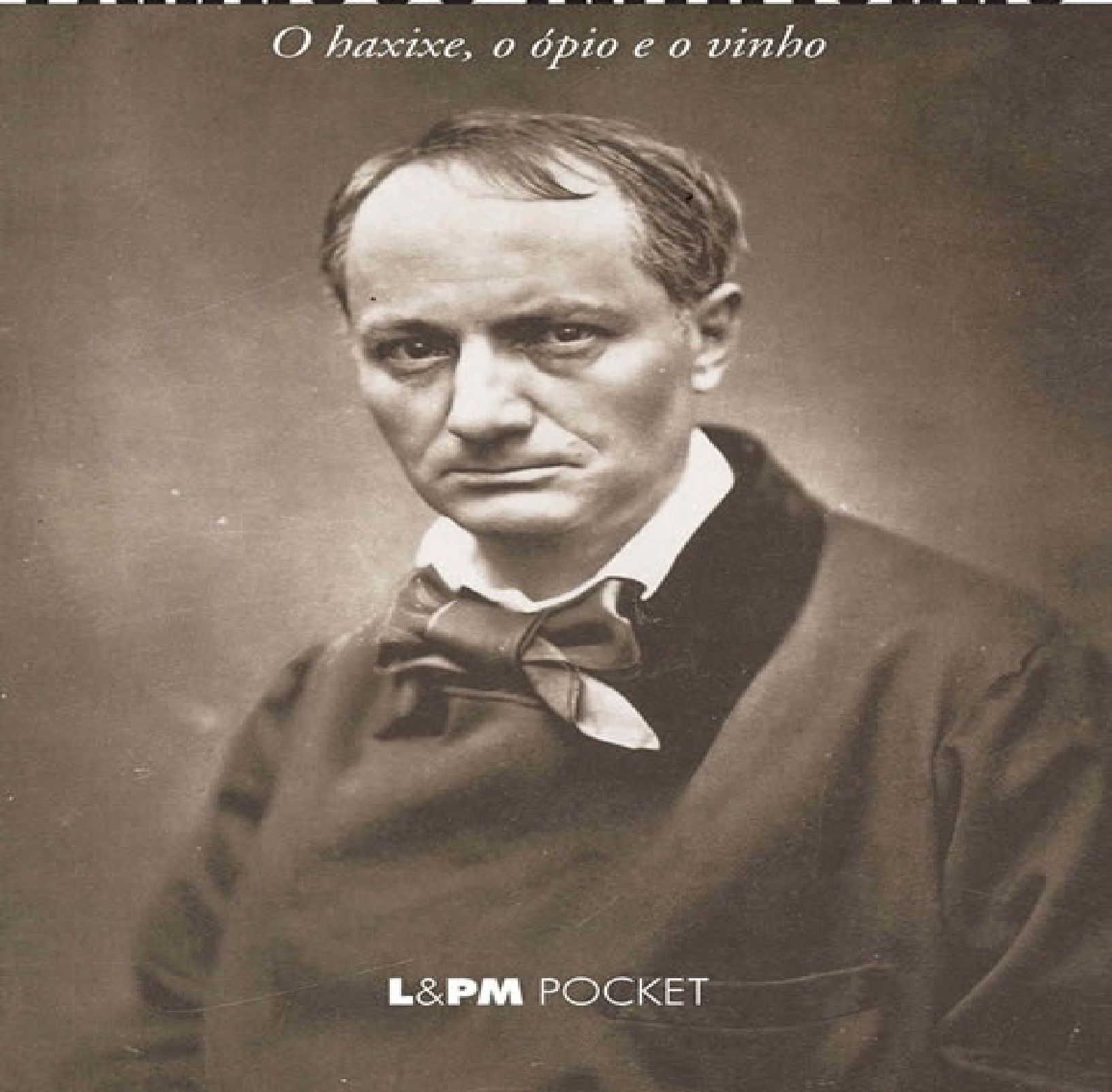
CHARLES

BAUDELAIRE

PARAÍSOS ARTIFICIAIS

O haxixe, o ópio e o vinho



L&PM POCKET

Charles Baudelaire

PARAÍSOS ARTIFICIAIS

Um comedor de ópio e Poema do Haxixe

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

A
J.G.F.

Minha cara amiga,

O bom-senso nos diz que as coisas da terra não existem inteiramente e que a verdadeira realidade só é encontrada nos sonhos. Para digerir a felicidade natural, como a artificial, é preciso, antes de tudo, ter a coragem de engoli-la e os que talvez merecessem a felicidade são justamente aqueles a quem a felicidade, tal como a concebem os mortais, sempre teve o efeito de um vomitivo.

Aos de espírito néscio parecerá estranho, e mesmo impertinente, que um quadro de volúpias seja dedicado a uma mulher, a mais comum das fontes das mais naturais volúpias. Entretanto, é evidente que, como o mundo natural penetra no espiritual, serve-lhe de alento, e concorre, desta forma, a operar este amálgama indefinível que chamamos de nossa individualidade, a mulher é o ser que projeta a mais negra sombra ou a mais clara luz em nossos sonhos. A mulher é fatalmente sugestiva: ela vive uma outra vida que não a sua; ela vive espiritualmente nas imaginações que ela própria povoa e fecunda.

Importa muito pouco, além disso, que seja compreendido o motivo desta dedicatória. É realmente necessário, para o contentamento do autor, que um livro seja compreendido, exceto por aquele ou aquela para quem ele foi composto? Afinal de contas, é indispensável que haja sido escrito para alguém. Quanto a mim, tenho tão pouco gosto pelo mundo vivo que, semelhante às mulheres sensíveis e ociosas que enviam, comenta-se, pelo correio, suas confidências a amigos imaginários, com prazer escrevia para os mortos.

Mas não é a uma morta que dedico este pequeno livro; é a uma que, embora doente, está sempre ativa e viva em mim e que agora volta todos os seus olhares ao Céu, este local de todas as transformações. Pois, tanto

quanto de uma droga perigosa, o ser humano goza do privilégio de poder tirar novos e sutis prazeres da dor, da catástrofe e da fatalidade.

Você verá neste quadro um caminhante sombrio e solitário, imerso na corrente das multidões, que remete seu coração e seu pensamento a uma Electra longínqua que há algum tempo enxugava sua fronte banhada de suor e refrescava seus lábios percorridos pela febre; e você perceberá a gratidão de um outro Orestes cujos pesadelos você sempre velou e de quem dissipou, com mão leve e maternal, o sono aterrorizador.

POEMA

DO

HAXIXE

I

O GOSTO PELO INFINITO

Os que sabem observar-se a si mesmos e guardam a lembrança de suas impressões, os que souberam, como Hoffmann, construir seu barômetro espiritual, puderam por vezes notar, no observatório de seu pensamento, belas estações, dias felizes, minutos deliciosos. São dias em que o homem se levanta com um gênio jovial e vigoroso. Com suas pálpebras livres do sono que as selava, o mundo exterior se oferece a ele com um relevo bem-marcado, uma nitidez de contornos, uma riqueza de cores admiráveis. O mundo moral abre suas vastas perspectivas, cheias de novas claridades. O homem agradecido por esta beatitude, infelizmente rara e passageira, sente-se ao mesmo tempo mais artista e mais justo, mais nobre, para dizer tudo em uma só palavra. Mas o que há de mais extraordinário neste estado excepcional do espírito e dos sentidos, que posso sem exageros chamar de paradisíaco, se o comparo às pesadas trevas da existência comum e cotidiana, é que ele não foi criado por nenhuma causa visível e fácil de ser definida. Seria o resultado de uma boa higiene e de um regime sensato? Esta é a primeira explicação que se oferece ao espírito, mas somos obrigados a reconhecer que constantemente esta maravilha, esta espécie de prodígio, produz-se como se fosse o efeito de uma força superior e invisível, exterior ao homem, após um período em que este abusou de suas faculdades físicas. Diremos que é a recompensa pela prece assídua e pelos ardores espirituais? É certo que uma elevação constante do desejo, uma tensão das forças espirituais em direção ao céu, seria o regime ideal para se criar esta saúde moral, tão deslumbrante e gloriosa; mas em virtude de que lei absurda ela se manifesta após culposas orgias da imaginação, após um abuso sofístico da razão, que são para o seu uso honesto e razoável o que as luxações são para a boa ginástica? Eis por que prefiro considerar esta condição anormal do espírito uma verdadeira graça, como um espelho mágico onde o homem é convidado a ver-se belo, isto é, tal qual deveria e poderia ser; uma espécie de exaltação angelical, um apelo à ordem, de forma cerimoniosa. Da mesma maneira, uma

certa escola espiritualista, que tem representantes na Inglaterra e na América, considera os fenômenos sobrenaturais, tais como as aparições de fantasmas, as assombrações etc., como manifestações da vontade divina, prontas para despertar no espírito humano a lembrança das realidades invisíveis.

Além disto, este estado encantador e estranho, onde se equilibram todas as forças, onde a imaginação, ainda que maravilhosamente poderosa, não leva consigo o sentido moral para aventuras perigosas, onde uma sensibilidade delicada não é mais perturbada por nervos doentios, estes frequentes conselheiros do crime ou do desespero, este estado maravilhoso, já disse eu, não tem sintomas prenunciadores. É tão imprevisto como um fantasma. É uma espécie de obsessão mas uma obsessão intermitente, da qual deveríamos tirar, se fôssemos sábios, a certeza de uma existência melhor e a esperança de alcançá-la pelo exercício diário de nossa vontade. Esta acuidade de pensamento, este entusiasmo dos sentidos e do espírito devem ter, em todos os tempos, aparecido ao homem como o primeiro dos bens; eis por que, considerando apenas a volúpia imediata, sem se preocupar em violar as leis de sua constituição, buscou na ciência física, na farmacêutica, nos mais grosseiros líquidos, nos perfumes mais sutis, em todos os climas e em todos os tempos, os meios de escapar, mesmo que por algumas horas, à sua morada de lobo e, como disse o autor de *Lazare:* “Tomar o paraíso de um só golpe”. Infeliz! Os vícios do homem, tão repletos de horror como supomos, contêm a prova (quando não fosse apenas a infinita expansão deles mesmos!) de seu gosto pelo infinito; acontece que é um gosto que sempre toma o caminho errado. Poderíamos entender em um sentido metafórico o provérbio vulgar: *Todo caminho leva a Roma*, e aplicá-lo ao mundo moral; tudo leva à recompensa ou ao castigo, duas formas de eternidade. O espírito humano transborda de paixões; *tem até para vender*, para servir-me de uma outra locução trivial; mas este espírito maravilhoso, cuja depravação natural é tão grande quanto sua aptidão súbita, quase paradoxal, à caridade e às virtudes mais difíceis, é fecundo em paradoxos que lhe permitem empregar para o mal esta superabundância de paixões. Não acredita jamais vender-se por atacado. Esquece, em sua fatuidade, que ele escarnece de alguém mais astuto e mais forte que ele, e que o Espírito do Mal, mesmo quando lhe damos apenas um fio de cabelo, não demora em levar a cabeça inteira. Este senhor visível da natureza visível (falo do homem) quis, portanto, criar o paraíso pelas drogas, pelas bebidas fermentadas, semelhante a um maníaco que substituiria os

móveis sólidos e os jardins verdadeiros por cenários pintados sobre tela e emoldurados. É nesta depravação do sentido do infinito que jaz, na minha opinião, a razão de todos os excessos culposos, desde a embriaguez solitária e concentrada do literato que, obrigado a procurar no ópio o alívio de uma dor física, e tendo desta forma descoberto uma fonte de prazeres mórbidos, fez disto pouco a pouco sua única higiene e como que o sol de sua vida espiritual, até a embriaguez mais repugnante dos suburbanos que, com o cérebro carregado de fogo e glória, rolam ridiculamente nos lixos da rua.

Entre as drogas mais próprias a criar o que chamo de *Ideal artificial*, se deixamos de lado os licores que levam rapidamente ao furor material e abatem a força espiritual, e os perfumes cujo uso excessivo, ao tornar a imaginação do homem mais sutil, esgota gradualmente suas forças físicas, as duas substâncias mais enérgicas, aquelas cujo emprego é mais cômodo e mais à mão, são o haxixe e o ópio. A análise dos efeitos misteriosos e dos prazeres mórbidos que estas drogas podem provocar, dos inevitáveis castigos que resultam de seu uso prolongado e, enfim, da própria imortalidade, implícita nesta perseguição de um falso ideal, constitui o objeto deste estudo.

O trabalho sobre o ópio foi feito de uma maneira a um só tempo tão brilhante, médica e poética, que não ousaria acrescentar-lhe nada. Contentar-me-ei, portanto, em um outro estudo, em fazer uma análise deste livro incomparável, que nunca foi traduzido na França em sua totalidade. O autor, homem ilustre, de uma imaginação poderosa e aguda, hoje afastado e silencioso, ousou fazer, com uma trágica candura, o relato dos prazeres e das torturas que outrora encontrara no ópio, e a parte mais dramática de seu livro é aquela em que fala dos esforços sobre-humanos de vontade que lhe foi necessário empregar para escapar à danação a que ele imprudentemente se havia devotado.

Hoje, falarei apenas do haxixe e falarei segundo informações numerosas e minuciosas, extratos de anotações ou de confidências de homens inteligentes que se entregaram a esta droga por longo tempo. Farei apenas uma fusão destes documentos variados em uma espécie de monografia, escolhendo uma alma, por sinal fácil de explicar e definir, como tipo próprio às experiências desta natureza.

II

O QUE É O HAXIXE?

As narrativas de Marco Polo, das quais erro neamente rimos, como de alguns outros antigos viajantes, foram verificadas pelos eruditos e merecem nossa crença. Não contarei, como ele já o fez, como o Velho da Montanha trancava, após havê-los embriagado com haxixe (de onde Haxixin ou Assassinos), em um jardim cheio de delícias, os seus mais jovens discípulos, aos quais queria dar uma ideia do paraíso, recompensa merecida, por assim dizer, em troca de uma obediência passiva e irrefletida. O leitor pode, com relação à sociedade secreta dos Haxixins, consultar o livro de M. de Hammer e as memórias de M. Sylvestre de Sacy, incluídas no tomo XVI das *Mémoires de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, e, relativamente à etimologia da palavra *assassino*, sua carta ao redator do *Moniteur*, inserida no número 359 do ano de 1809. Heródoto conta que os citas colhiam grãos de cânhamo sobre os quais lançavam pedras avermelhadas a fogo. Era para eles como que um banho de vapor mais perfumado que o de nenhuma outra estufa grega e o prazer era tão vivo que lhes arrancava gritos de alegria.

O haxixe, na verdade, chega para nós do Oriente; as propriedades excitantes do cânhamo eram bem-conhecidas no Antigo Egito e seu uso era muito difundido, sob diferentes nomes, na Índia, na Argélia e na Arábia Feliz. Mas temos perto de nós, sob nossos olhos, exemplos curiosos da embriaguez causada por emanações vegetais. Sem falar das crianças que, após haverem brincado e rolado nos montes de alfafa colhida, constantemente sofrem estranhas vertigens, sabemos que, após a colheita do cânhamo, os trabalhadores, homens e mulheres, experimentam efeitos análogos; poderíamos dizer que a colheita exala um miasma que turva maliciosamente seus cérebros. A cabeça do lavrador está tomada por turbilhões, às vezes carregada de sonhos. Em certos momentos, os membros se enfraquecem e recusam o serviço. Já ouvimos falar de crises de sonambulismo bastante frequentes entre os camponeses russos, cuja causa, comenta-se, deve ser atribuída ao uso do óleo de sementes de cânhamo na preparação de alimentos. Quem não conhece a extravagância das galinhas que comeram grãos desta planta e o entusiasmo fogoso dos cavalos que os camponeses, nas núpcias ou

nas festas religiosas, preparam para uma corrida à paróquia com uma ração de sementes de cânhamo, às vezes regada a vinho?

No entanto, o cânhamo francês não é apropriado à transformação em haxixe, ou pelo menos, após repetidas experiências, impróprio a dar uma droga igual ao haxixe em poder. O haxixe, ou cânhamo indiano, *cannabis indica*, é uma planta da família das urticáceas, bastante semelhante, salvo por não alcançar a mesma altura, ao cânhamo de nossos climas. Possui propriedades embriagadoras muito extraordinárias que, há alguns anos, chamaram a atenção, na França, de eruditos e aristocratas. Ele é mais ou menos estimado segundo suas diferentes proveniências; o de Bengala é o mais prezado pelos amadores; no entanto, os do Egito, de Constantinopla, da Pérsia e da Argélia gozam das mesmas propriedades, mas em grau inferior.

O haxixe (ou erva, isto é, a erva por excelência, como se os árabes tivessem querido definir em uma palavra a *erva*, fonte de todas as volúpias imateriais) leva diferentes nomes, segundo sua composição e o modo de preparação pelo qual passou no país onde foi recolhido: na Índia, *bengie*; na África, *teriaki*; na Argélia e na Arábia Feliz, *madjound* etc. É importante colhê-lo em épocas do ano determinadas; é quando está em flor que possui sua maior energia; as extremidades floridas são, consequentemente, as únicas partes empregadas nas diferentes preparações sobre as quais temos algumas palavras a dizer.

O *extrato gorduroso* do haxixe, tal como o preparam os árabes, é obtido fervendo-se as extremidades da planta fresca na manteiga com um pouco de água. Após a evaporação completa de toda umidade, filtra-se a solução e obtém-se, desta forma, um preparado com a aparência de uma pomada de cor amarelo-esverdeada e que mantém um odor desagradável de haxixe e de manteiga rançosa. Sob esta forma, é usado em bolinhas de dois a quatro gramas; mas devido ao seu odor repugnante, que aumenta com o tempo, os árabes usam o extrato gorduroso em forma de confeito.

O mais comum destes confeitos, o *dawamesk*, é uma mistura do extrato gorduroso, açúcar e diversas fragâncias tais como baunilha, pistache, amêndoa, almíscar. Às vezes, acrescenta-se mesmo um pouco de cantárida, com uma finalidade que nada tem em comum com os resultados frequentes do haxixe. Sob esta nova forma, o haxixe nada tem de desagradável, e pode-se tomar uma dose de quinze, vinte e trinta gramas, envolta numa folha de pão ázimo ou numa xícara de café.

As experiências feitas por MM. Smith, Gastinel e Decourtive tiveram por fim chegar à descoberta do princípio ativo do haxixe. Apesar de seus esforços, sua composição química é ainda pouco conhecida; mas geralmente atribui-se suas propriedades a uma matéria resinosa que se encontra em boa quantidade no haxixe, em uma proporção de aproximadamente l0%. Para se obter esta resina, reduz-se a planta seca em pó grosso, lava-se este pó várias vezes com álcool que é em seguida destilado para retirá-lo em parte; é evaporado até alcançar a consistência de extrato; este extrato é tratado com água que dissolve as matérias gomosas estranhas, ficando então a resina em estado de pureza.

Este produto é mole, de cor verde-escura e possui em alto grau o odor característico do haxixe. Cinco, dez, quinze centigramas bastam para produzir efeitos surpreendentes. Mas a haxixina, que pode ser administrada sob a forma de pastilhas de chocolate ou pequenas pílulas de gengibre, tem, como o *dawamesk* e o extrato gorduroso, efeitos mais ou menos vigorosos e uma natureza muito variada segundo o temperamento dos indivíduos e suas suscetibilidades nervosas. E, melhor ainda, o resultado varia no mesmo indivíduo. Tanto pode ser uma alegria imoderada e irresistível quanto uma sensação de bem-estar e de plenitude de vida, outras vezes, um sono equívoco e cheio de sonhos. Existem, porém, fenômenos que se reproduzem com bastante regularidade, sobretudo nas pessoas de temperamento e educação análogos; há uma espécie de unidade na variedade que me permitirá redigir sem muita dificuldade esta monografia da embriaguez da qual falei há pouco.

Em Constantinopla, na Argélia e mesmo na França, algumas pessoas fumam haxixe misturado ao tabaco, mas então os fenômenos em questão produzem-se apenas sob uma forma muito moderada e, por assim dizer, preguiçosa. Ouvi dizer que, recentemente, por meio da destilação, havia sido extraído do haxixe um óleo essencial que parece possuir uma virtude muito mais ativa que todos os preparados conhecidos até o presente; mas ainda não foi bastante estudado para que eu possa falar de seus resultados com certeza. Não seria supérfluo dizer que o chá, o café e os licores são ajudantes poderosos que aceleram mais ou menos a eclosão desta embriaguez misteriosa?

III

O TEATRO DE SERAFIM

O que se experimenta? O que se vê? Coisas maravilhosas, não é? Espetáculos extraordinários? São belos? E terríveis? E perigosos ? Tais são as perguntas que frequentemente fazem, com uma curiosidade misturada a medo, os ignorantes aos adeptos. Diríamos uma impaciência infantil em saber, como a das pessoas que nunca saíram de casa quando se encontram diante de um homem que volta de países longínquos e desconhecidos. Eles imaginam a embriaguez do haxixe como um país prodigioso, um vasto teatro de prestidigitação e escamotagem onde tudo é milagroso e imprevisto. Há aí um preconceito, um desprezo completo e uma vez que, para os leitores e curiosos comuns, a palavra haxixe comporta a ideia de um mundo estranho e confuso, a expectativa de sonhos prodigiosos (seria melhor dizer alucinações, que são, aliás, menos frequentes do que imaginamos), eu chamarei a atenção em seguida para a importante diferença que separa os efeitos do haxixe do fenômeno do sono. No sono, esta viagem aventurosa de todas as noites, há algumas coisas de positivamente milagroso; é um milagre cuja pontualidade acabou com o mistério. Os sonhos do homem são de duas classes. Uns, cheios de vida cotidiana e suas preocupações, seus desejos, seus vícios, combinam-se de uma maneira mais ou menos estranha com os objetos percebidos durante o dia que indiscretamente se fixaram sobre a vasta tela da memória. Eis o sonho natural; é o próprio homem. Mas e a outra espécie de sonho? O sonho absurdo, imprevisto, sem relação nem conexão com o caráter, a vida e as paixões do adormecido? Este sonho, que chamarei de hieroglífico, representa evidentemente o lado sobrenatural da vida, e é justamente por ser absurdo que os antigos julgavam-no divino. Como é inexplicável pelas causas naturais, atribuíram-lhe uma causa exterior ao homem; e ainda hoje, sem falar dos oniromancistas, existe uma escola filosófica que vê nos sonhos deste gênero ora uma admoestação, ora um conselho; em suma, um quadro simbólico e moral gerado no próprio espírito do homem adormecido. É um dicionário que se precisa estudar, uma língua cuja chave podem obter os sábios.

Na embriaguez do haxixe, nada parecido. Não sairemos do sonho

natural. A embriaguez, em toda sua duração, será apenas, é verdade, um imenso sonho, graças à intensidade das cores e à rapidez de concepções; mas guardará sempre a tonalidade particular do indivíduo. O homem quis sonhar, o sonho governará o homem; mas este sonho será o filho de seu pai. O ocioso esforçou-se por introduzir artificialmente o sobrenatural em sua vida e em seu pensamento; mas, após tudo e apesar da energia acidental de suas sensações, ele continua sendo o mesmo homem aumentado, o mesmo número elevado a uma altíssima potência. É subjugado; mas, para sua infelicidade, é ele mesmo que se subjuga, isto é, pela parte já dominante dele mesmo; *quis ser anjo, tornou-se besta*, momentaneamente muito poderosa, se todavia pudermos chamar de poder uma excessiva sensibilidade, sem governo que a modere ou explore.

Que os aristocratas e os ignorantes, curiosos de conhecer prazeres excepcionais, saibam, portanto, que não encontrarão no haxixe nada de miraculoso, absolutamente nada do natural excessivo. O cérebro e o organismo sobre os quais opera o haxixe oferecerão apenas seus fenômenos comuns, individuais, aumentados, é verdade, quanto ao número e à energia, mas sempre fiéis às suas origens. O homem não escapará à fatalidade de seu temperamento físico e moral: o haxixe será, para as impressões e os pensamentos familiares do homem, um espelho que aumenta, mas um simples espelho.

Eis a droga diante de seus olhos: um pouco de confeito verde, grande como uma noz, extremamente aromático, a ponto de causar uma certa repulsa e ânsias de vômito, como o faria, de resto, todo odor agudo e mesmo agradável levado à sua força máxima e, por assim dizer, à sua densidade máxima. Que me seja permitido notar, de passagem, que esta proposição pode ser invertida e que o perfume mais repugnante, mais revoltante, poderia se tornar um prazer se fosse reduzido à sua quantidade e expansão mínimas. – Eis aí a felicidade! Uma colherzinha bem cheia! A felicidade com toda a sua embriaguez, todas as suas loucuras, todas as suas criancices! Pode engolir sem medo, disto não se morre. Seus órgãos físicos não sofrerão nada. Mais tarde, talvez, um apelo demasiadamente frequente ao sortilégio diminuirá a força de sua vontade, talvez torne-se menos homem do que é hoje; mas o castigo está tão longe e o desastre é de uma natureza tão difícil de se definir! Que riscos você corre? Amanhã, um pouco de cansaço nervoso. Você não corre o risco, todos os dias, dos maiores castigos por recompensas menores?

Desta forma, está dito; para dar-lhe mais força e expansão, você chegou até mesmo a diluir sua dose de extrato gorduroso em uma xícara de café preto; tomou o cuidado de manter o estômago livre, transferindo para as nove ou dez horas da noite a refeição substancial para dar ao veneno toda a liberdade de ação; no máximo, dentro de uma hora, você tomará uma sopa leve. Você está agora suficientemente lastreado para uma longa e extraordinária viagem. O vapor apitou, o velame está orientado, e você tem sobre os viajantes comuns este curioso privilégio de ignorar aonde vai. Você quis; viva a fatalidade!

Suponho que você teve a precaução de escolher bem o seu momento para esta expedição aventurosa. Toda orgia perfeita necessita de um perfeito repouso. Você sabe, além disto, que o haxixe cria o exagero não apenas do indivíduo, mas também da circunstância e do meio; você não tem deveres a cumprir que exijam a pontualidade e a exatidão; nenhuma tristeza de família; nenhuma dor de amor. É preciso ter cuidado. Esta infelicidade, esta inquietude, esta lembrança de um dever que reclama sua vontade, sua atenção a um momento determinado soarão como um dobre de finados em meio à sua embriaguez e envenenarão seu prazer. A inquietação será transformada em angústia; a tristeza, em tortura. Se, observadas todas estas condições preliminares, o tempo estiver bom, se você estiver em um ambiente favorável, como uma paisagem pitoresca ou um apartamento poeticamente decorado, se, além disto, você puder contar com um pouco de música, então tudo é para o melhor.

Há, geralmente, na embriaguez do haxixe, três fases bastante fáceis de serem distinguidas, e não há nada mais curioso a observar, nos noviços, que os primeiros sintomas da primeira fase. Você já ouviu falar vagamente dos maravilhosos efeitos do haxixe, sua imaginação tem preconcebida uma ideia particular, algo como um ideal de embriaguez; você demora a saber se a realidade está decididamente à altura de sua expectativa. Basta isto para que você se lance, desde o início, em um estado ansioso, bastante favorável ao espírito conquistador e invasor do veneno. A maioria dos noviços, no primeiro grau de iniciação, reclama da lentidão dos efeitos; esperam-nos com uma impaciência pueril e, como a droga não age com a rapidez que queriam, entregam-se a fanfarronadas de incredulidade que são muito divertidas para os velhos iniciados que sabem como se governa o haxixe. Os primeiros ataques, como os sintomas de uma tempestade por longo tempo indecisa,

aparecem e se multiplicam no seio mesmo desta incredulidade. Há inicialmente uma certa hilaridade, extravagante, irresistível que se apodera de você. Estes acessos de alegria não motivada, da qual você quase se envergonha, reproduzem-se frequentemente e separam intervalos de entorpecimento durante os quais você tenta, em vão, concentrar-se. As palavras mais simples, as ideias mais triviais tomam uma fisionomia nova e estranha; você se espanta de, até o momento, tê-las achado tão simples. Semelhanças e aproximações incongruentes, impossíveis de serem percebidas, jogos de palavras intermináveis, tentativas de comicidade jorram continuamente de seu cérebro. O demônio o invadiu; é inútil resistir a esta hilaridade, dolorosa como cócegas. De vez em quando, você ri de si mesmo, de sua ingenuidade e de sua loucura, e seus companheiros, se você os tem, riem igualmente de seu estado e do deles; mas, como eles não têm malícia, você não tem rancores.

Esta alegria alternadamente lânguida e pungente, este mal-estar dentro do prazer, esta insegurança, esta indecisão da enfermidade geralmente dura pouco tempo. Logo, as harmonias de ideias tornam-se tão vagas, o fio condutor que liga seus conceitos, tão fino, que apenas seus cúmplices podem compreender você. E ainda, sobre este assunto e deste aspecto, não há meio de verificação; eles talvez acreditem compreendê-lo e a ilusão é recíproca. Esta brincadeira e estas gargalhadas, que se assemelham a explosões, parecem ser verdadeira loucura, ou pelo menos um disparate de maníaco, a qualquer homem que não estiver no mesmo estado. Da mesma forma que o bom comportamento e o bom-senso , a regularidade de pensamentos da testemunha prudente que não estiver embriagada o diverte e o alegra como um gênero particular de demência. Os papéis ficam invertidos. O sangue-frio de sua testemunha leva você aos últimos limites da ironia. Não é uma situação misteriosamente cômica a de um homem que goza de uma alegria incompreensível para quem não está situado no mesmo meio que ele? O louco toma-se de piedade pelo prudente e, desde logo, a ideia de sua superioridade começa a despontar no horizonte de seu intelecto. Logo ela crescerá, aumentará e explodirá como um meteoro.

Fui testemunha de uma cena deste gênero que chegou longe demais e onde o grotesco apenas era inteligível entre aqueles que conheciam, ao menos pela observação, sobre outrem, os efeitos da substância e a enorme diferença de diapasão que ele cria entre duas inteligências supostamente iguais. Um

músico famoso, que ignorava as propriedades do haxixe, e que possivelmente nunca ouvira falar delas, cai em um círculo onde várias pessoas já haviam tomado a droga. Tentam fazê-lo compreender seus maravilhosos efeitos. Diante destes relatos prodigiosos, sorri com graça, por complacência, como um homem que quer *se apresentar* bem por alguns minutos. Seu desprezo é logo percebido pelos espíritos aguçados pelo veneno e os risos o ferem. As explosões de alegria, os jogos de palavras, as fisionomias alteradas, toda a atmosfera malsã irritam-no e levam-no a declarar, mais cedo talvez do que o desejasse, *que esta charge de artista é má e que, além disto, deve ser mais cansativa para os que a empreenderam*. A comicidade ilumina todos os espíritos como um relâmpago. Houve um redobramento de alegria. "Esta *charge* pode ser boa para vocês, diz ele, mas para mim, não" – "Basta que seja boa para nós", replica egoisticamente um dos enfermos. Sem saber se está lidando com verdadeiros loucos ou com pessoas que simulam loucura, nosso homem crê que o mais sensato a fazer é retirar-se; mas alguém fecha a porta e esconde a chave. Um outro, ajoelhando-se diante dele, pede-lhe perdão em nome do círculo, e declara-lhe insolentemente, mas às lágrimas, que, apesar da inferioridade espiritual do músico, o que talvez provocasse um pouco de piedade, todos são tomados de uma profunda amizade por ele. Este resigna-se a ficar, e mesmo condescende, após súplicas veementes, em tocar um pouco de música. Mas os sons do violino, ao se difundirem pelo apartamento como um novo contágio, *arrebatam* (a palavra não é muito forte) ora um enfermo, ora outro. Eram suspiros roucos e profundos, soluços súbitos, rios de lágrimas silenciosas. O músico, assustado, interrompe sua música e, aproximando-se daquele cujo êxtase provocava maior ruído, pergunta-lhe se está sofrendo muito e o que seria necessário fazer para aliviá-lo. Um dos assistentes, *um homem prático*, sugere limonada e ácidos. Mas o enfermo, com êxtase no olhar, fita os dois com um desprezo indizível. Querer curar um homem doente de excesso de vida, doente de alegria!

Como se pode notar por este fato, a benevolência ocupa um espaço bastante amplo nas sensações causadas pelo haxixe; uma benevolência mole, preguiçosa, muda, derivada do abrandamento dos nervos. Como reforço a esta observação, uma pessoa me contou uma aventura pela qual passou neste estado de embriaguez; e como havia guardado uma lembrança muito exata de suas sensações, compreendi perfeitamente em que embaraço grotesco, inextricável, havia sido lançada por esta diferença de diapasão e de nível de

que falei há pouco. Não me lembro se era a primeira ou a segunda experiência do homem em questão. Haveria tomado uma dose um pouco forte demais, ou haveria o haxixe produzido, sem a ajuda de nenhuma outra causa aparente (o que acontece frequentemente), efeitos muito mais vigorosos? Contou-me que em meio ao seu prazer, este prazer supremo de sentir-se cheio de vida e de se acreditar tomado de genialidade, havia encontrado, subitamente, um objeto de terror. Seduzido inicialmente pela beleza de suas sensações, passou, de repente, a ser tomado de pânico. Perguntou-se o que aconteceria a sua inteligência e aos seus órgãos se este estado, que ele achava ser sobrenatural, fosse se agravando para sempre, se seus nervos tornassem-se cada vez mais delicados. Pela capacidade de amplificação que possui o olho espiritual do paciente, este medo deve ter sido um suplício inefável. “Eu era”, disse-me ele, “como um cavalo levado pela corrente até um abismo, querendo parar mas sem poder. Na verdade, era um galope assustador e meu pensamento, escravo da circunstância, do meio, do acidente e de tudo o que puder estar implicado na palavra *acaso*, havia tomado uma aparência pura e absolutamente rapsódica. É tarde demais! repetia para mim mesmo sem cessar com desespero. Quando terminou esta maneira de sentir, que me pareceu durar um tempo infinito e que levou talvez apenas alguns minutos, quando acreditei poder enfim mergulhar na beatitude, tão cara aos orientais, que sucede esta fase furibunda, fui oprimido por uma nova *infelicidade.* Uma nova inquietação, bem trivial e bem pueril, abateu-se sobre mim. Lembrei-me subitamente que estava convidado para um jantar, para uma reunião de homens sérios. Vi-me antecipadamente no meio de uma multidão bem-comportada e discreta onde cada um era mestre de si mesmo, obrigado a esconder cuidadosamente meu estado de espírito sob o brilho de numerosas lâmpadas. Acreditava que teria êxito, mas também sentia-me quase desmaiar ao pensar nos esforços de vontade que me seria necessário empregar. Por não sei que acidente, as palavras do Evangelho: ‘Infeliz aquele a quem o escândalo alcança!’ acabam de surgir em minha memória e, mesmo querendo esquecê-las, esforçando-me para esquecê-las, eu as repetia sem cessar em meu espírito. Minha infelicidade (pois era uma verdadeira infelicidade) tomou então proporções grandiosas. Resolvi, apesar de minha fraqueza, fazer ato de energia e consultar um farmacêutico, pois ignorava os reagentes e queria ir, com o espírito livre e desimpedido, ao mundo onde meu dever me chamava. Mas à porta da farmácia, fui tomado por um pensamento

súbito que me parou por alguns instantes e me pôs a refletir. Eu acabava de me observar, rapidamente, no espelho de uma vitrina e meu rosto me espantara. A palidez, os lábios contraídos, os olhos dilatados! Vou inquietar este pobre homem, disse-me, e por uma tolice! Acrescentem a isto o sentimento de ridículo que eu queria evitar, o receio de encontrar a farmácia cheia. Mas minha súbita benevolência por este boticário desconhecido dominou todos os meus outros sentimentos. Imaginava este homem tão sensível como eu mesmo neste instante funesto e como eu imaginava também, que seus ouvidos e sua alma deviam, como os meus, vibrar ao menor ruído, decidi entrar na sua farmácia na ponta dos pés. Eu não saberia, me dizia a mim mesmo, mostrar bastante discrição na casa de um homem cuja caridade eu iria sobressaltar. E eu me prometi diminuir o som da voz com o ruído de meus passos; você a conhece, a voz do haxixe? Grave, profunda, gutural e que se parece muito com a voz dos antigos comedores de ópio. O resultado foi o contrário do que queria obter. Decidido a tranquilizar o farmacêutico, eu o espantava. Ele não conhecia nada desta *doença*, nunca tinha ouvido falar. No entanto, observava-me com uma curiosidade misturada a uma alta dose de desconfiança. Tomava-me por um louco, um malfeitor ou um mendigo? Nem isto, nem aquilo, sem dúvida; mas todas estas ideias absurdas percorriam meu cérebro. Fui obrigado a explicar-lhe demoradamente (que cansaço!) o que era o confeito de cânhamo e a que servia, repetindo-lhe, sem cessar, que não havia perigo algum, que não havia, *para ele*, razão para alarmar-se e que pedia apenas um meio de alívio ou de reação, insistindo frequentemente na tristeza sincera que sentia por causar-lhe incômodo. Enfim, compreenda bem toda a humilhação contida para mim nestas palavras – ele pediu-me *que me retirasse.* Tal foi a recompensa a minha caridade e a minha benevolência excessivas. Fui à minha reunião; não escandalizei ninguém. Ninguém percebeu os esforços sobre-humanos que me foram necessários para ser igual aos outros. Mas não esquecerei jamais as torturas de uma embriaguez ultrapoética, molestada pelo decoro e contrariada por um dever!”

Embora naturalmente levado a simpatizar com todas as dores que nascem da imaginação, não pude deixar de rir deste relato. Seu autor não se corrigiu. Continuou a pedir ao confeito maldito a excitação que se deve procurar em si mesmo; mas como trata-se de um homem prudente, comportado, um *aristocrata*, diminuiu suas doses, o que permitiu-lhe um

aumento de frequência. Mais tarde, irá apreciar os frutos apodrecidos de sua higiene.

Voltemos ao desenvolvimento regular da embriaguez. Após esta primeira fase de alegria infantil, há como que um apaziguamento. Mas novos acontecimentos se anunciam, em seguida, por uma sensação de frescor nas extremidades (que pode mesmo tornar-se um frio muito intenso em alguns indivíduos) e uma grande fraqueza de todos os membros; você tem, agora, mãos de manteiga e em sua cabeça, em todo o seu ser, há um estupor e uma estupefação embaraçantes. Seus olhos dilatam-se; estão como que lançados em todos os sentidos por um êxtase implacável. Seu rosto inunda-se de palidez. Seus lábios se contraem e entram em sua boca, com o movimento da respiração ofegante que caracteriza todo homem presa de grandes projetos, oprimido por vastos pensamentos ou que simplesmente toma fôlego. A garganta se fecha, por assim dizer. O palato é ressecado por uma sede a qual seria infinitamente bom satisfazer se as delícias da preguiça não fossem mais agradáveis e não se opusessem à menor alteração do corpo. De seu peito, escapam suspiros roucos e profundos, como se o seu *velho* corpo não pudesse mais suportar os desejos e atividades de sua alma *nova*. De vez em quando, um tremor atravessa seu corpo e o obriga a um movimento involuntário, como estes sobressaltos que, ao fim de um dia de trabalho ou durante uma noite agitada, precedem o sono definitivo.

Antes de continuar, quero, a propósito desta sensação de frescor da qual falei acima, contar uma outra história que servirá para mostrar até que ponto os efeitos, mesmo os puramente físicos, podem variar segundo os indivíduos. Desta vez, é um literato quem fala, e em algumas passagens de seu relato poderemos, acredito, encontrar os indícios de um temperamento literário.

“Havia tomado”, disse-me ele, “uma dose moderada do extrato gorduroso e tudo ia bem. A crise de alegria doentia havia durado muito tempo, e encontrava-me em um estado de languidez e de admiração que se assemelhava à felicidade. Portanto, anunciava-se uma noite tranquila e sem preocupações. Infelizmente, o acaso me obrigou a acompanhar alguém ao teatro. Resolvi ser forte, decidido a esconder meu imenso desejo de preguiça e imobilidade. Como todos os carros de meu quarteirão já estavam ocupados, tive que me resignar a fazer um longo trajeto a pé, a caminhar através dos barulhos dissonantes dos carros, as conversas estúpidas dos passantes, todo um oceano de trivialidades. Um leve frescor já se havia anunciado na ponta

de meus dedos; logo transformou-se em um frio intenso, como se minhas duas mãos estivessem mergulhadas em um balde de água gelada. Mas não era um sofrimento; esta sensação quase aguda penetrava-me, sobretudo, como uma volúpia. Entretanto, parecia que o frio invadia-me cada vez mais, à medida que continuava minha interminável viagem. Perguntei duas ou três vezes à pessoa que me acompanhava se estava realmente fazendo muito frio; respondeu-me que, ao contrário, a temperatura estava quase morna. Finalmente instalado na sala, fechado na caixa que me havia sido destinada, com três ou quatro horas de repouso diante de mim, acreditei haver chegado a terra prometida. Irromperam então os sentimentos que eu havia repelido durante a caminhada, com toda a pobre energia de que dispunha, e abandonei-me livremente ao meu mudo frenesi. O frio aumentava sempre e, no entanto, via pessoas vestidas de roupas leves ou mesmo enxugando a testa com ar de cansaço. Fui tomado por uma ideia divertida, a de que eu era um homem privilegiado, o único a quem era dado o direito de ter frio no verão em uma sala de espetáculo. O frio aumentava a ponto de se tornar alarmante; mas eu estava, antes de tudo, dominado pela curiosidade de saber até que temperatura poderia descer. Enfim, chegou a tal ponto, foi tão completo, tão geral, que todas as minhas ideias se congelaram, por assim dizer; eu era um pedaço de gelo pensante; considerava-me uma estátua talhada em um só bloco de gelo; e esta alucinação louca deixava-me orgulhoso, provocava em mim um bem-estar moral que não saberia defini-lo para você. O que aumentava o meu prazer abominável era a certeza de que todos os assistentes ignoravam o meu estado e que superioridade eu tinha sobre eles; e também a felicidade de pensar que meu companheiro não duvidava um só instante das estranhas sensações pela qual eu passava! Recebia a recompensa pela minha dissimulação e minha volúpia excepcional era um verdadeiro segredo.

“De resto, mal entrei em meu camarote e meus olhos ficaram perturbados por uma impressão de trevas que me pareceu ter algum parentesco com a ideia de frio. É possível que estas duas ideias se tenham dado forças recíprocas. Você sabe que o haxixe invoca sempre magnificências de luz, esplendores gloriosos, cascatas de ouro líquido; toda luz lhe agrada, a que flui em camadas e a que, como lantejoulas, agarra-se às pontas e às asperidades, os candelabros dos salões, as velas do mês de Maria, as avalanchas de rosa do pôr do sol. Parecia que o miserável lustre emitia uma luz insuficiente para a minha sede insaciável de claridade; acreditei estar

entrando, como já lhe disse, em um mundo de trevas, que, aliás, aumentavam gradualmente, enquanto que eu imaginava noites polares e frios eternos. Quanto à cena (era uma cena consagrada ao gênero cômico), somente ela era luminosa, infinitamente pequena e afastada, muito afastada, como que na extremidade de um imenso estereoscópio. Não posso dizer que ouvia os artistas, você sabe que isso é impossível; às vezes meu pensamento agarrava um pedaço de frase, e, semelhante a uma bailarina hábil, servia-se dela como um trampolim para lançar-se em sonhos longínquos. Poderíamos dizer que faltam lógica e encadeamento a um drama ouvido desta maneira; é engano; descobri um sentido muito sutil no drama criado por minha distração. Nada me chocava e eu parecia um pouco com o poeta que, ao ver representarem *Esther* pela primeira vez, achou muito natural que Aman fizesse uma declaração de amor à rainha. Era, você pode adivinhar, o momento em que este lança-se aos pés de Esther para implorar perdão por seus crimes. Se todos os dramas fossem ouvidos segundo este método, muito ganhariam em beleza, mesmo os de Racine.

"Os atores me pareciam excessivamente pequenos e circundados por um contorno preciso e cuidadoso, como as figuras de Meissonier. Via distintamente não apenas os detalhes mais minuciosos de suas vestimentas, os desenhos do tecido, as costuras, os botões etc., mas também a linha de separação da testa falsa da verdadeira, o branco, o azul e o vermelho e todos os meios de se fazer uma máscara. E os liliputianos estavam revestidos por uma claridade fria e mágica, como a que um vidro bem claro acrescenta a uma pintura a óleo. Quando pude enfim sair deste jazigo de trevas geladas e, após dissipar-se a fantasmagoria interior, voltei a mim mesmo, senti uma preguiça maior que nenhum outro trabalho árduo e forçado tenha me causado."

É, na verdade, ao fim deste período de embriaguez que se manifesta uma sagacidade, uma acuidade superior a todos os sentidos. O olfato, a visão, a audição, o tato participam igualmente deste processo. Os olhos alcançam o infinito. O ouvido percebe sons quase inaudíveis no centro do maior tumulto. É aí então que começam as alucinações. Lentamente, sucessivamente, os objetos ganham aparências estranhas; deformam-se e se transformam. Em seguida, surgem os equívocos, os desprezos e as transposições de ideias. Os sons se revestem de cores e as cores contêm uma música. Isto, dirão, é muito natural, e todo cérebro poético em seu estado são e normal, facilmente

concebe estas analogias, mas já adverti o leitor de que não há nada de positivamente sobrenatural na embriaguez do haxixe; trata-se apenas de que estas analogias se revestem, então, de uma vivacidade fora do comum; penetram, invadem, oprimem o espírito com seu caráter despótico. As notas musicais se tornam números, e se seu espírito for dotado de alguma aptidão matemática, a melodia, a harmonia ouvida, mantendo seu caráter voluptuoso e sensual, transforma-se em uma vasta operação aritmética, onde os números geram números e cujas fases e gerações você acompanha com uma facilidade inexplicável e uma agilidade igual àquela do executante.

Acontece, às vezes, de desaparecer a personalidade, e a objetividade, que é própria aos poetas panteístas, desenvolve-se de modo tão anormal que a contemplação dos objetos externos faz com que você esqueça a sua própria existência e confunda-se, em seguida, com eles. Seu olhar se fixa em uma árvore harmoniosa curvada pelo vento. Em alguns segundos o que seria para o cérebro de um poeta apenas uma comparação bastante natural torna-se realidade para o seu. Primeiramente, você empresta à árvore as suas paixões, seus desejos ou sua melancolia; os gemidos e as oscilações tornam-se seus e, logo, você é a árvore. Da mesma forma, o pássaro que plana no fundo do céu *representa* inicialmente o imortal anseio de planar acima das coisas humanas; mas eis que você é o próprio pássaro. Eu o imagino sentado e fumando. Sua atenção repousará longamente sobre as nuvens azuladas que exalam de seu cachimbo. A ideia de uma evaporação, lenta, sucessiva, eterna, tomará conta de seu espírito, e você aplicará em seguida esta ideia aos seus próprios pensamentos, à sua matéria pensante. Por um estranho equívoco, por uma espécie de transposição ou de quiproquó intelectual, você se sentirá evaporando e atribuirá ao seu cachimbo (no qual você vai se sentir curvado e encolhido como o tabaco) a estranha faculdade de *fumá-lo*.

Por felicidade, esta imaginação interminável durou apenas um minuto, pois um intervalo de lucidez, com grande esforço, permitiu-lhe examinar o pêndulo. Mas você é levado por uma outra corrente de ideias; ela o transportará ainda por um minuto em seu turbilhão vivo, e este outro minuto será uma nova eternidade. Pois as proporções do tempo e do ser estão completamente alteradas pela multidão e pela intensidade de sensações e de ideias. Seria mesmo possível dizer que se vive várias vidas humanas no espaço de uma hora. Você não é então um romance fantástico que seria vivo em lugar de ser escrito? Não há mais harmonia entre os órgãos e os prazeres;

e é sobretudo desta consideração que surge a repreensão aplicável a este perigoso exercício onde desaparece a liberdade.

Quando falo de alucinação, é preciso não tomar a palavra em seu sentido mais estrito. Uma nuança muito importante distingue a alucinação pura, tal qual os médicos constantemente têm a oportunidade de estudar, da alucinação ou, melhor, do desprezo dos sentidos no estado mental ocasionado pelo haxixe. No primeiro caso, a alucinação é súbita, perfeita e fatal; além disto, não encontra nem pretexto nem desculpas no mundo dos objetos externos. O doente vê uma forma, ouve sons onde não há nada. No segundo caso, a alucinação é progressiva, quase involuntária, e não se torna perfeita, torna-se madura apenas pela ação da imaginação. Enfim, ela tem um pretexto. O som falará, dirá coisas distintas, mas havia um som. O olhar embriagado do homem tomado pelo haxixe verá formas estranhas; mas, antes de serem estranhas ou monstruosas, estas formas eram simples e naturais. A energia, a vivacidade realmente falante da alucinação na embriaguez não diminui em nada esta diferença original. Aquela tem a raiz no meio ambiente e no tempo presente e esta não.

Para melhor compreender esta efervescência da imaginação, esta maturação do sonho e este parto poético ao qual é condenado um cérebro intoxicado pelo haxixe, contarei ainda um fato curioso. Desta vez, não é um jovem ocioso quem fala e não é, tampouco, um homem de letras; é uma mulher, uma mulher um pouco madura, curiosa, de espírito excitável e que, tendo cedido à vontade de travar conhecimento com o veneno, descreve desta forma, para uma outra senhora, a principal de suas visões. Transcrevo literalmente:

“Ainda que tenham sido estranhas e novas as sensações que consegui com minha loucura de doze horas (doze ou vinte? na verdade, eu não sei dizer), não voltarei mais a elas. A excitação espiritual é viva demais, o cansaço que dela resulta, grande demais; e, em suma, vejo nesta criancice algo de criminoso. Enfim, cedi à curiosidade; e depois, era uma loucura incomum, na casa de velhos amigos, onde eu não via nenhum grande mal se perdesse um pouco de dignidade. Antes de mais nada, devo lhe dizer que este maldito haxixe é uma substância bem pérfida; acreditamos às vezes estar livres da embriaguez, mas é uma falsa calmaria. Há repousos e depois retomadas. Assim, pelas dez horas da noite, encontrei-me em um destes estados momentâneos; acreditei estar livre desta superabundância que me

havia causado tantos prazeres, é verdade, mas que não havia sido sem medo. Pus-me a cear com prazer, como que fatigada por uma longa viagem. Porque, até então, por prudência, eu me abstivera de comer. Mas, antes mesmo de me levantar da mesa, meu delírio me havia novamente surpreendido, como um gato a um rato, e o veneno pôs-se de novo a brincar com meu pobre cérebro. Embora minha casa não fosse longe do castelo de nossos amigos e houvesse um carro à minha disposição, sentia-me de tal maneira arrebatada pela necessidade de sonhar e de me entregar a esta irresistível loucura, que aceitei com prazer a oferta que me fizeram de me hospedarem até o dia seguinte. Você conhece o castelo; sabe que arrumaram, decoraram e remodelaram de maneira moderna toda a parte habitada pelos proprietários, mas que a parte geralmente inabitada foi deixada intacta, com seu velho estilo e sua velha decoração. Foi decidido que improvisariam um quarto para mim nesta parte do castelo, e escolheram, para isto, o menor quarto, uma espécie de camarim um pouco envelhecido e decrépito, mas que, apesar disto, tinha o seu encanto. É preciso que eu o descreva, mais ou menos, para você, a fim de que compreenda a estranha visão que me tomou uma noite inteira, sem que eu tivesse oportunidade de perceber a fuga das horas.

“Este camarim é muito pequeno, muito estreito. À altura da cornija, o teto toma a forma de uma abóbada; as paredes são recobertas por vidros estreitos e alongados, separados por telas em que foram pintadas paisagens no estilo negligente, dos cenários. À altura da cornija, sobre as quatro paredes, estão representadas diversas figuras alegóricas, umas em atitude de repouso, outras correndo ou girando. Sobre elas alguns pássaros brilhantes e flores. Atrás das figuras, ergue-se um gradil pintado de forma a dar uma impressão de relevo real e seguindo, naturalmente, a curva do teto. Este teto é dourado. Todos os interstícios entre as molduras e as figuras são, portanto, recobertos de ouro e no centro o ouro é interrompido apenas pelo emaranhado geométrico do gradil simulado. Você pode ver que tudo isto se parece um pouco com uma gaiola muito elegante, uma belíssima gaiola para um enorme pássaro. Devo acrescentar que a noite estava muito bela, muito transparente, a lua muito viva, a ponto de, mesmo após ter apagado a vela, toda a decoração continuar visível, não iluminada pelo olho do meu espírito, como você poderia crer, mas clareada por esta bela noite, cujos brilhos embaraçavam-se a todo este bordado de ouro, espelhos e cores mosqueadas.

“Espantei-me de início ao ver grandes espaços estenderem-se diante de

mim, ao meu lado, de todos os lados; eram margens límpidas e paisagens verdejantes que se refletiam nas águas tranquilas. Você pode adivinhar aí o efeito das telas repercutidas nos espelhos. Ao levantar os olhos, vi um sol poente, semelhante ao metal em fusão que se esfria. Era o ouro do teto; mas o gradil me fez pensar que eu estava em uma espécie de gaiola ou casa aberta de todos os lados no espaço e que eu estava separada de todas estas maravilhas apenas pelas barras de minha magnífica prisão. Inicialmente, ria de minha prisão. Mas, quanto mais a olhava, mais a magia aumentava, tomava vida, transparência e despótica realidade. A partir de então, a ideia de clausura dominou-me o espírito, sem prejudicar em demasia, devo dizer, os vários prazeres que tirava do espetáculo que se desdobrava em volta e acima de mim. Considerava-me presa por muito tempo, por milhares de anos, talvez, nesta gaiola suntuosa, em meio a estas paisagens feéricas, entre estes horizontes maravilhosos. Eu sonhava com a *Bela adormecida*, com expiações a sofrer, com uma futura libertação. Acima de minha cabeça, giravam pássaros brilhantes dos trópicos, e, como meu ouvido percebesse o som de sinetas no pescoço dos cavalos que caminhavam, ao longe, na estrada, os dois sentidos fundiram suas impressões em uma única ideia e eu atribuía aos pássaros este misterioso canto de cobre e acreditei que cantavam por uma garganta de metal. Evidentemente, eles falavam de mim e celebravam meu cativeiro. Macacos faziam cambalhotas, sátiros bufos pareciam divertir-se com esta prisioneira estendida, condenada à imobilidade. Mas todas as divindades mitológicas que observavam com um sorriso encantador, como que para me encorajar a suportar pacientemente o sortilégio e todas as pupilas deslizavam no canto das pálpebras como para se prenderem ao meu olhar. Concluí que se culpas antigas, se alguns pecados desconhecidos por mim mesma haviam necessitado este castigo temporário, eu podia contar, no entanto, com uma bondade superior que, condenando-me à prudência, oferecia-me prazeres mais graves que os prazeres de boneca que enchem nossa juventude. Você pode ver que as considerações morais não estavam ausentes de meu sonho; mas devo confessar que o prazer de contemplar estas formas e estas cores brilhantes, e de crer-me o centro de um drama fantástico, absorvia frequentemente todos os outros pensamentos. Este estado durou muito tempo, muitíssimo tempo... Durou até a manhã? isto eu ignoro. Vi subitamente o sol da manhã instalar-se em meu quarto; assaltou-me um vivo espanto, e apesar de todos os esforços de memória que pude fazer, foi-me

impossível saber se havia dormido ou se havia sofrido pacientemente uma deliciosa insônia. Há pouco era noite, e agora é dia! E, no entanto, eu havia vivido tanto, oh! tanto!... A noção do tempo ou, antes, a medida do tempo foi abolida e a noite inteira era mensurável para mim apenas pela profusão de meus pensamentos. Ainda que, deste ponto de vista, ela me tenha parecido longa, tive a impressão de que havia durado apenas alguns segundos ou então que não havia tomado lugar na eternidade.

"Não vou lhe falar de meu cansaço..., foi imenso. Dizem que o entusiasmo dos poetas e dos criadores assemelha-se ao que senti, embora eu sempre tenha imaginado que as pessoas encarregadas de nos emocionar devessem ser dotadas de um temperamento muito calmo; mas se o delírio poético assemelha-se ao que me foi proporcionado por uma pequena colherada de confeito, penso que os prazeres do público custam bem caro aos poetas, e não foi sem um certo bem-estar, uma satisfação prosaica, que enfim senti-me *em minha pessoa,* em minha pessoa intelectual, quero dizer, na vida real."

Eis uma mulher evidentemente razoável; mas vamos nos servir de seu relato apenas para tirarmos algumas notas úteis que completarão esta descrição bastante sumária das principais sensações engendradas pelo haxixe.

Ela falou da ceia como um prazer que chega bem a propósito, no momento em que uma bonança momentânea, mas que parecia definitiva, permitia-lhe voltar à vida real. Na verdade, há, como já disse, intermitências e falsas calmarias, e constantemente o haxixe determina uma fome voraz, quase sempre uma sede excessiva. Acontece que o jantar ou a ceia, no lugar de trazerem um repouso definitivo, criam uma reduplicação, uma crise vertiginosa da qual reclamava esta senhora, e que foi seguida de uma série de visões encantadoras, levemente tingidas de pavor, às quais resignou-se positivamente e de bom grado. A fome e a sede tirânicas em questão não se aplacam sem um certo esforço. Pois o homem se sente de tal maneira acima das coisas materiais ou, antes, está de tal forma dominado por sua embriaguez, que, para ele, é necessário desenvolver uma grande coragem para remover uma garrafa ou um garfo.

A crise definitiva determinada pela digestão dos alimentos é na verdade, muito violenta: é impossível combatê-la e semelhante estado não seria suportável se durasse demais e se em breve tempo não desse lugar a uma outra fase da embriaguez que, no caso acima citado, traduz-se por visões

esplêndidas, docemente terrificantes e, ao mesmo tempo, repletas de consolos. Este novo estado é chamado pelos orientais de *kief*. Já não se trata mais de algo turbulento e tumultuoso; é um êxtase calmo e imóvel, uma resignação gloriosa. Há muito que você já não é seu mestre, mas isto não lhe causa mais aflição alguma. A dor e a ideia de tempo desapareceram ou, se às vezes ousam produzir-se, são transfiguradas pela sensação dominante e estão, assim, em relação à sua forma habitual, como a melancolia poética está para a dor positiva.

Mas, antes de mais nada, notemos que no relato desta senhora (é neste sentido que o transcrevo) a alucinação é de um gênero ilegítimo e tira sua razão de ser do espetáculo exterior; o espírito é apenas um espelho onde o meio ambiente se reflete transformado de uma maneira exagerada. Em seguida, vemos intervir o que, com boa vontade, chamarei de alucinação moral: o indivíduo julga-se submetido a uma expiação; mas o temperamento feminino, que é pouco próprio à análise, não lhe permitiu notar o caráter singular e otimista da dita alucinação. O olhar benevolente das divindades do Olimpo é poetizado por um verniz essencialmente *haxixin.* Não diria que esta senhora tenha beirado o remorso; mas seus pensamentos, momentaneamente levados à melancolia e à lamentação, foram rapidamente coloridos de esperança. Esta é uma observação que teremos ainda ocasião de verificar.

Ela se referiu ao cansaço da manhã seguinte; na verdade, este cansaço é grande, mas não se manifesta imediatamente e, quando você se vê obrigado a admiti-lo, não o faz sem espanto. Pois, a início, quando você já constatou que um novo dia surgiu no horizonte de sua vida, você experimenta um surpreendente bem-estar; julga gozar de uma leveza de espírito maravilhosa. Mas, mal você se levanta e um velho resto de embriaguez acompanha-o e o atrasa como os grilhões de sua recente servidão. Suas pernas fracas conduzem-no com timidez e a cada minuto você teme quebrar-se como um objeto frágil. Uma grande lassidão (há pessoas que pretendem nesta lassidão um certo encanto) toma conta de seu espírito e expande-se por suas faculdades como a névoa na paisagem. Eis você, incapaz ainda por algumas horas de trabalho, ação e energia. É a punição pela prodigalidade ímpia com a qual gastou seus fluidos nervosos. Você disseminou sua personalidade aos quatro ventos do céu e, agora, que dificuldade encontra para reuni-la e concentrá-la!

IV

O HOMEM-DEUS

É tempo de deixar de lado toda esta prestidigitação e estas grandes marionetes nascidas da névoa dos cérebros infantis. Não temos de falar de coisas mais graves: modificações dos sentimentos humanos e, em uma palavra, a *moral* do haxixe?

Até o presente, fiz somente uma monografia sumária da embriaguez; limitei-me a acentuar os principais traços, sobretudo os materiais. Mas, o que é mais importante, creio, para o homem espiritual, é conhecer a ação do veneno sobre a parte espiritual do homem, isto é, o engrandecimento, a deformação e a exageração de seus sentimentos habituais e de suas percepções morais que apresentam, agora, em uma atmosfera excepcional, um verdadeiro fenômeno de refração.

O homem que, após se haver entregue por longo tempo ao ópio ou ao haxixe, pôde encontrar, enfraquecido como estava pelo hábito de sua servidão, a energia necessária para se libertar, se me assemelha a um prisioneiro evadido. Não inspira mais admiração que o homem prudente que nunca errou e que sempre teve o cuidado de evitar a tentação. Os ingleses frequentemente se servem, a propósito dos comedores de ópio, de termos que podem parecer excessivos somente aos inocentes de quem são desconhecidos os horrores desta degradação: *enchained, fettered, enslaved!* Grilhões, na verdade, perto dos quais todos os outros, grilhões do dever, grilhões do amor ilegítimo, são apenas tramas de gaze e teias de aranha! Assustador casamento do homem consigo mesmo! “Tornei-me escravo do ópio; ele me tinha em suas mãos, e todos os meus trabalhos e planos haviam tomado a cor dos meus sonhos”, disse o esposo de Ligeia; mas em quantas maravilhosas passagens Edgar Poe, este poeta incomparável, este filósofo irrefutável, que se deve sempre citar a propósito das misteriosas doenças do espírito, não descreve os sombrios e atraentes esplendores do ópio? O amante da luminosa Berenice, Egeus, o metafísico, fala de uma alteração de suas faculdades que o obriga a dar um valor nominal, monstruoso, aos fenômenos mais simples: “Refletir infatigavelmente por longas horas, a atenção fixa em qualquer citação pueril na margem ou no texto de um livro –, permanecer absorto, a maior parte de

um dia de verão em uma estranha sombra que se alonga obliquamente na tapeçaria e no soalho –, esquecer-me de mim mesmo uma noite inteira a observar a chama erecta de uma lâmpada ou as brasas da lareira –, divagar dias inteiros sobre o perfume de uma flor –, repetir de maneira monótona qualquer palavra vulgar, até que o som, à força de ser repetido, cesse de apresentar ao espírito uma ideia qualquer –, tais eram algumas das mais comuns e das menos perniciosas aberrações de minhas faculdades mentais, aberrações que, sem dúvida, encontram exemplos, mas que desafiam certamente toda explicação e toda análise". E o nervoso Auguste Bedloe que a cada manhã, antes do passeio, engole sua dose de ópio, revela-nos que o principal benefício que obtém deste envenenamento diário é dar a todas as coisas, mesmo as mais triviais, um interesse exagerado: "Entretanto, o ópio produzira seu efeito costumeiro, que é revestir todo o mundo exterior de uma intensidade de interesses. No tremular de uma folha –, na cor da relva –, na forma de um trevo –, no zumbido de uma abelha –, no brilho de uma gota de orvalho –, no suspiro do vento –, nos vagos odores vindos da floresta –, produzia-se todo um mundo de inspirações, uma procissão magnífica e matizada de pensamentos desordenados e rapsódicos".

Assim se exprime, pela boca de suas personagens, o mestre do horrível, o príncipe do mistério. Estas duas características do ópio são perfeitamente aplicáveis ao haxixe; tanto em um quanto em outro, a inteligência, ainda há pouco livre, torna-se escrava; mas a palavra *rapsódico*, que define tão bem um aglomerado de pensamentos sugerido e comandado pelo mundo exterior e pelo acaso das circunstâncias, é de uma verdade mais verossímil e mais terrível no caso do haxixe. Aqui, o raciocínio são destroços à mercê de todas as correntes e o aglomerado de pensamentos é *infinitamente mais* acelerado e mais *rapsódico*. Isto equivale a dizer, creio, de uma maneira bastante clara, que o haxixe é, em seu efeito presente, muito mais veemente que o ópio, muito mais inimigo da vida regular em uma palavra, muito mais perturbador. Ignoro se dez anos de intoxicação pelo haxixe levarão a desastres iguais aos causados por dez anos de regime de ópio; afirmo, pela hora presente e pelo amanhã, que o haxixe tem resultados mais funestos; o primeiro é um sedutor pacífico, o outro, um demônio desordenado.

Pretendo, nesta primeira parte, definir e analisar a devastação moral causada por esta ginástica perigosa e delicada, devastação tão grande, perigo tão profundo, que aqueles que retornaram do combate apenas levemente

avariados assemelham-se a valentes, salvos da caverna de um Proteu multiforme, Orfeus vencedores do Inferno. Mesmo que veja, se quiserem, esta forma de linguagem como uma metáfora excessiva, confessarei que os venenos excitantes me parecem não somente um dos mais terríveis e dos mais seguros meios dos quais dispõe o Espírito das Trevas para seduzir e subjugar a deplorável humanidade, mas também uma de suas mais perfeitas incorporações.

Desta vez, para abreviar minha tarefa e tornar mais clara minha análise, em lugar de unir fatos esparsos, acumularei sobre uma só personagem fictícia um grande número de observações. Devo, portanto, supor uma alma de minha escolha. Em suas *Confessions*[1], De Quincey afirma com razão que o ópio, em lugar de adormecer o homem, excita-o, mas apenas por sua via natural, e que, desta forma, para julgar as maravilhas do ópio, seria absurdo relatá-las a um mercador de bois; pois este imaginará apenas bois e pastagens. Ora, não tenho de descrever as pesadas fantasias de um lavrador embriagado de haxixe; quem as leria com prazer? Quem consentiria em lê-las? Para idealizar meu indivíduo, devo concentrar todos os raios em um círculo único, devo polarizá-los; e o círculo trágico onde irei reuni-los será, como já disse, uma alma de minha escolha algo análogo ao que o século XVIII chamava de *homem sensível*, ao que a escola romântica denominava *homem incompreendido* e ao que as famílias e a massa burguesa geralmente difamam com o epíteto de *original.*

Um temperamento meio nervoso, meio bilioso, assim é o mais favorável às evoluções de semelhante embriaguez; acrescentemos um espírito culto, habituado aos estudos da forma e da cor; um coração, terno, fatigado pela infelicidade, mas ainda pronto para o rejuvenescimento; iremos, se assim quiserem, até o ponto de admitir antigas culpas e, o que deve resultar em uma natureza facilmente excitável, senão remorsos positivos, ao menos o arrependimento do tempo profanado e mal-empregado. O gosto pela metafísica, o conhecimento das diferentes hipóteses da filosofia sobre o destino humano, não são certamente complementos inúteis –, não mais que este amor pela virtude, pela virtude abstrata, estoica ou mística, que é posto em todos os livros de que se nutre a infância moderna, como o mais alto cume que uma alma honrada possa escalar. Se acrescentamos a tudo isto uma grande sutileza de sentimentos que omiti como condição suplementar, creio ter reunido os elementos gerais mais comuns ao homem sensível moderno do

que poderíamos chamar de *forma banal da originalidade*. Vejamos agora o que acontecerá a esta individualidade levada a extremos pelo haxixe. Sigamos esta procissão da imaginação humana até sob seu último e mais esplêndido repositório, até a crença do indivíduo em sua própria divindade.

Se você é uma destas almas, seu amor inato pela forma e pela cor encontrará inicialmente imenso alento nos primeiros desenvolvimentos de sua embriaguez. As cores ganharão uma energia inusitada e penetrarão o cérebro com uma intensidade vitoriosa. Delicadas, medíocres, ou mesmo más, as pinturas dos tetos irão se revestir de uma vitalidade assustadora; os mais grosseiros papéis que cobrem as paredes das estalagens se transformarão em esplêndidos dioramas. As ninfas de pele resplandecente o observam com grandes olhos mais profundos e mais límpidos que o céu e a água; as personagens da antiguidade, ridiculamente vestidas com seus trajes sacerdotais ou militares, trocam com você, por um simples olhar, solenes confidências. A sinuosidade das linhas é uma linguagem definitivamente clara onde você lê a agitação e o desejo das almas. Entrementes, desenvolve-se esse estado misterioso e temporário do espírito, onde a profundidade da vida, sobrecarregada de seus múltiplos problemas, se revela completamente no espetáculo, por mais trivial e natural que seja, que se nos apresenta aos olhos –, onde o primeiro objeto que nos chega torna-se símbolo falante. Fourier e Swedenborg, aquele com suas *analogias*, este com sua *correspondência*, encarnam-se no vegetal e no animal que se apresentam ao alcance de seu olhar e em lugar de ensinarem pela voz, eles o doutrinam pela forma e pela cor. A inteligência da alegoria toma em você proporções desconhecidas por você mesmo; notaremos, de passagem, que a alegoria, este gênero tão *espiritual*, que os pintores ineptos nos acostumaram a desprezar, mas que é realmente uma das formas primitivas e das mais naturais da poesia, retoma seu domínio legítimo na inteligência iluminada pela embriaguez. O haxixe se estende então sobre toda a vida como um verniz mágico; colore-a com solenidade e aclara-lhe toda a profundeza. Paisagens recortadas, horizontes fugazes, perspectivas de cidades embranquecidas pela lividez cadavérica da tempestade ou iluminadas pelos ardores concentrados dos sóis poentes –, profundeza do espaço, alegoria da profundidade do tempo –, a dança, os gestos ou a declaração dos atores, se você houver entrado em um teatro –, a primeira fase lida, se seu olhar cair sobre um livro –, tudo enfim, o universo dos seres ergue-se diante de você com uma nova glória não

suspeitada até então. A gramática, a própria árida gramática, torna-se algo como uma feitiçaria evocadora, as palavras ressuscitam revestidas de carne e de osso, o substantivo, em uma majestade substancial, o adjetivo, vestimenta transparente que o envolve e o colore com um tom brando e diáfano, e o verbo, anjo do movimento que dá impulso à frase. A música, outra língua cara aos preguiçosos e aos espíritos profundos que buscam o lazer na variedade do trabalho, fala-lhe de você mesmo e narra-lhe o poema de sua vida: incorpora-se em você e você nela se funde. Ela conta sua paixão, não de uma maneira vaga e indefinida, como faz em suas noites ociosas em dia de ópera, mas de uma maneira circunstancial, positiva, com cada movimento do ritmo marcando um movimento conhecido de sua alma, cada nota transformando-se em palavra e o poema inteiro entrando em seu cérebro como um dicionário dotado de vida.

Não é preciso acreditar que todos estes fenômenos se produzem no espírito de maneira confusa, com o tom agudo da realidade e a desordem da vida exterior. O olhar interior transforma tudo e dá a todas as coisas o complemento de beleza que lhes falta para que sejam verdadeiramente dignas de nos serem agradáveis. É ainda nesta fase essencialmente voluptuosa e sensual que é preciso retirar o amor das águas límpidas, correntes ou estagnadas, que se desenvolve tão espantosamente na embriaguez cerebral de alguns artistas. Os espelhos tornam-se um pretexto para este devaneio que se assemelha a uma sede espiritual, conjugada à sede física que resseca a garganta, e da qual já falei anteriormente; as águas fugazes, os *jatos* d'água, as cascatas harmoniosas, a imensidão azul do mar, correm, cantam, dormem com um encanto inexprimível. A água se apresenta como uma feiticeira e, embora não acredite muito nas loucuras furiosas causadas pelo haxixe, eu não afirmaria que a contemplação de um abismo límpido seja totalmente sem perigo para um espírito apaixonado pelo espaço e pelo cristal, e que a velha fábula de Ondina não possa tornar-se para o entusiasta uma trágica realidade.

Creio ter falado suficientemente do aumento monstruoso do tempo e do espaço, duas ideias sempre conexas, mas que o espírito afronta então sem tristeza e sem medo. Ele olha com uma certa delícia melancólica através dos anos profundos e se entranha audaciosamente nas infinitas perspectivas. Já adivinhamos, presumo, que este aumento anormal e tirânico se aplica igualmente a todos os sentimentos e a todas as ideias; da mesma forma à benevolência; a este respeito, acredito ter dado uma boa amostra; da mesma

forma ao amor. A ideia de beleza deve naturalmente apoderar-se de um vasto local no temperamento espiritual como supus. A harmonia, o equilíbrio das linhas, a eurritmia dos movimentos, surgem ao sonhador como necessidades, como *deveres*, não apenas para todos os seres da criação, mas para ele próprio, o sonhador, que se acha, neste período da crise, dotado de uma maravilhosa aptidão para compreender o ritmo imortal e universal. E se ao nosso fanático falta-lhe beleza pessoal não pensem que ele sofre por longo tempo por uma confissão a qual sente-se obrigado a fazer, nem que se vê como uma nota distoante do mundo de harmonia e beleza improvisado por sua imaginação. Os sofismas do haxixe são numerosos e admiráveis, tendendo, geralmente, ao otimismo e um dos principais, o mais eficaz, é o que transforma o desejo em realidade. Sem dúvida, acontece o mesmo em muitos casos da vida diária, mas aqui com muito mais ardor e sutileza! Além disto, como um ser tão bem-dotado para compreender a harmonia, uma espécie de sacerdote do Belo, poderia ser uma exceção e uma nódoa em sua própria teoria? A beleza moral e seu poder, a graça e suas seduções, a eloquência e suas proezas, todas estas ideias se apresentam logo como corretivos de uma feiura indiscreta, em seguida como consoladores, enfim, como aduladores perfeitos de um cetro imaginário.

Quanto ao amor, já ouvi muitas pessoas, levadas por uma curiosidade colegial, indagarem àquelas a quem era familiar o uso do haxixe. O que pode ser esta embriaguez do amor, já tão poderosa em seu estado natural, quando está encerrada em outra embriaguez, como o sol dentro de um sol? Tal é a questão que será levantada por uma multidão de espíritos que chamarei de néscios do mundo intelectual. Para responder a uma insinuação desonesta, nesta parte da questão que não ousa se produzir, enviarei o leitor a Plínio que mencionou em algum lugar as propriedades do cânhamo de maneira a dissipar sobre este assunto muitas ilusões. Sabe-se, além disto, que a atonia é o resultado mais comum do abuso que os homens fazem de seus nervos e das substâncias próprias a excitá-los. Ora, como não se trata aqui de poder afetivo, mas de emoção ou de suscetibilidade, rogarei simplesmente ao leitor que considere que a imaginação de um homem nervoso, embriagado pelo haxixe, é levada até um grau prodigioso tão pouco determinável como a força extrema possível do vento em uma borrasca, e seus sentidos aprimorados a um ponto quase também difícil de definir. É, portanto, permitido crer que uma leve carícia, a mais inocente de todas, um aperto de mãos, por exemplo,

pode ter um valor centuplicado pelo atual estado da alma e dos sentidos e pode conduzi-los, talvez, de maneira rápida, até esta síncope considerada pelos vulgares mortais como o *summum* da felicidade. Mas que o haxixe desperta, em uma imaginação constantemente tomada pelas coisas do amor, lembranças suaves, as quais a dor e a infelicidade chegam a dar um lustre novo, isto é indubitável. Não é menos certo que uma forte dose de sensualidade se mistura a estas agitações do espírito; e, além disto, não é inútil notar, o que bastaria para constatar a este respeito a imoralidade do haxixe, que uma seita de ismaelitas (é dos Ismaelitas que saíram os Assassinos) levava suas adorações muito além da imparcial Lingam, isto é, até o culto absoluto e exclusivo da metade feminina do símbolo. Nada mais natural, sendo cada homem a representação da história, que ver uma heresia, obscena, uma religião monstruosa produzir-se no espírito que está negligentemente à mercê de uma droga infernal e que sorri à dilapidação de suas próprias faculdades.

Já que vimos manifestar-se na embriaguez do haxixe uma benevolência singular aplicada até mesmo aos desconhecidos, uma espécie de filantropia feita antes de piedade que de amor (é aqui que se mostra o primeiro germe do espírito satânico que se desenvolverá de maneira extraordinária), mas que vai até o medo de afligir quem quer que seja, podemos adivinhar em que pode se transformar a sentimentalidade localizada, aplicada a uma pessoa querida, desempenhando ou tendo desempenhado um papel importante na vida moral do enfermo. O culto, a adoração, a prece, os sonhos de felicidade se projetam e se arremessam com a energia ambiciosa e o brilho de um fogo de artifício; como a pólvora e as matérias corantes do fogo ofuscam e se esvaem nas trevas. Não há combinação sentimental à qual não possa se prestar o submisso amor de um escravo do haxixe. O gosto pela proteção, um sentimento de ardente e devoto paternalismo pode unir-se a uma sensualidade culpada que o haxixe poderá sempre desculpar e absolver. Vai ainda mais longe. Imagino faltas cometidas que deixaram na alma rastros amargos, um marido ou um amante que contempla somente com tristeza (em seu estado normal) um passado tempestuoso; estas amarguras podem então se transformar em doçuras, a necessidade de perdão torna a imaginação mais hábil e suplicante, e o próprio remorso, neste drama diabólico que se exprime apenas por um longo monólogo, pode agir como excitante e aquecer poderosamente o entusiasmo do coração. Sim, o remorso! Estava eu errado

ao dizer que o haxixe aparecia, a um espírito verdadeiramente filosófico, como um perfeito instrumento satânico? O remorso, estranho ingrediente do prazer, perde-se logo na deliciosa contemplação do remorso, em uma espécie de análise voluptuosa; e esta análise é tão rápida, que o homem, este diabo natural, para falar como os swedenborguianos, não percebe o quanto ela é involuntária e o quanto, de segundo em segundo, ele se aproxima da perfeição diabólica. Ele *admira* seu remorso e se glorifica, enquanto perde sua liberdade.

Eis, portanto, meu homem suposto, o espírito de minha escolha chegado a este grau de prazer e serenidade, onde é *levado* a admirar-se a si mesmo. Toda contradição desaparece, todos os problemas filosóficos tornam-se límpidos, ou pelo menos assim parecem. Tudo é motivo de prazer. A plenitude de sua vida atual lhe inspira um orgulho desmesurado. Uma voz nele fala (infeliz! é a sua própria voz) e lhe diz: “Você tem agora o direito de se considerar superior a todos os homens; ninguém conhece ou poderia compreender tudo o que você pensa e sente; seriam mesmo incapazes de apreciar a benevolência que lhe inspiram. Você é um rei que os passantes desconhecem, e que vive na solidão de sua convicção: mas que importa? Você por acaso não possui este desprezo soberano que torna a alma tão boa?”

No entanto, podemos imaginar que, de tempo em tempo, uma lembrança mordaz atravessa e corrompe esta felicidade. Uma sugestão fornecida pelo exterior pode reanimar um passado desagradável de ser contemplado. De quantas ações tolas ou vis não está cheio o passado, que são verdadeiramente indignas deste rei do pensamento e que profanam sua dignidade ideal? Creiam que o homem com haxixe afrontará corajosamente estes fantasmas repletos de reprovações e também que saberá tirar destas lembranças medonhas novos elementos de prazer e orgulho. Tal será a evolução de seu raciocínio: passada a primeira sensação de dor, analisará curiosamente esta ação ou este sentimento cuja lembrança perturbou sua atual glorificação, os motivos que fizeram-no agir então, as circunstâncias nas quais se encontrava, e se não vê nestas circunstâncias razões suficientes, senão para absorver, ao menos para atenuar seu pecado, não pensem que ele se dará por vencido! Assisto ao seu raciocinar como ao jogo de um mecanismo sob um vidro transparente: “Esta ação ridícula covarde ou vil, cuja lembrança agitou-me por um momento, está em completa contradição com a minha verdadeira natureza, minha natureza atual e a própria energia com a qual a condeno, o

cuidado inquisitorial com o qual a analiso e a julgo, provam minhas altas e divinas aptidões para a virtude. Quantos homens encontraríamos no mundo tão hábeis para se julgarem, tão severos para se condenarem?” E não apenas ele se condena como também se glorifica. Com a horrível lembrança absorta desta forma na contemplação de uma virtude ideal, de uma caridade ideal, de um gênio ideal, entrega-se candidamente à sua triunfante orgia espiritual. Temos visto que, ao contrafazer de maneira sacrílega o sacramento da penitência, penitente e confessor a um só tempo, ele absolveu-se facilmente ou, pior ainda, tirou de sua condenação um novo alento para seu orgulho. Agora, da contemplacão de seus sonhos e de seus projetos de virtudes, decidiu-se pela sua aptidão prática à virtude; a energia apaixonante com a qual ele abraça este fantasma de virtude parece-lhe prova suficiente, peremptória da energia viril necessária para a realização de seu ideal. Confunde completamente o sonho com a ação, e com sua imaginação aquecendo-se mais e mais diante do espetáculo encantador de sua própria natureza corrigida e idealizada, substituindo por esta imagem fascinante de si próprio o seu indivíduo real, tão pobre em vontade, tão rico em vaidade, termina por decretar sua apoteose nestes termos nítidos e simples que contêm para ele todo um mundo de abomináveis prazeres: “Sou o mais virtuoso dos homens!”

Isto não os faz lembrar de Jean-Jacques que, ele também, após haver se confessado ao universo, não sem uma certa voluptuosidade, ousou soltar o mesmo grito de triunfo (ou pelo menos a diferença é bem pequena) com a mesma sinceridade e a mesma convicção? O entusiasmo com o qual ele admirava a virtude, o enternecimento nervoso que enchia de lágrimas os seus olhos à visão de uma bela ação, ou ao pensamento de todas as belas ações que teria querido praticar, bastavam para lhe dar uma ideia superlativa de seu valor real. Jean-Jacques embriagou-se sem haxixe.

Devo continuar ainda a análise desta vitoriosa monomania? Devo explicar como, sob o império do veneno, meu homem fez-se logo centro do universo? Como torna-se a expressão viva e exagerada do provérbio que diz que a paixão a ela tudo leva? Ele crê em sua virtude e em seu gênio; não se lhe adivinha o fim? Todos os objetos circundantes são, da mesma forma, sugestões que agitam nele um mundo de pensamentos todos mais coloridos, mais vivos, mais sutis que nunca, e revestidos de um verniz mágico. “Estas cidades magníficas, diz-se, onde os edifícios soberbos estão distribuídos

como nos cenários –, estes belos barcos balançados pelas águas da enseada em uma ociosidade nostálgica e que parecem traduzir nosso pensamento: quando partiremos para a felicidade? – estes museus repletos de belas formas e cores embriagantes –, estas bibliotecas onde se acumulam os trabalhos da Ciência e os sonhos da Musa –, estes instrumentos reunidos que falam com uma só voz –, estas mulheres fascinantes, mais encantadoras ainda pela ciência do ornamento e pela economia do olhar –, todas estas coisas foram criadas *para mim, para mim, para mim*! Para mim, a humanidade trabalhou, foi martirizada, imolada –, para servir de alento, de *pabulum*, ao meu implacável apetite de emoção, de conhecimento e de beleza!" Salto e abrevio. Ninguém ficará surpreso se um pensamento final, supremo, brotar do cérebro do sonhador: "Tornei-me um Deus!" Se um grito selvagem, ardente, arrojar-se de seu peito com uma tal energia, um tal poder de projeção que, se as vontades e as crenças de um homem ébrio tivessem uma virtude eficaz, este grito reviraria os anjos disseminados nos caminhos do céu: "Sou um deus!" Mas logo este furacão de orgulho se transforma em uma temperatura de êxtase calmo, mudo, repousado, e a universalidade dos seres se apresenta colorida e como que iluminada por uma aurora sulfurosa. Se por acaso uma vaga lembrança penetra na alma deste deplorável feliz: não haveria um outro deus? estejam certos de que ele tomará uma atitude altiva diante *daquele*, discutirá suas vontades e o afrontará sem temor. Qual o filósofo francês que, para ridicularizar as modernas doutrinas alemãs, dizia: "Sou um deus que jantou mal?" Esta ironia não afligiria um espírito enlevado pelo haxixe e ele responderia tranquilamente: "É possível que tenha jantado mal, mas eu sou um deus".

[**1**]*Confissões de um comedor de ópio*, Thomas De Quincey, publicado pela L&PM Editores em 1982.

V

MORAL

Mas o dia seguinte! o terrível dia seguinte! todos os órgãos relaxados, cansados, os nervos acalmados, os titilantes desejos de chorar, a impossibilidade de se dedicar a um trabalho contínuo, mostram-lhe cruelmente que você se entregou a um jogo proibido. A natureza medonha, despojada de sua iluminação da véspera, assemelha-se aos restos melancólicos de uma festa. A vontade, sobretudo, é atacada, de todas as faculdades a mais preciosa. Dizem, e é quase verdade, que esta substância não causa nenhum mal físico, nenhum mal grave, ao menos. Mas é possível afirmar que um homem incapaz de ação, e próprio somente aos sonhos, se portaria realmente bem, mesmo quando todos os seus membros estivessem em bom estado? Ora, conhecemos bem a natureza humana para saber que um homem que pode, com uma colherada de confeito, alcançar instantaneamente todos os bens do céu e da terra, não ganharia jamais a milésima parte destes bens pelo trabalho. É possível imaginar um Estado onde todos os cidadãos se embriagassem de haxixe? Que cidadãos! que guerreiros! que legisladores! Mesmo no Oriente, onde o seu uso é tão difundido, há governos que compreenderam a necessidade de proscrevê-lo. Na verdade, é proibido ao homem, sob pena de degradação e morte intelectual, de desordenar as condições primordiais de sua existência e de romper o equilíbrio de suas faculdades com o meio onde elas estão destinadas a se moverem, em uma palavra, de desordenar seu destino para substituí-lo por uma fatalidade de gênero novo. Lembremo-nos de Melmoth, este admirável símbolo. Seu sofrimento assustador jaz na desproporção entre suas maravilhosas faculdades, adquiridas instantaneamente por um pacto satânico, e o meio em que, como criatura de Deus, está condenado a viver. E nenhum daqueles que quer seduzir consente em comprar-lhe, nas mesmas condições, seu terrível privilégio. Na verdade, todo homem que não aceita as condições da vida, vende sua alma. É fácil perceber a relação que existe entre as criações satânicas dos poetas e as criaturas vivas que se devotam aos excitantes. O

homem quis ser Deus e, em seguida, ei-lo, em virtude de uma lei moral incontrolável, posto abaixo de sua real natureza. É uma alma que se vende a granel.

Balzac pensava sem dúvida que não há para o homem vergonha maior nem sofrimento mais vívido que a abdicação de sua vontade. Eu o vi uma vez, em uma reunião onde se tratava dos efeitos prodigiosos do haxixe. Ele escutava e questionava com uma atenção e uma vivacidade divertidas. As pessoas que o conheciam supõem que ele devia estar interessado. Mas a ideia deste desejo mesmo que involuntária, chocava-o vivamente. Apresentaram-lhe um pouco de *dawamesk;* ele o examinou, cheirou e devolveu sem tocar. A luta entre sua curiosidade quase infantil e sua repugnância à renúncia traía-se em seu rosto de maneira tocante. Conduzia-o o amor pela dignidade. Na verdade, é difícil imaginar o teórico da *vontade*, este gêmeo espiritual de Louis Lambert, consentindo em perder uma parcela desta preciosa *substância*.

Apesar dos admiráveis serviços prestados pelo éter e pelo clorofórmio, parece-me que, do ponto de vista da filosofia espiritualista, o mesmo estigma moral se aplica a todas as invenções modernas que tendem a diminuir a liberdade humana e a indispensável dor. Não foi sem uma certa admiração que ouvi uma vez o paradoxo de um oficial que me contava a operação cruel feita em um general francês em El-Aghouat, e da qual este morreu apesar do clorofórmio. O general era um homem valente e até algo mais, uma destas almas a quem se aplica naturalmente o termo: cavalheiresco. “Não era”, disse-me ele, “o clorofórmio o que lhe faltava, mas os olhares de todo o seu exército e a música dos regimentos. Desta forma, talvez pudesse ser salvo!” O cirurgião não era da mesma opinião que o oficial; mas o capelão teria, sem dúvida, admirado este sentimento.

É realmente supérfluo, após todas estas considerações, insistir no caráter imoral do haxixe. Mesmo que eu o compare ao suicídio, a um suicídio lento, a uma arma sempre sanguinolenta e sempre afiada, nenhum espírito razoável terá em que me censurar. Mesmo que eu o associe à feitiçaria, à magia, que querem, ao operarem sobre a matéria, e por meio de arcanos, cuja falsidade não pode ser melhor provada que sua eficiência, conquistar um domínio proibido ao homem ou permitido somente àquele considerado digno, nenhuma alma filosófica criticará esta comparação. Se a Igreja condena a magia e a feitiçaria, é que elas militam contra as invenções de Deus,

suprimem o trabalho do tempo e querem tornar supérfluas as condições de pureza e moralidade; e que ela, a Igreja, apenas considera legítimos, verdadeiros, os tesouros ganhos pela boa intenção assídua. Chamamos de trapaceiro o jogador que achou um meio de jogar para ganhar infalivelmente; como denominaremos o homem que quer comprar, com alguns trocados, a felicidade e o gênio? É a própria infalibilidade do meio que constitui a imoralidade, como a suposta infalibilidade da magia lhe impõe seu estigma infernal. Seria necessário acrescentar que o haxixe, como todos os prazeres solitários, torna o indivíduo inútil aos homens e a sociedade supérflua para o indivíduo, levando-o a se admirar a si próprio sem cessar e empurrando-o, dia a dia, ao abismo luminoso onde ele admira sua face de Narciso?

E se ainda, à custa de sua dignidade, de sua honestidade e de seu 1ivre arbítrio, o homem pudesse tirar do haxixe grandes benefícios espirituais, fazer dele uma espécie de máquina de pensar, um instrumento fecundo? É uma indagação que ouvi sempre ser feita e a respondo. Primeiramente, como expliquei longamente, o haxixe não revela ao indivíduo nada além do próprio indivíduo. É verdade que este indivíduo é, por assim dizer, elevado ao cubo e levado ao extremo. E como é igualmente certo que a memória das impressões sobrevive à orgia, a esperança destes *utilizadores* não parece à primeira vista totalmente desprovida de razão. Mas rogarei que observem que os pensamentos, dos quais contam com tirar um partido tão grande, não são realmente tão belos quanto parecem em seus disfarces momentâneos e recobertos de ouropéis mágicos. Tais pensamentos estão mais para a terra que para o céu, e devem uma grande parte de sua beleza à agitação nervosa, à avidez com a qual o espírito se lança sobre eles. Em seguida, esta esperança é um círculo vicioso: admitindo por um instante que o haxixe suscita ou pelo menos aumenta o gênio, esquecem que é da natureza do haxixe diminuir a vontade e que, desta forma, dá de um lado o que tira do outro, isto é, a imaginação sem a faculdade de dela tirar proveitos. Enfim, há que sonhar, imaginando um homem correto e vigoroso o suficiente para se preservar esta alternativa, deste outro perigo, fatal, terrível, que é o de todos os hábitos. Todos se transformam logo em necessidade. Aquele que puder recorrer a um veneno *para* pensar, em breve não poderá mais pensar *sem* veneno. É possível supor o terrível destino de um homem cuja imaginação paralisada não soubesse mais funcionar sem o recurso do haxixe ou do ópio?

Nos estudos filosóficos, o espírito humano, à imitação da marcha dos

astros, deve seguir uma curva que o devolva a seu ponto de partida. Concluir é fechar um círculo. No começo, falei deste estado maravilhoso onde o espírito do homem se encontrava, às vezes, lançado como que por uma graça especial; disse que ao ansiar incessantemente a reanimação de suas esperanças e a sua elevação ao infinito ele mostrava, em todos os países e em todos os tempos, um gosto frenético por todas as substâncias, mesmo que perigosas, e, ao exaltar sua personalidade, pudessem suscitar por um instante aos seus olhos este paraíso de segunda mão, objeto de todos os seus desejos e disse, enfim, que este espírito arrojado levado, sem o saber, até o inferno, confirmava assim a sua grandeza original. Mas o homem não está tão abandonado, tão privado de meios honestos para ganhar o céu, a ponto de ser obrigado a invocar as drogas e a feitiçaria, não é necessário vender sua alma para pagar as carícias embriagantes e a amizade das huris. Que paraíso é este comprado à custa de sua saúde eterna? Imagino um homem (um brâmane? um poeta? um filósofo cristão?) colocado no árduo Olimpo da espiritualidade, à sua volta as Musas de Rafael ou de Mantegna, para consolá-lo de seus longos jejuns e de suas preces assíduas, combinam-se nas mais nobres, olham-no com seus mais doces olhares e seus mais iluminados sorrisos; o divino Apolo, mestre em tudo saber (o de Francavilla, de Albert Durer, de Goltzius ou de qualquer outro, que importa? não há um Apolo para todo homem que o mereça?), acaricia com seu arco as cordas mais vibrantes. Abaixo dele, ao pé da montanha, nas sarças e na lama, a multidão dos humanos, o bando dos párias, simula os esgares do prazer e solta urros provocados pelas dentadas do veneno; e o poeta entristecido diz a si mesmo: “Estes infortunados que não jejuaram, nem oraram e que recusaram a redenção pelo trabalho, buscam na magia negra os meios de se elevarem, de uma só vez, à existência sobrenatural. A magia os engana e acende para eles uma falsa felicidade e uma falsa luz; enquanto nós, poetas e filósofos, regeneramos nossa alma pelo trabalho sucessivo e pela contemplação; pelo exercício assíduo da vontade e pela nobreza permanente da intenção, criamos para nosso uso um jardim de beleza verdadeira. Confiantes na promessa que diz que a fé remove montanhas, realizamos o único milagre cuja licença nos foi concedida por Deus!”

UM COMEDOR

DE ÓPIO

I

PRECAUÇÕES ORATÓRIAS[1]

“**Ó** justo, sutil e poderoso ópio! Tu que ao coração do pobre como do rico, às feridas que não cicatrizarão jamais e às angústias que induzem o espírito à rebelião, trazes um bálsamo suavizante; eloquente ópio! Tu, que por tua poderosa retórica, desarmas as resoluções da cólera e que, por uma noite, devolves ao homem culpado as esperanças de sua juventude e suas antigas mãos puras de sangue; que, ao homem orgulhoso, dás um esquecimento passageiro

dos erros não redimidos e dos insultos não vingados;

que convocas as falsas testemunhas ao tribunal dos sonhos, para o triunfo da inocência imolada; que confundes o perjúrio; que anulas as sentenças dos juízes iníquos; constróis no seio das trevas, com os materiais imaginários do cérebro, com uma arte mais profunda que a de Fídias e Praxíteles, cidades e templos que ultrapassam em esplendor Babilônia e Hekatompylos, do caos de um sono cheio de sonhos evocas à luz do sol os rostos das belezas enterradas desde há muito, e as fisionomias mais familiares e benditas, limpas dos ultrajes do túmulo. Só tu dás ao homem tais tesouros e possuis as chaves do paraíso, ó justo, sutil e poderoso ópio!” – Mas, antes que o autor tenha tido a audácia de lançar, em honra de seu caro ópio, este grito violento como a descoberta do amor, quantos artifícios, quantas precauções oratórias! A princípio, esta é a alegação eterna dos que têm confidências comprometedoras a fazer, já quase decididos, no entanto, a se comprazerem com elas:

“Graças à aplicação que nelas pus, tenho a confiança de que estas memórias não serão simplesmente interessantes, mas também, e num grau considerável, úteis e instrutivas. Foi positivamente com esta esperança que eu as redigi, e será essa a minha desculpa por ter rompido a delicada e digna reserva que impede a maior parte de nós de fazer uma exibição pública de nossos próprios erros e enfermidades. Nada, na verdade, revolta mais o

sentimento inglês que o espetáculo de um ser humano impondo à nossa atenção suas cicatrizes e suas úlceras morais, e arrancando aquele pudico véu com que o tempo ou a indulgência para com a fragilidade humana tinham consentido em revesti-las.”

Na realidade, acrescenta ele, geralmente o crime e a miséria se afastam do olhar público e, mesmo num cemitério, apartam-se do comum das pessoas, como se abdicassem humildemente de todo direito à camaradagem com a grande família humana. Mas, no caso do *Comedor de Ópio*, não há crime, há apenas fraqueza, e ainda uma fraqueza tão fácil de desculpar! É o que vai nos provar ele em uma biografia preliminar; além disso, o proveito que podemos tirar da leitura do relato de uma experiência adquirida a um preço tão alto só pode compensar a violência feita ao pudor moral, criando uma legítima exceção.

Nessa advertência ao leitor, encontramos algumas informações sobre o povo misterioso que são os comedores de ópio, essa nação contemplativa perdida no seio da nação ativa. São numerosos, mais do que se imagina. Eles são professores, filósofos, um lorde que frequenta as mais altas esferas, um subsecretário de Estado; se apenas um indivíduo chega a tomar conhecimento de tão numerosos exemplos da classe alta da sociedade, sem que tivesse tido intenção, que terrível estatística poderíamos então estabelecer para a população total da Inglaterra! Três farmacêuticos londrinos, vivendo porém em bairros do subúrbio, afirmam (em 1821) que o número de *amadores* de ópio é imenso e que a dificuldade em distinguir as pessoas que fazem com essa substância uma espécie de higiene das que o obtêm para fins condenáveis é para eles fonte de embaraços cotidianos. Mas o ópio desceu ao limbo da sociedade e, em Manchester, numa tarde de sábado, os balcões dos droguistas estão cobertos de pílulas para atender aos pedidos da noite. Para os operários das manufaturas de algodão, o ópio é uma volúpia econômica, pois a baixa dos salários pode tornar a cerveja e outras bebidas alcoólicas uma orgia dispendiosa. Mas não acrediteis que, se o salário aumentar, o operário deixará o ópio para retornar às grosseiras alegrias do álcool. A fascinação operou-se; a vontade está domada; a lembrança do prazer experimentado exercerá sua eterna tirania. Se naturezas grosseiras e embrutecidas pelo trabalho diário e sem encanto encontram no ópio grande consolo, qual não será então o seu efeito num espírito sutil e letrado, numa imaginação ardente e cultivada, em particular se foi prematuramente trabalhada pela dor que

fertiliza – num cérebro marcado por um devaneio fatal, *touched with pensiveness*, para me servir da surpreendente expressão de meu autor? Tal é o assunto do maravilhoso livro que desenrolarei aos olhos do leitor como uma tapeçaria fantástica. Simplificarei sem dúvida muita coisa; De Quincey é essencialmente digressivo, a expressão *humourist* lhe pode ser atribuída com mais propriedade que a um outro qualquer, em certo trecho ele compara o seu pensamento a um tirso, simples bastão que retira sua fisionomia e seu encanto da folhagem complicada que o envolve. Para que o leitor nada perca dos quadros comoventes que compõem a essência do volume, posto que é restrito o espaço de que disponho, serei obrigado a resumir, para meu pesar, muitos pormenores divertidos, dissertações espirituosas, que não se referem diretamente ao ópio, mas têm apenas a finalidade de *ilustrar* o caráter do comedor de ópio. Entretanto o livro é vigoroso o bastante para se fazer adivinhar, mesmo sob este envelope sucinto, mesmo como um simples extrato.

A obra (*Confessions of an English opiumeater, being an extract from the life of a scholar*) é dividida em duas partes: uma, *Confessions*; a outra, seu complemento, *Suspiria de profundis*. Cada uma contém subdivisões diferentes, algumas das quais omitirei, que são como corolários ou apêndices. A divisão da primeira parte é perfeitamente simples e lógica, decorrendo do próprio assunto: *Confissões preliminares*; *Volúpias do ópio*; *Torturas do ópio*. Vou me deter mais longamente nas *Confissões preliminares*, cujo objetivo é fácil de imaginar. É preciso que o autor se dê a conhecer, que se faça amar, apreciar pelo leitor. O autor, que se propôs a prender vigorosamente nossa atenção com um assunto aparentemente tão monótono como a descrição de uma embriaguez, faz questão de nos mostrar até que ponto é desculpável; quer criar em torno de sua pessoa uma simpatia que beneficiará toda a obra. Enfim, e isto é muito importante, a descrição de certos acidentes, talvez vulgares em si mesmos, mas sérios e graves em razão da sensibilidade de quem os suportou, torna-se, por assim dizer, a chave das sensações e das visões extraordinárias que assediarão mais tarde o seu cérebro. Muitos anciãos, debruçados sobre a mesa de um bar, reveem-se a si mesmos vivendo num ambiente desaparecido; sua embriaguez é feita de sua juventude perdida. Da mesma forma, os fatos relatados nas *Confissões* usurparão uma parte importante das visões posteriores. Ressuscitarão tal como os sonhos que não passam de uma recordação deformada ou

transfigurada das obsessões de uma jornada laboriosa.

[1] Baudelaire, ao traduzir De Quincey, introduziu no texto muito de seu estilo pessoal. Seguimos sua tradução, mesmo quando ele cita o autor inglês, para que não fosse deturpada sua intenção nem diminuída a beleza de sua linguagem. (N.E.)

II

CONFISSÕES PRELIMINARES

Não, não foi em busca de uma volúpia preguiçosa e culpável que ele começou a se servir do ópio, mas simplesmente para adoçar as torturas do estômago, nascidas do hábito cruel da fome. Essas angústias da fome datam de sua primeira juventude, e foi aos 28 anos que o mal e o remédio fizeram a primeira aparição em sua vida, após um período bastante longo de felicidade, de segurança e de bem-estar. Em que circunstâncias se produziram essas angústias fatais, é o que trataremos de saber.

O futuro *comedor de ópio* tinha sete anos quando seu pai faleceu, deixando-o a tutores que se ocuparam de sua educação em várias escolas. Muito cedo ele se distinguiu por suas aptidões literárias, particularmente por um conhecimento prematuro da língua grega. Com treze anos escrevia em grego, aos quinze anos podia não apenas compor versos gregos em metros líricos, mas até mesmo conversar em grego fluentemente e sem embaraço, faculdade que devia ao hábito cotidiano de improvisar em grego uma tradução dos jornais ingleses. A necessidade de buscar em sua memória e imaginação um sem-número de perífrases para exprimir numa língua morta ideias e imagens absolutamente modernas fez com que criasse para si mesmo um dicionário sempre pronto, muito mais complexo e extenso que o que resulta do contato vulgar com temas puramente literários. “Esse menino”, dizia um de seus mestres enquanto o apontava para um estranho, “poderia discursar para uma multidão ateniense com muito maior habilidade que o senhor ou eu diante de uma multidão inglesa”. Infelizmente nosso helenista precoce foi afastado desse excelente mestre; e, após ter passado pelas mãos de um grosseiro pedagogo constantemente temeroso de que o menino tornasse patente sua ignorância foi enviado aos cuidados de um bom e sólido professor, que também pecava pela falta de elegância, não lembrando em nada a brilhante erudição do primeiro. Mau negócio, uma criança poder julgar seus mestres e colocar-se acima deles. Traduzia-se então Sófocles e, antes de começar a aula, o zeloso professor, o *archididascalus* se preparava com uma gramática e um léxico para a leitura dos coros, de antemão expurgando sua aula de todas as hesitações e de todas as dificuldades. Mas o

jovem (tinha quase dezessete anos) estava ansioso para entrar na universidade, e era em vão que atormentava seus tutores sobre esse assunto. Um deles, homem bom e razoável, vivia muito longe. Dos outros três, dois haviam abdicado de sua autoridade em favor de um quarto; e este nos é descrito como o mentor mais teimoso do mundo, o mais apaixonado pela sua própria vontade. Nosso jovem aventureiro tira partido desse fato, fugindo da escola. Escreve a uma encantadora e excelente mulher, sem dúvida uma amiga da família, que o carregou no colo quando pequeno, para lhe pedir cinco guinéus. Em pouco tempo recebe uma carta cheia de um encanto maternal, com o dobro da soma pedida. Sua bolsa de estudante continha ainda dois guinéus, e doze guinéus representam uma fortuna infinita para uma criança que não conhece as necessidades diárias da vida. Resta-lhe apenas executar a fuga. A passagem seguinte é uma das que não me atrevo a sintetizar. Aliás, é bom que o leitor possa experimentar por si próprio de tempos em tempos o estilo penetrante e *feminino* do autor.

"O doutor Johnson faz uma observação muito justa (e cheia de sentimento, o que infelizmente não se pode dizer de todas as suas observações): nunca fazemos conscientemente pela última vez, sem uma tristeza no coração, aquilo que há muito nos acostumáramos a fazer. Eu senti profundamente essa verdade quando chegou a hora de deixar um lugar do qual eu não gostava e onde não fora feliz. Na noite que precedeu o dia em que eu devia fugir dali para sempre, ouvi com tristeza ressoar na velha e alta sala de aula a prece do fim da tarde; pois eu a ouvia pela última vez; e quando chegou a noite, ao fazerem a chamada, meu nome tendo sido, como de hábito, o primeiro a ser chamado, avancei, e, passando pelo diretor que estava presente, cumprimentei-o; eu o olhava curiosamente no rosto, e pensava comigo: 'Ele é velho e enfermo, e não o verei mais neste mundo!' Tinha razão, pois não o revi e não o reverei jamais. Ele olhou-me complacentemente, com um bom sorriso, retribuiu-me o cumprimento, ou melhor, o adeus, e nos separamos para sempre, sem que ele desconfiasse disso. Eu não podia sentir um profundo respeito pela sua inteligência; mas ele sempre se mostrara bom para mim; concedera-me inúmeros favores, e eu sofria ao pensar na mortificação que ia infligir-lhe.

"Chegou a manhã em que devia me lançar ao mar do mundo, manhã da qual toda a minha vida subsequente tomou, em grande parte, a cor. Estava hospedado na casa do diretor e obtivera, desde a minha chegada, o favor de

uma sala particular, que me servia igualmente de quarto de dormir e de gabinete de trabalho. Às três e meia eu me levantei e contemplei com uma profunda emoção as antigas torres de..., adornadas pelas primeiras claridades, que começavam a avermelhar-se com o brilho radiante de uma manhã de junho sem nuvens. Estava firme e inabalável no meu propósito, mas perturbado por um vago pressentimento de dificuldades e perigos incertos; e se eu tivesse podido prever a tempestade, a verdadeira torrente de aflição que iria em breve se abater sobre mim, teria na verdade ficado muito mais apreensivo. A paz profunda da manhã fazia com esta perturbação um contraste enternecedor e quase lhe servia de lenitivo. O silêncio era mais profundo que à meia-noite; e para mim o silêncio de uma manhã de verão é mais comovente que qualquer outro porque a luz, embora larga e forte, como a do meio-dia nas outras estações do ano, parece diferir do dia perfeito sobretudo porque o homem ainda está recolhido; e assim a paz da natureza e das inocentes criaturas de Deus parece profunda e segura, enquanto a presença do homem, com seu espírito inquieto e instável, vem perturbar-lhe a santidade. Vesti-me, peguei meu chapéu e minhas luvas, e demorei-me algum tempo no quarto. Durante um ano e meio esse quarto fora a cidadela de meu pensamento; lera e estudara ali nas longas horas da noite; e embora, na verdade, durante a última parte deste período, eu, que era feito para o amor e as afeições suaves, tivesse perdido minha alegria e minha felicidade na luta fervorosa que sustentara contra meu tutor, por outro lado entretanto, um rapaz como eu, apaixonado pelos livros, dado às pesquisas do espírito, não podia ter deixado de gozar algumas boas horas, mesmo em meio ao desânimo. Chorava enquanto olhava ao meu redor a cadeira, o fogão, a mesa de escrever, e outros objetos familiares que eu estava muito seguro de não mais rever. Desde então até o momento em que escrevo estas linhas, dezoito anos se passaram e, no entanto, neste mesmo momento, vejo distintamente, como se tivesse sido ontem, o contorno e a expressão do objeto sobre o qual fixava um olhar de adeus; era um retrato da sedutora...**[1]**, que estava pendurado sobre o fogão; os olhos e boca eram tão belos, e toda a fisionomia tão radiante de bondade e de divina serenidade, que mil vezes deixara cair minha pena ou meu livro para pedir consolo à sua imagem, como um devoto ao seu santo protetor. Enquanto me distraía a contemplá-la, a voz profunda do relógio revelou que eram quatro horas. Ergui-me até o retrato, beijei-o, e depois saí devagar e fechei a porta para sempre!

“As ocasiões de riso e de lágrimas entrelaçam-se e se misturam tão bem nesta vida, que eu não posso sem sorrir lembrar-me de um incidente que aconteceu então e quase impediu a execução imediata do meu plano. Tinha uma mala muito pesada, pois além de minhas roupas, continha quase toda a minha biblioteca. A dificuldade estava em fazê-la transportar até o cocheiro. Meu quarto ficava no alto e, o que era o pior, a escada que conduzia àquele lado do edifício dava num corredor que passava diante da porta do quarto do diretor. Eu era adorado por todos os criados e, sabendo que qualquer um deles se apressaria em ajudar-me secretamente, confiei minha dificuldade a um criado de quarto do diretor. Ele jurou que faria tudo o que eu quisesse; e, na hora combinada, subiu a escada para levar a mala. Eu receava que a força de um só homem não fosse suficiente, mas o criado era um rapagão dotado

de ombros como os de Atlas, feitos para suportar o peso das mais pesadas monarquias,

e tinha um dorso tão vasto quanto as planícies de Salisbury, teimou, pois, em transportar a mala sozinho, enquanto eu esperava embaixo, cheio de ansiedade. Durante algum tempo, ouvi-o descer com um passo firme e lento; mas desgraçadamente, por causa da sua inquietação, quando se aproximava do local perigoso, a alguns passos do corredor, ele escorregou, e o pesado fardo, caindo de seus ombros, adquiriu uma tal velocidade na descida de cada degrau da escada, que ao chegar embaixo rolou, ou melhor, saltou direto, com um barulho de vinte demônios, contra a porta do quarto do *archididascalus*. Minha primeira ideia foi que tudo estava perdido e que eu só podia fugir sacrificando a minha bagagem. Todavia, um momento de reflexão me fez decidir a esperar o fim da aventura. O criado estava horrivelmente aterrorizado, por ele próprio e por mim; mas, a despeito de tudo isso, o sentimento do cômico, neste desgraçado contratempo, apoderara-se tão irresistivelmente de seu espírito, que ele caiu na gargalhada –, mas numa gargalhada prolongada, atordoante, desabalada, que teria acordado os *Sept Dormants*. Ao som desta música alegre, que ressoava aos próprios ouvidos da autoridade insultada, não pude deixar de juntar a minha, não tanto por causa do infeliz *étourderie* da mala, mas pelo efeito nervoso produzido sobre o criado. Nós dois esperávamos, naturalmente, ver o doutor precipitar-se para fora do quarto; pois, geralmente, se ele ouvia o ruído de um camundongo, saltava como um mastim para fora da casinha. Coisa singular, nessa ocasião, quando nossas gargalhadas cessaram, nenhum barulho, nenhum ruído sequer,

se ouviu no quarto. O doutor sofria de uma enfermidade dolorosa, que o mantinha às vezes acordado, mas que talvez, quando conseguia repousar, o fizesse dormir profundamente. Encorajado pelo silêncio, o criado retomou o fardo sobre os ombros e efetuou o resto da sua descida sem acidentes. Esperei até ver a mala colocada num carrinho de mão e a caminho da carruagem. Então, sem outro guia além da Providência, parti a pé, levando sob o braço um pacotinho com alguns objetos de uso pessoal, um poeta inglês favorito num bolso, e no outro um voluminho *in-douze* contendo umas nove peças de Eurípedes."

Nosso colegial havia acalentado a ideia de se dirigir a Westmoreland, mas um acidente que não nos explica mudou seu itinerário e ele foi para a Gália do Norte. Por um certo tempo vagou sem destino pelo Denbighshire, Merionethshire e o Caernarvonshire, e por fim instalou-se numa pequena casa muito limpa, em B...; muito breve foi expulso dali por um acidente que atingiu seu jovem orgulho da maneira mais cômica. Sua hospedeira tinha trabalhado na casa de um bispo como governante e pajem. A imensa soberba do clero inglês infiltra-se em geral não apenas nos filhos dos dignitários, mas até mesmo nos seus servidores. Numa pequena cidade como B..., ter vivido com a família de um bispo bastava evidentemente para conferir à pessoa uma espécie de distinção; de sorte que a boa senhora tinha sempre nos lábios frases do tipo: "Milorde fazia isso, milorde era um homem indispensável ao Parlamento, indispensável a Oxford..." Provavelmente ela achou que o jovem não escutava seus discursos com o devido respeito. Um dia, em que foi prestar os serviços costumeiros ao bispo e sua família, este lhe perguntou como iam os seus negócios domésticos. Informado de que ela havia alugado seu apartamento, o digno prelado teve o cuidado de recomendar que fosse muito exigente na escolha de seu locatário: "Betty, disse ele, lembre-se de que este lugar está situado na grande estrada que leva à capital, e portanto é quase certo que sirva de parada a uma massa de escroques irlandeses que foge a seus credores da Inglaterra, e de escroques ingleses que deixaram dívidas na llha de Man". A boa senhora, ao contar orgulhosamente sua entrevista com o bispo, fez questão de acrescentar a resposta que dera então: "Oh! milorde, não creio realmente que esse cavalheiro seja um escroque, pois..." – "A senhora não pensa que eu seja um escroque!", respondeu exasperado nosso jovem colegial; – "pois vou livrá-la do incômodo de pensar sobre isso". E aprontou-se para partir. A pobre hospedeira bem que gostaria

de voltar atrás; mas, tendo a cólera inspirado ao jovem alguns termos pouco respeitosos com relação ao bispo, toda e qualquer reconciliação tornou-se impossível. “Estava, disse, realmente indignado com a facilidade com que o bispo caluniava uma pessoa que nunca vira, e tive vontade de fazê-lo conhecer em grego o que eu pensava sobre o caso, o que, fornecendo uma presunção a favor da minha honestidade, teria ao mesmo tempo (pelo menos assim o esperava) criado um dever ao bispo de me responder na mesma língua: caso em que não duvidava que se tornaria manifesto que, se eu não era tão rico quanto Sua Senhoria, era muito melhor helenista. Pensamentos mais sãos rechaçaram este projeto infantil...”

Sua vida errante recomeça; mas de albergue em albergue, encontrou-se rapidamente sem um tostão. Durante quinze dias ficou reduzido a uma só refeição ao dia. E o exercício e o ar das montanhas, que agem vigorosamente sobre um estômago jovem, tornam esse magro regime extremamente doloroso. Além do mais, essa única refeição era feita de chá ou café. E, por último, mesmo o chá ou o café tornaram-se um luxo impossível. Durante sua estadia no País de Gales sobrevive unicamente graças às amoras e outras frutas silvestres. De vez em quando uma boa hospitalidade, como uma festa, corta esse regime de monge e essa hospitalidade, ele a paga em geral com serviços de escrivão público. Torna-se secretário para camponeses que têm parentes em Londres ou em Liverpool. Frequentemente são cartas de amor que escreve para moças que foram criadas em Shrewsbury, ou em outra cidade qualquer da costa inglesa. A esse respeito relata-nos um episódio comovente. Num pequeno vilarejo perdido do Merionethshire, em Llan-y-Stindwr, hospeda-se por três dias na casa de uns jovens que o tratam da maneira mais cordial possível. São quatro irmãs e três irmãos, todos falando inglês, e dotados de uma elegância e uma beleza nativas bem singulares. Ele redige uma carta para um dos irmãos, que, tendo servido num navio de guerra, quer reclamar o seu pagamento, e, mais secretamente, duas cartas de amor para duas das irmãs. Essas inocentes criaturas, pela candura, pela distinção natural, pelo recato sem afetação que mostravam ao ditar suas instruções, faziam-no pensar na graça límpida e delicada das *keepsakes**[2]***. Desincumbe-se tão bem desse dever que as alvas moças ficam maravilhadas que tenha conseguido conciliar as exigências de seu orgulhoso pudor com seu secreto desejo de dizer coisas amáveis. Certa manhã, no entanto, nota nos jovens um estranho embaraço, como se estivessem aflitos com alguma coisa.

Trata-se dos velhos pais que retornam, gente rabugenta e austera, que se haviam ausentado para assistir a uma reunião anual de metodistas em Caernarvon. Cada vez que o jovem lhes dirige a palavra, recebe a invariável resposta "*Dym Sassenach*" (*no English*)**[3]**. "Apesar de tudo quanto os jovens podiam dizer em meu favor, compreendi facilmente que meus talentos para escrever cartas de amor seriam para estes graves metodistas sexagenários tão pobre recomendação quanto os meus versos sáficos ou alcaicos." E de medo de que a graciosa hospitalidade dos jovens se transformasse, na mão desses rudes velhinhos, numa cruel caridade, ele retoma a sua singular peregrinação.

O autor não nos diz quais os engenhosos meios pelos quais ele consegue, apesar de sua miséria, chegar a Londres. Sabemos apenas que, se sua miséria era tão dura, tornar-se-ia positivamente terrível, quase uma agonia cotidiana. Basta que imaginemos a dor que sentia, as torturas causadas pela fome permanente, que só era aliviada quando conseguia roubar uns miseráveis pedaços de pão à mesa de um homem, do qual falaremos em seguida; dois meses passados ao relento, e, para completar o quadro, seu sono era atormentado por angústias e sobressaltos intermitentes. Sem dúvida, sua fuga lhe saiu muito cara. E quando chegou o inverno, como que para aumentar esses sofrimentos que pareciam não mais poder se agravar, ele teve a felicidade de encontrar um abrigo, mas que abrigo! O homem a cujo almoço assistia e a quem roubava algumas crostas de pão (e que o supunha doente, ignorando que estivesse absolutamente carente de tudo) lhe emprestou uma vasta casa desocupada, da qual era locatário. Não tinha móveis, apenas uma mesa e umas tantas cadeiras; era um deserto poeirento, cheio de ratos. Naquela desolação, porém, vivia uma menina. Não era uma idiota, mas alguém mais do que simples. Nada bela, é óbvio, e teria uns dez anos, a menos que a fome que a corroía tivesse prematuramente envelhecido o seu rosto. Seria simplesmente uma empregada, ou uma filha natural do homem em questão? O autor nunca conseguiu saber. Aquela pobre abandonada ficou radiante quando percebeu que dali para frente teria companhia para as negras horas da noite. A casa era enorme, e a ausência de móveis e de tapeçarias a tornava mais sonora, a abundância dos ratos enchia de barulho as salas e a escada. Em meio às dores físicas do frio e da fome, a pobre pequena criara para si um mal imaginário: tinha medo de fantasmas. O jovem promete defendê-la deles e, acrescenta com singularidade, "essa era a única ajuda que lhe podia oferecer". Os dois pobres seres, magros, famintos, trêmulos,

dormiam no chão, usando maços de papel como travesseiro, como única coberta, uma velha capa de cavaleiro. Mais tarde, entretanto, descobriram no sótão uma velha capa de sofá, um pequeno pedaço de tapete e alguns outros trapos, com o que conseguiram um pouco mais de calor. A pobre criança apertava-se contra ele para se aquecer e para sentir-se mais protegida contra os inimigos do outro mundo. Quando não estava tão doente como de hábito, ele a tomava nos braços e a pequena, aquecida por esse contato fraternal, chegava a dormir, ao passo que ele não o conseguia. Pois nesses últimos dois meses de sofrimento dormira em excesso durante o dia; ou melhor, sucumbira a sonolências repentinas. Seu sono era atormentado por sonhos tumultuosos. Despertava e tornava a dormir sem cessar – a dor e a angústia interrompendo violentamente o sono, e o esgotamento devolvendo-o irresistivelmente a ele. Qual é o homem nervoso que desconhece esse *sono de cão*, como bem o exprime a língua inglesa em sua elíptica energia? Pois as dores morais produzem efeitos análogos aos dos sofrimentos físicos, como a fome. Escutamos nosso próprio gemido; somos despertos algumas vezes por nossa própria voz; o estômago vai se contraindo cada vez mais, como uma esponja apertada por mão vigorosa; o diafragma se comprime e se dilata; a respiração nos falta e a angústia vai crescendo sempre até que, encontrando um remédio na intensidade mesma da dor, a natureza humana explode num grande grito e num estremecimento de todo o corpo, que traz enfim uma violenta libertação.

Todavia o dono da casa chegava às vezes de surpresa, e muito cedo; outras vezes, simplesmente não vinha. Vivia sempre na defensiva, por causa dos oficiais de justiça, tornando ainda mais refinado o sistema de Cromwell e dormindo cada noite num lugar diferente; examinava através de um postigo a fisionomia das pessoas que batiam à porta; almoçava apenas um chá com um pequeno pão ou alguns biscoitos que comprara a caminho de casa; nunca convidava ninguém. Durante esse almoço, maravilhosamente frugal, o jovem encontrava sutilmente algum pretexto para ficar no recinto e entabular conversação, e depois, com o ar mais indiferente que pudesse aparentar, apoderava-se dos últimos restos de pão que ficavam na mesa; só que às vezes não restava nenhuma migalha para ele. Tudo fora engolido. Quanto à garota, não era jamais admitida no gabinete do homem, se é que podemos chamar de gabinete o cafarnaum de papéis e pergaminhos. Às seis horas esse personagem misterioso levantava acampamento e fechava seu quarto. Na

manhã seguinte, assim que chegava, a garota aparecia e se punha ao seu serviço. Quando chegava para o homem a hora dos negócios e do trabalho, o jovem vagabundo saía e ia vaguear ou sentar-se nos parques ou em outra parte. À noite voltava a seu desolado abrigo e, ao golpe do martelo, a garota acorria, com passo trêmulo, para abrir-lhe a porta.

Muitos anos depois, um 15 de agosto, dia de seu nascimento, uma noite às dez horas, o autor quis dar uma olhada nesse asilo de suas antigas misérias. À luz resplandecente de um belo salão, viu algumas pessoas tomando chá com o ar mais feliz do mundo. Estranho contraste com as trevas, o frio, o silêncio e a desolação dessa mesma casa, quando, dezoito anos atrás, ela abrigava um estudante famélico e uma menina abandonada. Mais tarde ele fez alguns esforços para reencontrar essa criança: teria sobrevivido? Tornara-se mãe? Nenhuma informação. Ele a amava como a uma companheira de miséria, pois ela não era bonita, nem agradável, nem mesmo inteligente. Nenhuma sedução, salvo a de um rosto humano, a pura humanidade reduzida à sua expressão mais pobre. Mas como disse, creio eu, Robespierre, no seu estilo de gelo ardente, recozido e congelado como uma abstração: “O homem jamais vê o homem sem prazer!”

Mas quem era e o que fazia esse homem, esse locatário de hábitos tão misteriosos? Era um desses homens de negócios como tantos que existem em todas as grandes cidades, mergulhados em trapaças complicadas, burlando a lei, com a consciência abandonada por um certo tempo, na esperança de que uma situação mais próspera lhe permitisse retomar o uso desse luxo incômodo. O autor nos diz que, se quisesse, poderia divertir-nos bastante às custas desse infeliz e descrever-nos cenas curiosas, episódios cômicos. Mas quis esquecer tudo e lembrar-se apenas de uma coisa: esse homem, tão desprezível sob alguns aspectos, sempre foi prestativo para com ele, e mesmo generoso, dentro de suas possibilidades. À exceção do santuário da papelada, todos os cômodos da casa estavam à disposição das duas crianças, que tinham assim toda noite diversas opções de acomodação e podiam instalar-se onde lhes aprouvesse.

Mas o jovem tinha outra amiga, de quem é chegado o momento de falarmos. Para contar com a devida dignidade este episódio, eu gostaria, por assim dizer, de furtar uma pena à asa de um anjo, tão casto me parece esse quadro, pleno de candura, de graça e de misericórdia. “Desde sempre”, diz o autor, “fora glória minha conversar familiarmente, *more socratico*, com todos

os seres humanos, homens, mulheres e crianças, que o acaso podia colocar no meu caminho; hábito favorável ao conhecimento da natureza humana, aos bons sentimentos e à franqueza de maneiras que convém a um homem que quer merecer o título de filósofo. Porque o filósofo não deve ver com os olhos dessa pobre criatura limitada que por si própria se intitula o *homem do mundo*, cheia de preconceitos estreitos e egoístas, mas, ao contrário, deve olhar-se como um ser verdadeiramente *católico*, em comunhão e relações iguais com tudo o que está em cima e tudo o que está embaixo, com as pessoas instruídas, e as pessoas não educadas, com os culpados e com os inocentes." Mais tarde, entre os prazeres concedidos pelo generoso ópio, veremos reproduzir-se esse espírito de caridade e de fraternidade universais, agora ativado e aumentado por esse tipo particular de embriaguez. Nas ruas de Londres, mais ainda que no País de Gales, o estudante emancipado era então uma espécie de peripatético, um filósofo de rua, meditando sem cessar em meio ao turbilhão da grande cidade. O episódio em questão pode parecer um tanto estranho em se tratando de páginas inglesas, pois se sabe que a literatura britânica leva a castidade até a hipocrisia; mas o que é certo é que o mesmo assunto, abordado ligeiramente por uma pena francesa, teria rapidamente se tornado *shocking*[4], ao passo que aqui há apenas graça e decência. Resumindo em duas palavras, nosso vagabundo estabeleceu uma amizade platônica com uma *peripatética* do amor. Ann não é nenhuma dessas belezas ousadas, deslumbrantes, cujos olhos de demônio luzem através da neblina, e que têm à volta uma auréola de atrevimento. Ann é uma criatura toda simples, comum, despojada, abandonada como tantas outras, e reduzida à abjeção pela traição. Mas ela é revestida dessa graça sem-nome, graça que emana da fraqueza e da bondade, que Goethe sabia derramar sobre todas as fêmeas de sua invenção, e que fez de sua pequena Margarida de mãos vermelhas uma criatura imortal. Quantas vezes, através de suas monótonas peregrinações pela interminável Oxford-street, em meio ao formigueiro da grande cidade, regurgitante de atividade, o estudante famélico exortou sua infeliz amiga a implorar o socorro de um magistrado contra o miserável que a havia espoliado, oferecendo-lhe o apoio de seu testemunho e de sua eloquência! Ann era ainda mais jovem do que ele, contava apenas dezesseis anos. Quantas vezes ela o protegeu contra os policiais que queriam expulsá-lo das portas onde ele se abrigava! Um dia fez ainda mais, a pobre abandonada: ela e seu amigo se haviam sentado na Soho-square, nos degraus de uma casa

diante da qual desde então, nos confessa ele, nunca mais pôde passar sem sentir o coração oprimido pelo domínio cruel de uma lembrança, e sem fazer interiormente um ato de graças em memória dessa deplorável e generosa jovem. Nesse dia ele se sentira ainda mais fraco e doente que de hábito; porém, mal havia se sentado, sentiu que seu mal piorava. Tinha apoiado a cabeça no seio de sua irmã de infortúnio e, de repente, escapou de seus braços e caiu de costas sobre os degraus da porta. Não fosse um vigoroso estimulante, teria sido o seu fim, ou ao menos teria caído para sempre num estado de fraqueza irremediável. E, nessa crise de seu destino, foi a criatura perdida que lhe estendeu a mão da misericórdia, ela que conhecera o mundo pelo ultraje e a injustiça. Ann deu um grito de terror e, sem perder um segundo, correu pela Oxford-street, voltando quase imediatamente com um copo de vinho do porto condimentado, cuja ação reparadora foi maravilhosa para o estômago vazio do jovem, que não teria podido suportar nenhum alimento sólido. “Ó minha jovem benfeitora! Quantas vezes, nos anos posteriores, atirado em lugares solitários, sonhando contigo com o coração cheio de tristeza e de verdadeiro amor, desejei que a bênção de um coração oprimido pelo reconhecimento tivesse essa prerrogativa e esse poder sobrenaturais que os antigos atribuíam à maldição de um pai, perseguindo o seu objeto com o rigor indefectível de uma fatalidade! – que a minha gratidão pudesse, também, receber do céu a faculdade de te perseguir, de te assombrar, de te espreitar, de te surpreender, de te atingir até nas trevas espessas de uma espelunca de Londres, ou mesmo, se fosse possível, nas trevas do túmulo, para te despertar com uma mensagem autêntica de paz, de perdão e de reconciliação final!”

Para sentir dessa maneira é preciso ter sofrido muito, é preciso ser um desses corações que a infelicidade abre e amolece, ao contrário daqueles que ela fecha e endurece. O Beduíno da civilização descobre no Saara das grandes cidades muitas razões para enternecer-se, que o homem, cuja sensibilidade se encontra limitada pela *home*[5] e a família, ignora. Há no *barathrum*[6] das capitais, e também no deserto, alguma coisa que fortifica e configura o coração do homem, que o fortalece de uma outra maneira, quando não o deprava e não o enfraquece até a abjeção e ao suicídio.

Certo dia, pouco tempo após esse acidente, ele encontrou em Albemarke-street um antigo amigo do pai, que o reconheceu por seu ar familiar, respondeu com candura a todas as perguntas desse senhor, não lhe escondeu

nada, mas exigiu que desse sua palavra de que não o entregaria a seus tutores. Enfim esse senhor deu a ele o endereço do seu hospedeiro, o singular *attorney*[7]. No dia seguinte recebia numa carta, que este lhe remetera fielmente, um cheque de dez libras.

O leitor poderia estranhar que o jovem não tivesse procurado, desde o princípio, um remédio contra a miséria, seja em um trabalho regular, seja pedindo assistência aos antigos amigos de sua família. Quanto a esse último recurso, havia um perigo evidente na sua utilização. Os tutores poderiam ser advertidos, e a lei lhes dava todo o poder para trazer o jovem à força para a escola da qual havia fugido. Ora, uma energia, que se encontra frequentemente nos caracteres mais femininos e mais sensíveis, lhe dava coragem para suportar todas as privações e todos os perigos, ao invés de arriscar-se a uma tão humilhante eventualidade. Aliás, onde encontrar esses amigos de seu pai, morto então havia dez anos, amigos cujos nomes havia esquecido, ao menos da maior parte deles? Quanto ao trabalho, é certo que teria podido conseguir uma remuneração aceitável pela correção de provas em grego, e que se sentia perfeitamente capaz de preencher essa função; mas então, como fazer para apresentar-se a um editor idôneo? Resumindo, ele nos confessa que jamais lhe veio à cabeça a ideia de que o trabalho literário pudesse se tornar uma fonte de lucro. Nunca usou nenhum outro expediente para se livrar dessa situação que não fosse emprestar dinheiro sobre a fortuna que tinha direito de esperar. Enfim, chegou a conhecer uns judeus favorecidos em seus negócios tenebrosos pelo procurador em questão. Mostrar-lhes que tinha reais esperanças de se tornar herdeiro, isso não era o mais difícil, dado que suas afirmações poderiam ser comprovadas pelo testamento que seu pai deixara aos *Doctors' commons*[8]. Mas restava uma questão absolutamente imprevista para ele, a da identidade pessoal. Exibira na ocasião algumas cartas que jovens amigos seus, entre os quais o conde de..., e também seu pai, o marquês de..., lhe haviam escrito durante o tempo em que vivera no País de Gales, cartas que trazia constantemente no bolso. Os judeus se dignaram enfim a lhe prometer duzentas ou trezentas libras, com a condição de que o jovem conde de..., (que, entre parênteses, não era mais velho do que ele) consentisse em garantir o reembolso na época de sua maioridade. Adivinha-se que o propósito do mutuante não era apenas tirar algum lucro de um negócio, bastante pequeno no fim das contas, mas o de travar relações com o jovem conde, que iria receber imensa fortuna. Assim,

mal acaba de receber as dez libras, nosso jovem vagabundo se prepara para partir para Eton. Deixa mais ou menos três libras ao futuro emprestador, para pagar as despesas com os atos, e também algum dinheiro ao procurador, para indenizá-lo por sua hospitalidade sem móveis; quinze xelins são gastos com uma humilde toalete; enfim a pobre Ann tem também a sua parte nessa boa fortuna. Numa sombria noite de inverno ele se dirige a Piccadilly, acompanhado pela pobre moça, com a intenção de descer até Salt-Hill com o carro postal de Bristol. Como tinham ainda algum tempo pela frente, entram na Golden-square e se acomodam na esquina da Sherrard-street, para evitar o tumulto e as luzes de Piccadilly. Ele havia prometido não esquecê-la e vir em seu auxílio assim que fosse possível. Na verdade, tratava-se de um dever, e mesmo de um dever imperioso, e nesse momento sentia sua ternura por essa irmã de sorte exacerbada pela piedade que lhe inspirava o seu extremo abatimento. Apesar de todos os golpes que sua saúde recebeu, ele estava relativamente alegre e mesmo cheio de esperança, comparando-se a Ann que estava mortalmente triste. No momento da despedida ela enlaçou-lhe o pescoço com os braços e se pôs a chorar, sem dizer uma só palavra. Ele pensava voltar no mais tardar em uma semana, e ficou estabelecido que toda tarde a partir do quinto dia, ela viria esperá-lo às seis horas, em Great-Titchfield-street, que era como uma espécie de porto habitual para eles e lugar de repouso no grande Mediterrâneo de Oxford-street. Pensava assim ter tomado satisfatoriamente todas as precauções para reencontrá-la. Esqueceu-se no entanto de que Ann nunca lhe tinha dito seu nome de família, ou, se o havia feito, ele o tinha esquecido como um detalhe de pouca importância. As mulheres galantes e de grandes pretensões, grandes ledoras de romances, fazem-se chamar de bom grado *miss Douglas*, *miss Montague* etc., ao passo que as jovens mais humildes se dão a conhecer apenas por seu nome de batismo, *Mary*, *Jane*, *Frances* etc. Além disso, naquele momento Ann estava muito resfriada e com muita tosse, e nosso jovem, todo ocupado em reconfortá-la com boas palavras e em aconselhá-la a tomar cuidado com seu resfriado, esqueceu-se totalmente de perguntar seu segundo nome, meio mais seguro de reencontrar seu paradeiro em caso de um desencontro ou de uma interrupção prolongada de suas relações.

Abrevio os detalhes da viagem, ilustrada tão somente pela ternura e caridade de um gordo copeiro, em cujos braços nosso herói adormece, vencido pela fraqueza e pelo balançar do carro, como se repousasse sobre o

seio de uma ama – e por um longo sono ao ar livre, entre Slough e Eton; isso porque o jovem tivera que voltar sobre seus passos, pois, tendo acordado bruscamente nos braços de seu vizinho, deu-se conta de que havia ultrapassado Salt-Hill, sem o sentir, em umas seis ou sete milhas. Chegando ao fim da viagem, informam-no de que o jovem lorde não está mais em Eton. Em desespero de causa pede para almoçar com lorde D..., outro antigo camarada, com quem mantivera entretanto ligação bem menos íntima. Era a primeira mesa farta à qual se sentava depois de vários meses, e no entanto não pôde tocar em nada. Certa vez, em Londres, no mesmo dia em que recebeu seu cheque, comprou dois pãezinhos numa confeitaria. Havia devorado com os olhos essa confeitaria durante dois meses ou umas seis semanas, com tal intensidade que a lembrança de seu desejo era quase uma humilhação. Mas o pão tão cobiçado o deixara doente, e por várias semanas lhe foi impossível tocar num alimento qualquer sem perigo. O apetite havia desaparecido, precisamente em meio ao *luxo e ao conforto*... Quando explicou a lorde D... a lamentável situação de seu estômago, este fez trazer vinho, o que o deixou muito alegre. Quanto ao objetivo real da viagem, o serviço que se propunha a pedir ao conde de..., não pôde obter em absoluto. Ou seja, tendo-o pedido a lorde D..., este, não o querendo mortificar com uma recusa completa, consentiu em dar sua garantia ao empréstimo, mas em termos e sob certas condições. Reconfortado por esse meio sucesso, volta a Londres após três dias de ausência, e retorna à casa de seus amigos judeus. Infelizmente os agiotas se recusaram a aceitar as condições de lorde D... Sua terrível existência teria recomeçado, talvez com mais perigo agora se, no princípio desta nova crise, e por uma casualidade que ele não nos explica, uma concessão não lhe fosse feita por parte de seus tutores, e se uma plena reconciliação não tivesse mudado sua vida. Deixa Londres às pressas e, ao cabo de certo tempo, entra na universidade. Não foi senão meses mais tarde que ele pôde rever o teatro de seus sofrimentos de juventude.

Mas da pobre Ann, o que foi feito? Noite após noite, ele a procurou; noite após noite ele a esperou na esquina de Titchfield-street. Perguntou por ela a todos que poderiam conhecê-la, nas últimas horas de sua estadia em Londres usara de todos os meios de que dispunha para reencontrar a jovem. Conhecia a rua onde ela morava, mas não a casa; aliás, lembrava-se vagamente de que, antes da despedida, ela havia sido obrigada a fugir da brutalidade de seu hospedeiro. Das pessoas a quem se dirigia, uns, diante do

ardor de suas perguntas, julgavam desonestos os motivos de sua busca e não respondiam senão com o riso; outros, supondo que estava à procura de uma moça que lhe roubara alguma bagatela, mostravam-se naturalmente pouco dispostos a se fazerem de denunciadores. Enfim, antes de abandonar Londres em definitivo, deixou seu futuro endereço com uma pessoa que conhecia Ann de vista. No entanto, nunca mais ouviu falar dela. Essa foi, dentre as perturbações de sua vida, a sua pior aflição. Notem que quem assim fala é um homem grave, estimável tanto pela espiritualidade de seus costumes quanto pela elevação de seus escritos.

"Se ela estava viva, devemos ter estado várias vezes a procurar-nos mutuamente pelo imenso labirinto de Londres; talvez a alguns passos um do outro, distância suficiente, numa rua de Londres, para criar uma separação eterna! Durante alguns anos, esperei que ela vivesse, e creio bem que nas minhas diferentes excursões a Londres examinei alguns milhares de rostos femininos, na esperança de reencontrar o seu. Se a visse por um segundo, reconhecê-la-ia entre mil; pois, embora não fosse bonita, tinha uma expressão doce e a cabeça de porte particularmente gracioso. Procurei-a, já disse, com esperança. Sim, durante anos! Mas agora receava vê-la; e aquele terrível resfriado, que tanto me apavorava quando nos deixamos, é hoje a minha consolação. Já não desejo vê-la, mas sonho com ela, e não sem prazer, como com uma pessoa deitada há muito tempo no túmulo –, no túmulo de uma Madalena, gostaria de crer –, levada deste mundo antes que o ultraje e a barbárie tivessem maculado e desfigurado a sua natureza ingênua, ou que a brutalidade dos libertinos tivesse completado a ruína daquela em quem tinham dado os primeiros golpes.

"Assim, Oxford-street, madrasta de coração de pedra, tu que escutaste os suspiros dos órfãos e bebeste as lágrimas das crianças, estava, enfim, livre de ti! Era chegado o momento em que não estaria mais condenado a percorrer dolorosamente as intermináveis calçadas, a agitar-me em terríveis sonhos ou numa insônia famélica! Ann e eu tivéramos nossos numerosos sucessores que seguiram as marcas dos nossos passos; herdeiros de nossas calamidades, outros órfãos suspiraram; lágrimas foram vertidas por outras crianças; e tu, Oxford-street, desde então tens repetido o eco dos gemidos de inúmeros corações. Mas para mim a tempestade à qual sobrevivera parecia ter sido o penhor de uma bela estação prolongada..."

Teria Ann desaparecido de vez? Oh, não! Tornaremos a vê-la nos

mundos do ópio; fantasma estranho e transfigurado, surgirá lentamente da fumaça da lembrança, como o gênio das *Mil e Uma Noites* dos vapores de uma garrafa. Quanto ao *comedor de ópio*, as dores da infância criaram nele raízes profundas que se tornarão árvores, e estas irão projetar, sobre todos os objetos da vida, sua sombra fúnebre. Mas essas dores novas, que nos fazem pressentir as últimas páginas da parte biográfica, serão suportadas com coragem, com a firmeza de um espírito maduro, e serão grandemente aliviadas pela simpatia mais profunda e terna de uma mulher. Estas páginas contêm a mais nobre invocação e as mais doces ações de graças à companheira corajosa, constantemente sentada à cabeceira onde repousa esse cérebro assombrado pelas Eumênides. O Orestes do ópio encontrou sua Electra, que durante anos secou sua fronte dos suores da angústia e refrescou seus lábios pergaminhados pela febre. “Pois tu foste, minha Electra, querida companheira dos meus anos posteriores! e não quiseste que a esposa inglesa fosse vencida pela irmã grega em nobreza de espírito tanto quanto em afeição paciente!” Outrora, em suas misérias de jovem, vagando por Oxford-street nas noites enluaradas, ele mergulhava com frequência seus olhares (e era seu pobre consolo) nas avenidas que atravessam o coração de Mary-le-bone e que conduzem ao campo, e, viajando em pensamento nessas longas perspectivas cortadas de luz e sombra, dizia a si mesmo: “Eis a estrada para o norte, eis a estrada para..., e se eu tivesse as asas de uma rola, por ali voaria à procura de conforto!” Homem, como todos os homens, cego nos seus desejos! Pois era lá, ao norte, naquele mesmo lugar, naquele mesmo vale, naquela casa tão desejada, que ele encontraria novos sofrimentos e toda uma companhia de cruéis fantasmas. Mas ali se encontrava também a Electra das bondades reparadoras, e, ainda agora, quando homem solitário e pensativo, percorre a imensa Londres, com o coração apertado por inúmeras tristezas que reclamam o doce bálsamo da afeição doméstica, olhando as ruas que se lançam de Oxford-street para o norte, e sonhando com a Electra bem-amada que o espera nesse mesmo vale, nessa mesma casa, o homem exclama, como outrora a criança: “Oh! se eu tivesse as asas de uma rola, por ali voaria à procura de consolo!”

O prólogo terminou, e posso prometer ao leitor, sem medo de mentir, que a cortina só será reaberta para a mais impressionante, a mais complicada e a mais esplêndida visão que jamais se fez surgir sobre o níveo papel, o frágil instrumento do literato.

[1] Talvez a senhora dos dez guinéus. (N.A.)
[2] Gravuras que ilustravam álbuns antigos. (N.T.)
[3] Não falamos inglês. (N.T.)
[4] Chocante. (N.T.)
[5] Lar. (N.T.)
[6] Confusão. (N.T.)
[7] Procurador. (N.T.)
[8] Tutores. (N.T.)

III

VOLÚPIAS DO ÓPIO

Tal como disse no começo, foi a necessidade de aliviar as dores de um organismo debilitado por deploráveis aventuras da juventude que fez nascer no autor destas memórias o hábito do ópio, primeiro frequente, depois cotidiano. Que tenha sido o desejo irresistível de renovar as volúpias misteriosas, descobertas desde o princípio, que o induziu a repetir constantemente suas experiências, ele não o nega, confessa-o até com candura; no entanto, invoca o benefício de uma escusa. Mas a primeira vez que ele e o ópio travaram conhecimento foi por uma circunstância trivial. Certo dia, estando com muita dor de dentes, e supondo que fosse proveniente de um descuido de higiene, mergulhou a cabeça na água fria, hábito que tinha desde a infância, perigoso entretanto no presente caso. Após o que, se deitou com os cabelos molhados. Resultou desta imprudência uma violenta dor reumática na cabeça e na face, que durou nada menos que vinte dias. No vigésimo primeiro, um domingo chuvoso de outono, em 1804, vagando pelas ruas de Londres para se distrair do seu mal (era a primeira vez que revia Londres desde que entrara na universidade), reencontrou um camarada, que lhe recomendou o ópio. Uma hora após a absorção da tintura de ópio, na quantidade prescrita pelo farmacêutico, toda a dor havia desaparecido. Mas esse benefício, que lhe parecera no momento tão grande, não era nada ao lado dos prazeres novos que lhe foram subitamente revelados. Que enlevo do espírito! Que mundos interiores! Era essa então a panaceia, o *pharmakon népenthès* para todas as dores humanas?

“O grande segredo da felicidade, sobre o qual os filósofos tinham discutido durante tantos séculos, estava portanto decididamente descoberto! Podia-se comprar a felicidade por um pêni e levá-la no bolso do colete; o êxtase deixar-se-ia fechar numa garrafa, e poderia despachar-se numa carruagem! O leitor acreditará talvez que estou brincando, mas é um velho hábito meu gracejar na dor, e posso afirmar que não rirá muito tempo aquele que tiver estabelecido comércio com o ópio. Seus prazeres são mesmo de uma natureza grave e solene, e, no seu estado mais feliz, o comedor de ópio não pode apresentar-se com o caráter do *allegro*; mesmo nesta hora ela fala e

pensa como convém ao *penseroso*.”

Antes de tudo, o autor quer vingar o ópio por certas calúnias: o ópio não é entorpecedor, ao menos para a inteligência; não embriaga. Se o láudano, tomado em grande quantidade, pode embriagar, não é em razão do ópio, mas do álcool que ele contém. Em seguida estabelece uma comparação entre os efeitos do álcool e os do ópio, e define muito nitidamente suas diferenças: assim, o prazer causado pelo vinho segue numa marcha ascendente, ao cabo da qual vai decrescendo, enquanto que o efeito do ópio, uma vez criado, permanece igual durante oito a dez horas. O primeiro prazer, agudo; o segundo, prazer crônico. Aqui, um clarão; lá um ardor, igual e firme. Mas a grande diferença reside sobretudo no fato de que o vinho perturba as faculdades mentais, ao passo que o ópio nelas introduz a ordem suprema e a harmonia. O vinho priva o homem do governo de si mesmo, o ópio torna esse governo mais flexível e mais calmo. Todo o mundo sabe que o vinho dá uma energia extraordinária, mas momentânea, ao desprezo e à admiração, ao amor e ao ódio. Mas o ópio comunica às faculdades mentais o sentimento profundo da disciplina e uma espécie de saúde divina. Os homens embriagados de vinho juram-se amizade eterna, dão-se as mãos e vertem lágrimas, sem que ninguém possa compreender por quê; a parte sensual do homem é evidentemente levada ao seu apogeu. Mas a expansão dos sentimentos benevolentes causada pelo ópio não é um acesso de febre; trata-se ao contrário do homem primitivamente bom e justo, restaurado e reintegrado ao seu estado natural, desembaraçado de todas as amarguras que ocasionalmente corromperam seu nobre temperamento. Enfim, por maiores que sejam os benefícios do vinho, pode-se dizer que ele frequentemente beira a loucura ou, ao menos, a extravagância, e que além de um certo limite ele se volatiza, digamos assim, e dispersa a energia intelectual; enquanto que o ópio parece sempre apaziguar o que foi agitado, e concentrar o que foi disseminado. Em uma palavra, é a parte puramente humana, e muitas vezes a parte brutal do homem, a que, com o auxílio do vinho, usurpa a soberania, ao passo que o comedor de ópio sente plenamente que a parte apurada de seu ser e suas afeições morais gozam de máxima flexibilidade, e, antes de tudo, que sua inteligência adquire uma lucidez consoladora e sem nuvens.

O autor nega igualmente que a exaltação intelectual produzida pelo ópio seja necessariamente seguida de um abatimento proporcional, e que o uso dessa droga provoque como consequência natural e imediata uma estagnação

e um torpor das faculdades mentais. Afirma que, durante um espaço de dez anos sempre gozou, no dia seguinte à ingestão de ópio, de uma excelente saúde intelectual. Quanto a esse torpor, do qual tantos escritores falaram e para cuja crença muito contribuiu o embrutecimento dos turcos, ele afirma jamais tê-lo conhecido. Que o ópio, de acordo com a qualificação sob a qual é conhecido, aja ao final como narcótico, isto é possível. Mas seus primeiros efeitos são sempre de estimular e de exaltar o homem, e esse enlevo de espírito nunca dura menos de oito horas. De maneira que é culpa do comedor de ópio, se ele não o dosa corretamente e faz recair sobre o sono natural todo o peso da influência narcótica. Para que o leitor possa julgar se o ópio é capaz de entorpecer as faculdades de um cérebro inglês, ele nos dará, diz, duas amostras de seus prazeres e, tratando da questão mais por exemplos que por argumentos, vai nos contar qual o emprego que dava, quase sempre, *às suas noites de ópio* em Londres, no período compreendido entre 1804 e 1812. Era então um incansável trabalhador e, estando o seu tempo totalmente preenchido por severos estudos, pensava ter o direito de procurar de quando em quando, como todos os homens, o alívio e a recreação que melhor lhe conviessem.

"Na próxima sexta-feira, se Deus quiser, proponho-me estar bêbedo", dizia o falecido duque de..., e nosso autor fixava assim com antecedência quando e quantas vezes, em determinado período, entregar-se-ia ao seu prazer favorito. Era uma vez cada três semanas, raramente mais, em geral terça-feira ou sábado à noite, dias de ópera. Eram os bons tempos da Grassini. A música penetrava então os seus ouvidos, não como uma simples sucessão lógica de sons agradáveis, mas como uma série de *memoranda*, como palavras mágicas que evocam toda sua vida passada. A música interpretada e iluminada pelo ópio era essa intelectual, cuja grandeza e intensidade pode facilmente conceber um espírito refinado. Inúmeras pessoas desejam saber quais são as ideias positivas contidas nos sons; esquecem-se, ou melhor, ignoram que a música, nesse particular irmã da poesia, representa muito mais os sentimentos que as ideias; sugere ideias, é verdade, mas não as contém em si mesma. Toda sua vida passada vivia nele próprio, diz o autor, não por um esforço da memória, mas como presente encarnado na música; não era doloroso contemplá-la; toda a trivialidade e a crueldade inerentes às coisas humanas estavam agora excluídas dessa misteriosa ressurreição ou fundidas e sufocadas numa bruma ideal, e suas antigas paixões se encontravam

exaltadas, enobrecidas, espiritualizadas. Quantas e quantas vezes lhe aconteceu de rever nesse segundo teatro, iluminadas em seu espírito pelo ópio e pela música, as estradas e montanhas que percorrera, quando colegial emancipado e seus amáveis hóspedes do País de Gales, e as trevas cortadas por clarões das imensas ruas de Londres e suas melancólicas amizades, e suas longas misérias consoladas por Ann e pela esperança de um futuro melhor! E depois, em toda a sala, durante os intervalos dos entreatos, as conversas em italiano e a música de uma língua estrangeira falada por mulheres aumentavam ainda mais o encanto dessa noite; pois sabemos que o fato de ignorar uma língua torna o ouvido muito mais sensível à sua harmonia. Da mesma forma, ninguém está mais apto a saborear uma paisagem do que aquele que a contempla pela primeira vez. A natureza então se apresenta a ele em toda a sua estranheza, porque não foi desbotada ainda por um olhar demasiado frequente.

Mas certas vezes, numa noite de sábado, outra tentação, de um gosto mais singular e não menos encantador, triunfava sobre seu amor pela ópera italiana. O prazer em questão, suficientemente atraente para rivalizar-se com a música, poderia ser denominado de diletantismo na caridade. O autor tinha sido infeliz e tinha acumulado singulares experiências, abandonado ainda jovem no turbilhão de uma grande capital. Ainda que seu espírito não fosse de uma natureza boa, delicada e afetuosa, o que o leitor terá certamente notado, poderíamos supor com facilidade que aprendera, nas longas jornadas de vagabundagem e nas noites de angústias ainda mais longas, a amar e a lastimar o pobre. O antigo colegial quer rever essa vida dos humildes; quer mergulhar no seio dessa multidão de deserdados, e, da mesma forma como o nadador abraça o mar e entra assim em contato mais direto com a natureza, ele aspira tomar, por assim dizer, um banho de multidão. Aqui, o tom do livro se eleva o bastante para que me sinta no dever de passar a palavra ao autor:

“Esse prazer, como já disse, só podia realizar-se no sábado à noite. Em que a noite de sábado se distinguia das outras noites? De que labores tinha eu que me repousar? Que salário a receber? E que tinha eu que me preocupar, num sábado à noite, senão com um convite para ouvir a Grassini? É verdade, leitor, pela vossa lógica, e o que dizeis é irrefutável. Mas os homens dão um curso variado aos seus sentimentos, e, enquanto a maior parte deles dá o testemunho de seu interesse pelos pobres, simpatizando de uma maneira ou de outra com as suas misérias e os seus desgostos, eu me inclinava nessa

época a exprimir meu interesse por eles simpatizando com os seus prazeres. Vira recentemente as dores da pobreza; vira-as muito bem para gostar de reavivar sua lembrança; mas os prazeres do pobre, as consolações do seu espírito, os descansos da sua fadiga corporal não podem nunca se tornar uma contemplação dolorosa. Ora, a noite de sábado marca o retorno do repouso periódico para o pobre; as seitas mais hostis se unem nesse ponto e reconhecem o laço comum da fraternidade; nessa noite quase todos os cristãos repousam de seu trabalho. É um repouso que serve de introdução a um outro repouso: um dia inteiro e duas noites o separam da próxima fadiga. É por isso que no sábado à noite me parece sempre que eu próprio estou livre de qualquer jugo do trabalho, que eu próprio tenho um salário a receber, e que vou poder gozar o luxo do repouso. Assim, para ser testemunha, numa escala tão larga quanto possível de um espetáculo com o qual simpatizava tão profundamente, tinha o costume, no sábado à noite, depois de ter tomado meu ópio, de me perder ao longe, sem me preocupar com o caminho nem com a distância, em todos os mercados onde os pobres se reúnem para gastar seus salários. Espiei e escutei mais de uma família, composta de um homem, sua mulher e um ou dois filhos, enquanto discutiam seus projetos, seus meios, a força de seu orçamento ou o preço de artigos domésticos. Gradualmente me familiarizei com seus desejos, suas dificuldades ou suas opiniões. Acontecia-me por vezes ouvir murmúrios de descontentamento, mas frequentemente, porém, suas fisionomias e suas palavras exprimiam a paciência, a esperança e a serenidade. E devo dizer sobre esse ponto que o pobre, em geral, é bem mais filósofo que o rico, quando mostra uma resignação mais pronta e mais alegre ao que considera como um mal irremediável ou uma perda irreparável. Todas as vezes que tinha oportunidade ou que podia fazê-lo sem parecer indiscreto, misturava-me a eles, e, a propósito do assunto em discussão, dava meu parecer, nem sempre judicioso, mas sempre recebido com benevolência. Se os salários tinham subido um pouco, ou se havia a expectativa de que eles subissem proximamente, se a libra de pão estava um pouco menos cara, ou se corria o rumor de que as cebolas e a manteiga iam em breve baixar, sentia-me feliz; mas, se o contrário acontecia, tirava do meu ópio meios de consolo. Pois o ópio (como a abelha que tira indiferentemente os seus materiais da rosa e da fuligem das chaminés) tem a capacidade de submeter todos os sentimentos e de regulá-los conforme o seu diapasão. Alguns desses passeios me levavam a grandes distâncias; pois o comedor de ópio é demasiado feliz

para dar pela passagem do tempo. E às vezes, num esforço para me situar em relação à casa, fixando, de acordo com os princípios náuticos, os meus olhos na estrela polar, procurando avidamente a *minha passagem do noroeste*, para evitar dobrar de novo todos os cabos e promontórios que encontrara na primeira viagem, entrava repentinamente em labirintos de ruelas, em enigmas de becos, em problemas de ruas sem saída, feitos para zombar da coragem dos carregadores e confundir a inteligência dos cocheiros de fiacre. Por vezes cheguei a crer que acabava de ser o primeiro a descobrir algumas dessas *terrae incognitae*, e duvidava que elas estivessem indicadas nos mapas modernos de Londres. Mas, ao fim de alguns anos, paguei cruelmente por todas essas fantasias, quando a face humana veio tiranizar meus sonhos, e quando minhas vagabundagens perplexas no seio da imensa Londres se produziram no meu sono, com um sentimento de perplexidade moral e intelectual que trazia a confusão à minha casa e a angústia e o remorso à minha consciência...”

Assim o ópio não engendra necessariamente a inação ou o torpor, já que, ao contrário, conduzia nosso sonhador aos centros mais frenéticos da vida comum. No entanto, os teatros e mercados não são, em geral, o lugar preferido de um comedor de ópio, principalmente quando em seu estado de fruição mais perfeito. A multidão exerce então sobre ele uma espécie de opressão, mesmo a música adquire um caráter sensual e grosseiro. Ele busca mais a solidão e o silêncio, como condições indispensáveis aos seus êxtases e devaneios profundos. Se a princípio o autor dessas *Confissões* jogou-se na multidão e na correnteza humana, foi para reagir contra um pendor muito vivo ao devaneio e a uma negra melancolia, resultante de seus sofrimentos de juventude. Em suas pesquisas científicas, como no convívio com a sociedade dos homens, ele fugia de uma espécie de hipocondria. Mais tarde, quando sua verdadeira natureza foi restabelecida, e quando as trevas das antigas tormentas foram dissipadas, acreditou poder se entregar, sem perigo, ao seu gosto por uma vida solitária. Mais de uma vez chegou a passar toda uma bela noite de verão sentado ao pé de uma janela, sem se mover, sem mudar sequer de posição, do ocaso ao amanhecer; alimentando seus olhos com a vasta perspectiva do mar e da grande cidade, e seu espírito com as longas e deliciosas meditações sugeridas por esse espetáculo. Uma grande alegoria natural estendia-se então diante dele:

“A cidade, esfumada pela bruma e pelas frouxas claridades da noite,

representava a terra, com seus desgostos e seus túmulos, situados bem para trás, mas não totalmente esquecidos, nem fora do alcance da minha vista. O Oceano, com sua respiração eterna, mas alimentado por uma vasta calma, personificava meu espírito e a influência que então o governava. Parecia-me que, pela primeira vez, mantinha-me distante e fora do tumulto da vida; que o barulho, a febre e a luta estavam suspensos; que uma pausa fora concedida às secretas opressões do meu coração; um repouso de feriado; uma libertação de todo o trabalho humano. A esperança que floresce nos caminhos da vida não contradizia mais a paz que habita os túmulos, as evoluções da minha inteligência pareciam-me tão infatigáveis como os céus, e no entanto todas as preocupações estavam aplanadas por uma calma alciônica; era uma tranquilidade que parecia o resultado, não da inércia, mas do antagonismo majestoso de forças iguais e poderosas; atividades infinitas, infinito repouso!

"Ó justo, sutil e poderoso ópio!... tu possuis as chaves do paraíso!..."

É aqui que se elevam essas estranhas ações de graças, ímpetos de reconhecimento que transcrevi textualmente no princípio deste trabalho, e que lhe poderiam servir de epígrafe. É como o buquê que arremata a festa. Pois em breve o cenário se tornará sombrio, e as tempestades aglomerar-se-ão na noite.

IV

TORTURAS DO ÓPIO

Foi em 1804 que ele travou conhecimento com o ópio, pela primeira vez. Oito anos se passaram, anos felizes e enobrecidos pelo estudo. Estamos agora em 1812. Longe, bem longe de Oxford, a uma distância de duzentas e cinquenta milhas, encerrado num refúgio entre as montanhas, o que faz agora nosso herói (claro, ele bem merece esse título)? Pois bem, ele toma ópio. E o que mais? Estuda a metafísica alemã: lê Kant, Fichte, Schelling. Enfiado numa pequena casa de campo, com uma única empregada, vê as horas deslizarem, sérias e tranquilas. E não se casou? Ainda não. E sempre o ópio? cada noite de sábado. E esse regime durou imprudentemente desde o famoso domingo chuvoso de 1804? sim, infelizmente! Mas, e sua saúde, após essa longa e regular devassa? Jamais se portou tão bem, diz ele, como na primavera de 1812. Notemos que, até o presente, não passou de um diletante, e que o ópio não se tornou ainda para ele uma higiene cotidiana. As doses sempre foram moderadas e prudentemente separadas por um intervalo de alguns dias. Talvez esta prudência e esta moderação tenham retardado o surgimento dos terrores vingativos. Em 1813 começa uma nova era. Durante o verão precedente um acontecimento doloroso, que não nos explica, golpeou fortemente seu espírito, deixando sua saúde combalida; desde essa data começou a sofrer de pavorosa irritação estomacal, que se parecia surpreendentemente com a que sentia em suas noites de angústia, na casa do procurador, e que era acompanhada de todos os seus antigos sonhos mórbidos. Eis enfim a grande justificativa! De que serviria estender-se sobre a crise e contar todos os seus detalhes? A luta foi longa, fatigante, e insuportáveis suas dores. E a libertação estava permanentemente ali, ao alcance de suas mãos. Diria de bom grado a todos os que desejaram algum dia um bálsamo, um *népenthès*[1] para as dores cotidianas, perturbando o exercício regular de sua vida e conspurcando todo o esforço de sua vontade; a todos estes, doentes do espírito, doentes do corpo, eu diria: que aquele que não tem pecados, seja de ação, seja de intenção, atire em nosso enfermo a primeira pedra! Assim, a coisa está clara; aliás, ele nos suplica que acreditemos nele: quando começou a tomar ópio todos os dias, havia uma

urgência, uma necessidade, uma fatalidade; viver de outra maneira era então impossível. E depois, serão assim tão numerosos os bravos que sabem afrontar pacientemente, com uma energia renovada de minuto em minuto, a dor, a tortura, sempre presente, que não se cansa, em vista de um benefício vago e longínquo? O que parece tão corajoso e tão paciente não teve tão grande mérito em vencer, e o que resistiu pouco tempo empregou, nesse pequeno intervalo, uma vasta energia menosprezada. Por acaso os temperamentos humanos não seriam também infinitamente variados como as doses químicas? "No estado nervoso em que estou é-me tão impossível suportar *um moralista desumano como o ópio que não foi fervido!*" Eis uma bela sentença, uma irrefutável sentença. Não se trata mais de circunstâncias atenuantes, trata-se de circunstâncias absolventes.

Enfim, essa crise de 1813 teve um desfecho fácil de adivinhar. Ao invés de perguntarmos doravante ao nosso solitário homem, se tal dia tomou ou não tomou ópio, faríamos melhor inquirindo-o se *seus pulmões respiraram nesse dia, ou se seu coração cumpriu suas funções*. Acabou-se a quaresma do ópio, acabou-se o ramadã, a abstinência! O ópio faz parte da vida! Pouco antes de 1816, o mais belo, o mais límpido ano de sua existência, ele nos conta que passou subitamente, e quase sem esforço, de trezentos e vinte grãos de ópio, ou seja, oito mil gotas de láudano, a quarenta grãos diários, diminuindo assim seu estranho alimento de sete oitavos. A nuvem de profunda melancolia que se abatera sobre seu cérebro dissipou-se num só dia, como por um passe de mágica. A agilidade espiritual reapareceu, e ele pôde novamente crer na felicidade. Não tomava mais que mil gotas de láudano por dia (que temperança!). Foi como um verão espiritual da Saint-Martin. Releu Kant, compreendeu-o ou pensou fazê-lo. Estava outra vez com toda aquela leveza, aquela alegria de espírito – tristes palavras para traduzir o intraduzível – ambos favoráveis ao trabalho e ao exercício da fraternidade. Esse espírito de benevolência e de complacência pelo próximo, digamos assim, de caridade, que se assemelha um pouco (que isso seja insinuado sem intenção de faltar com o respeito a um autor tão sério) à caridade dos bêbados, exerceu-se um belo dia da maneira mais bizarra e mais espontânea, em proveito de um malásio. Notem bem este malásio; nós o reveremos mais tarde; reaparecerá, multiplicado de uma forma terrível. Pois quem pode calcular o impacto e a repercussão de um incidente qualquer na vida de um sonhador? Quem pode pensar, sem estremecer, no infinito alargamento dos círculos nas ondas

espirituais, agitadas por uma pedra do acaso? – Pois então, um dia, um malásio bate à porta desse retiro silencioso. O que viria fazer um malásio nas montanhas da Inglaterra? Talvez se dirigisse a um porto situado a quarenta milhas dali. A empregada, nascida na montanha, que não conhecia mais a língua malásia que o inglês, e que nunca havia visto um turbante em sua vida, ficou extremamente apavorada. Mas se lembrando de que seu senhor era um sábio, e presumindo que deveria falar todas as línguas da terra, talvez mesmo a da lua, correu à sua procura para lhe pedir que exorcizasse o demônio que se instalara na cozinha. Contraste curioso e divertido o de dois rostos olhando um para o outro; um, marcado pelo orgulho saxão, outro, pela servilidade asiática; um, rosa e fresco; outro, amarelo e bilioso, iluminado por pequenos olhos móveis e inquietos. O sábio, para salvar sua reputação aos olhos da empregada e de seus vizinhos, dirigiu-se ao outro em grego; o malásio respondeu evidentemente em malásio; não se compreenderam, e tudo terminou bem. Este último repousou durante uma hora no chão da cozinha, e depois fez menção de seguir viagem. O pobre asiático, se por acaso viera a pé de Londres, não devia ter trocado uma palavra sequer com uma criatura humana pelo menos havia três semanas. Nosso autor, supondo que um homem dessas paragens deveria conhecer o ópio, e para consolá-lo dos prováveis aborrecimentos dessa vida solitária, deu-lhe de presente um bom bocado da preciosa substância. Pode-se conceber maneira mais nobre de se manifestar hospitalidade? Pela expressão do rosto, o malásio demonstrou claramente que conhecia o ópio e engoliu de uma só vez uma quantidade que teria podido matar várias pessoas. Havia nisso, é claro, o bastante para inquietar um espírito caridoso; mas não se ouviu falar na região de nenhum cadáver de malásio encontrado na grande estrada. Esse estranho viajante estava, pois, suficientemente familiarizado com o veneno, e o resultado desejado pela caridade fora obtido.

Então, disse eu, o comedor de ópio ainda era feliz; verdadeira felicidade de sábio e de solitário apaixonado pelo *conforto*: uma encantadora casa de campo, uma bela biblioteca, paciente e delicadamente formada, o inverno enfurecendo-se na montanha. Uma bela habitação não torna o inverno mais poético, e o inverno não aumenta a poesia da habitação? A alva casa situava-se ao fundo de um vale rodeado de montanhas suficientemente altas; o vale estava todo envolto por arbustos, que espalhavam uma tapeçaria de flores sobre os muros e formavam nas janelas um quadro perfumado, durante a

primavera, o verão e o outono, começando pelas rosas de maio e terminando com o jasmim. Mas a bela estação, a estação da felicidade para um homem de devaneio e de meditação como ele, era o inverno, e o inverno em sua forma mais rude. Há pessoas que se felicitam por obter do céu um inverno benigno, e que ficam felizes ao vê-lo partir. Mas ele, ao contrário, pede ao céu todos os anos tanta neve, tanto granizo e geada que este possa conter. É-lhe necessário um inverno canadense, um inverno russo; precisa disso até para sua fortuna. Seu ninho será mais quente, mais doce, mais amado: as velas acesas às quatro horas, uma boa sala de estar, bons tapetes, pesadas cortinas ondeando até o chão, uma boa mão para fazer o chá, e o chá servido desde as oito horas da noite até as quatro horas da manhã. Sem inverno, nenhum desses prazeres é possível; *todo o conforto* exige uma temperatura rigorosa; isso custa caro, aliás. Portanto, nosso sonhador tem bem o direito de exigir que o inverno pague honestamente sua dívida, como ele a sua. O salão é pequeno e serve a duas finalidades. Poderíamos chamá-lo com mais propriedade de biblioteca; é ali que estão acumulados cinco mil volumes, comprados um a um, verdadeira conquista da paciência. Uma grande fogueira brilha na lareira; sobre a bandeja descansam duas xícaras e dois pires, pois a caridosa Electra, que ele nos fez pressentir, embeleza a casa com toda a feitiçaria de seus angélicos sorrisos. Para que descrever-lhe a beleza? O leitor poderia crer que essa potência de luz é puramente física e pertence ao domínio do pincel terrestre. E depois, não nos esqueçamos do frasco de láudano, uma garrafa enorme! Pois estamos longe demais dos farmacêuticos de Londres para renovar frequentemente nossa provisão; um livro de metafísica alemã descansa sobre a mesa, testemunho das eternas ambições intelectuais do proprietário. – Paisagem de montanhas, retiro silencioso, luxo, ou melhor, bem-estar sólido, vasto lazer para a meditação, inverno rigoroso, próprio à concentração do espírito, sim, era isso a felicidade, ou antes os últimos raios de felicidade, uma pausa no destino, um jubileu no sofrimento; pois afloramos agora à época funesta onde “é preciso dizer adeus a esta doce beatitude, adeus ao inverno como ao verão, adeus aos sorrisos e aos risos, adeus às consolações benditas do sono!” Durante mais de três anos nosso sonhador viverá como um exilado, escorraçado do território da felicidade comum, pois ele chegou agora a “*uma Ilíada de calamidade, chegou às fortunas do ópio*”. Época sombria, vasta rede de trevas, rasgada a intervalos por ricas e esmagadoras visões:

como se um grande pintor molhasse
seu pincel na obscuridade do terremoto e do
eclipse.

Esses versos de Shelley, cujo tom solene é verdadeiramente miltoniano, descrevem bem a cor de uma paisagem opiácea, se é que nos podemos expressar assim; ali estavam o céu morno e o horizonte impermeável que envolvem um cérebro subjugado pelo ópio. O infinito no horror e na melancolia, e, mais melancólica que tudo, a impotência para escapar ao suplício!

Antes de prosseguir, nosso penitente (poderíamos de tempos em tempos chamá-lo assim, se bem que pertença, segundo as aparências, à classe dos penitentes sempre prontos a recair no seu pecado) nos adverte de que não se deve buscar uma ordem muito rigorosa nessa parte de seu livro, uma ordem cronológica ao menos. Quando a escreveu estava só em Londres, incapacitado de construir uma narração regular com o acervo de lembranças pesadas e repugnantes, exilado e longe das mãos amigas que sabiam classificar seus papéis, e tinham o costume de lhe prestar todos os serviços de um secretário. Escreve sem precaução, quase sem pudor, diríamos, supondo-se, diante de um leitor indulgente, a quinze ou vinte anos da época presente; e, pretendendo antes de tudo estabelecer simplesmente as memórias de um período desastroso, ele o faz com todo o esforço de que ainda é capaz no momento, ignorando se no futuro encontrará força ou ocasião para tanto.

Mas por que, irão perguntar-lhe, não vos libertastes dos horrores do ópio, abandonando-o, ou ao menos diminuindo as doses? Fez longos e dolorosos esforços para reduzir a quantidade; mas os que foram testemunhas das lamentáveis batalhas, dessas agonias sucessivas, foram os primeiros a suplicar que renunciasse a elas. Por que não diminuir a dose de uma gota por dia, ou atenuar o seu poder adicionando água? Calculou que teriam sido necessários vários anos para obter por esse meio uma vitória incerta. Aliás, todos os amadores de ópio sabem que, antes que se atinja um certo grau, sempre se pode reduzir a dose sem dificuldades, e até mesmo com prazer, mas que, uma vez ultrapassada essa dose, toda redução causa dores intensas. Mas por que não consentir num abatimento momentâneo, de alguns dias? Não há abatimento; não é nisso que consiste a dor. Ao contrário, a diminuição do ópio aumenta a vitalidade; o pulso é melhor; a saúde se aperfeiçoa; mas resulta dele uma pavorosa irritação no estômago,

acompanhada de abundantes suores e de uma sensação de mal-estar generalizado, que nasce da falta de equilíbrio entre a energia física e a saúde do espírito. Com efeito, é fácil compreender que o corpo, a parte terrestre do homem, que o ópio havia vitoriosamente pacificado e reduzido a uma perfeita submissão, queira retomar seus direitos, enquanto o império do espírito, que até então fora unicamente favorecido, encontra-se reduzido na mesma proporção. É um equilíbrio rompido que se quer restabelecer e que não se pode restabelecer sem crise. Mesmo não levando em consideração as irritações estomacais e as transpirações excessivas, é fácil imaginar a angústia de um homem nervoso, cuja vitalidade fosse regularmente despertada, e o espírito se mantivesse inquieto e inativo. Nessa terrível situação, o doente geralmente considera o mal preferível à cura, e se entrega de cabeça baixa ao seu destino.

O comedor de ópio tinha há muito interrompido seus estudos. Às vezes, a pedido de sua mulher e de uma outra senhora que vinha tomar chá com eles, consentia em ler em voz alta as poesias de Wordsworth. Ou então, um ataque momentâneo o fazia tocar nos grandes poetas. Por rompantes interessava-se ainda momentaneamente pelos grandes poetas; mas sua verdadeira vocação, a filosofia, fora, completamos, negligenciada. A filosofia e as matemáticas reclamam uma aplicação constante e firme, e seu espírito recuava agora diante desse dever diário com uma íntima e desoladora consciência de sua fraqueza. Uma grande obra, à qual jurara empregar todas as suas forças, e cujo título lhe fora fornecido pelas *reliquiae* de Spinosa: *De emendatione humani intellectus*, continuava num canto, inacabada e suspensa com o aspecto desolado dessas grandes construções empreendidas por governos pródigos ou por arquitetos imprudentes. O que devia ser, para os pósteros, a prova de sua força e de seu devotamento à causa da humanidade, não serviria portanto senão de testemunho à sua fraqueza e presunção. Felizmente restava-lhe ainda a economia política, como um divertimento. Se bem que ela deva ser considerada como ciência, ou seja, como um todo orgânico, algumas de suas partes integrantes podem ser destacadas e consideradas isoladamente. De tempos em tempos sua mulher lia para ele os debates do parlamento ou as novidades da livraria em matéria de economia política; mas, para um literato profundo e erudito, era um triste alimento; para quem quer que tenha manejado a lógica, são os restos do espírito humano. Um amigo de Edimburgo, no entanto, enviou-lhe em 1819 um livro de

Ricardo, e antes de ter acabado o primeiro capítulo, percebendo que ele próprio profetizara a vinda de um legislador dessa ciência, exclamava: “Eis o homem!” O espanto e a curiosidade estavam ressuscitados. Mas sua maior, sua mais deliciosa surpresa era poder ainda se interessar por uma leitura qualquer. Sua admiração por Ricardo naturalmente aumentou por isso. Uma obra tão profunda teria verdadeiramente nascido na Inglaterra, no século XIX? Pois ele supunha que todo pensamento estava morto na Inglaterra. Ricardo havia de uma só feita encontrado a lei, criado a base; havia jogado um raio de luz nesse tenebroso caos de materiais onde se tinham perdido os seus antecessores. Nosso sonhador, todo inflamado, rejuvenescido, reconciliado com o pensamento e o trabalho, põe-se a escrever, ou melhor, a ditar à sua companheira. Parecia-lhe que o olho escrutador de Ricardo havia deixado escapar algumas verdades importantes, cuja análise, reduzida pelos processos algébricos, podia servir de matéria para um interessante voluminho. Desse esforço de doente resultaram os *Prolegômenos para todos os sistemas futuros de economia política*[2]. Fizera alguns arranjos com um impressor da província, que morava a oito milhas de sua casa; para que a obra ficasse pronta mais rápido, fora mesmo contratado um compositor suplementar; o livro fora anunciado duas vezes; mas ai dele! faltava escrever um prefácio (a fadiga de um prefácio!) e uma magnífica dedicatória a Ricardo; que trabalho para um cérebro debilitado pelas delícias de uma orgia permanente! Ó humilhação de um autor nervoso, tiranizado pela atmosfera interior! A impotência ergueu-se, terrível, intransponível, como as geleiras do polo; todos os arranjos foram desfeitos, o compositor despedido, e os *Prolegômenos*, envergonhados, deitaram-se, por muito tempo, ao lado de seu irmão mais velho, o famoso livro sugerido por Spinosa.

Horrível situação! sentir o espírito fervilhar de ideias, e não mais poder atravessar a ponte que separa os campos imaginários do devaneio das colheitas positivas da ação! Se aquele que me lê agora conheceu os imperativos da produção, não tenho necessidade de descrever-lhe o desespero de um nobre espírito, clarividente, hábil, lutando contra essa danação de gênero tão especial. Abominável enfeitiçamento! Tudo o que disse sobre a diminuição da vontade em meu estudo sobre o haxixe é aplicável ao ópio. Responder a cartas? trabalho gigantesco, adiado de hora para hora, de dia para dia, de mês para mês. Questões de dinheiro? estafante puerilidade. A economia doméstica é então mais negligenciada que a economia política. Se

um cérebro debilitado pelo ópio estivesse inteiramente debilitado, se, para me servir de uma ignóbil locução, ele estivesse totalmente embrutecido, o mal seria evidentemente menor, ou ao menos mais tolerável. Mas um comedor de ópio não perde nenhuma de suas aspirações morais; vê o dever, ama-o; quer preencher todas as condições do possível; mas seu poder de execução não está mais à altura de sua concepção. Executar! que digo eu? poderá ele sequer tentar? É o peso de um pesadelo esmagando toda a vontade. Nosso desgraçado torna-se então uma espécie de Tântalo, ardente por amar o seu dever; impotente para correr a ele; um espírito, *um espírito puro*, condenado a desejar o que não pode adquirir; um bravo guerreiro, insultado no que ele tem de mais caro e fascinado por uma fatalidade que lhe ordena que fique na cama, onde se consome numa raiva impotente!

Assim o castigo viera, lento mas terrível. Não era somente por essa impotência espiritual que ele viria a se manifestar, mas também por horrores de uma natureza mais cruel e mais positiva. O primeiro sintoma que apareceu na economia física do comedor de ópio é curioso de notar. É o ponto de partida, o germe de toda uma série de dores. As crianças são, em geral, dotadas da singular faculdade de perceber, ou melhor, de criar, sobre a tela fecunda das trevas, todo um mundo de visões bizarras. Essa faculdade age, em alguns, independentemente de sua vontade. Outros, entretanto, têm o poder de evocá-las ou de mandá-las embora conforme queiram. Por um caso semelhante, nosso narrador descobriu que se tornava outra vez criança. Já em meados de 1817, essa perigosa faculdade o atormentara cruelmente. Deitado, mas desperto, procissões fúnebres e magníficas desfilavam diante de seus olhos; intermináveis edifícios de caráter antigo e solene erguiam-se. Mas os sonhos do sono logo participaram dos sonhos da vigília e tudo que seus olhos evocavam nas trevas reproduzia-se em seu sono com esplendor inquietante, insuportável. Midas transformava em ouro tudo o que tocava, e sentia-se martirizado por esse irônico privilégio. Da mesma forma o comedor de ópio transformava em realidades inevitáveis todos os objetos de seus sonhos. Essa fantasmagoria toda, por mais bela e poética que fosse na aparência, era acompanhada de uma angústia profunda e de uma negra melancolia. Parecia-lhe, cada noite, que descia indefinidamente aos abismos sem luz, além de toda profundeza conhecida, sem esperanças de poder voltar a subir. E, mesmo após o despertar, persistia uma tristeza, uma desesperança vizinha do aniquilamento. Fenômeno análogo a alguns dos que se produzem na

embriaguez do haxixe, o sentido do espaço e, mais tarde, o sentido da duração do tempo foram singularmente afetados. Monumentos e paisagens tomaram formas vastas demais para não serem uma dor para o olhar humano. O espaço inflou-se, por assim dizer, até o infinito. Mas a expansão do tempo se transformara numa angústia ainda mais viva; os sentimentos e as ideias que preenchiam a duração de uma noite representavam para ele o valor de um século. Por outro lado, os mais vulgares acontecimentos da infância, cenas há muito esquecidas, reproduziram-se em seu cérebro, animadas por uma vida nova. Desperto, ele não teria talvez se lembrado delas, mas no sono ele as *reconheceria* imediatamente. Assim como o homem que se afoga revê, no minuto supremo da agonia, toda sua vida, como num espelho; assim como o danado lê, num segundo, a terrível exposição de todos os seus pensamentos terrestres; assim como as estrelas veladas pela luz do dia reaparecem com a noite, assim, igualmente, todas as inscrições gravadas na memória inconsciente reapareceram como por efeito de uma tinta simpática.

O autor *ilustra* as principais características de seus sonhos com algumas amostras de uma natureza estranha e temível; numa, entre outras, pela *lógica* particular que governa os acontecimentos do sono, dois elementos históricos muito distantes se justapõem em seu cérebro, da maneira mais extravagante. Assim, no espírito infantil de um camponês, uma tragédia torna-se por vezes o desenlace da comédia que abriu o espetáculo:

“Na minha juventude, e mesmo depois, sempre fui um grande leitor de Tito Lívio; ele sempre foi um dos meus mais caros lazeres; confesso que o prefiro, pela matéria e pelo estilo, a qualquer outro historiador romano, e senti toda a terrível e solene sonoridade, toda a enérgica representação da majestade do povo romano nestas duas palavras que tão frequentemente aparecem nas narrativas de Tito Lívio: *Consul Romanus*; particularmente quando o cônsul se apresenta com seu caráter militar. Quero dizer que as palavras rei, sultão, regente, ou quaisquer outros títulos pertencentes aos homens que personificam em si a majestade de um grande povo, não tinham o poder de me inspirar o mesmo respeito. Embora eu não seja um grande leitor de coisas históricas, tinha-me igualmente familiarizado, de uma maneira minuciosa e crítica, com um certo período da história da Inglaterra, o período da Guerra do Parlamento, que me havia atraído pela grandeza moral daqueles que nela figuraram e pelas numerosas memórias interessantes que sobreviveram a essas perturbadas épocas. Essas duas partes das minhas

leituras de lazer, que muitas vezes haviam fornecido matéria às minhas reflexões, forneciam agora alimento aos meus sonhos. Aconteceu-me muitas vezes ver, quando estava acordado, uma espécie de ensaio teatral, desenhando-se mais tarde nas trevas complacentes – uma multidão de mulheres – talvez uma festa e danças. E ouvia dizerem, ou dizia-me a mim mesmo: “São as mulheres e as filhas daqueles que se reuniam em paz, que se sentavam às mesmas mesas, e que estavam ligados pelo casamento ou pelo sangue; e contudo, depois de um certo dia de agosto de l642, nunca mais se sorriram e só se encontraram nos campos de batalha; e em Marston Moor, em Newbury ou em Naseby, cortaram todos os laços de amor com o sabre cruel, e apagaram com o sangue a lembrança das amizades antigas”. As damas dançavam, e pareciam tão sedutoras como na corte de George IV. Entretanto, eu sabia, mesmo no sonho, que elas estavam no túmulo há quase dois séculos. Mas toda essa pompa se dissiparia subitamente; a um bater de palmas, ouviam-se estas palavras cujo som me agitava o coração; *Consul Romanus*! e imediatamente chegava, varrendo tudo diante dele, magnífico no seu manto de campanha, Paulo Emílio ou Mário, rodeado de uma companhia de centuriões, fazendo erguer a túnica vermelha na ponta de uma lança, e seguido do temível hurra das legiões romanas.”

Admiráveis e monstruosas arquiteturas ergueram-se em seu cérebro, semelhantes às construções móveis que os olhos do poeta percebem nas nuvens coloridas pelo sol poente. Mas logo a esses sonhos de terraços, de pátios, de muralhas, subindo a alturas desconhecidas e mergulhando em imensas profundezas, sucederam lagos e vastas superfícies de água. A água tornou-se o elemento obsedante. Notamos já, em nosso trabalho sobre o haxixe, essa espantosa predileção do cérebro pelo elemento líquido e por suas misteriosas seduções. Não se diria que há um parentesco singular entre esses dois excitantes, ao menos nos seus efeitos sobre a imaginação, ou se se preferir esta explicação, que o cérebro humano, sob o império de um excitante, apaixona-se mais facilmente por certas imagens? As águas mudaram logo de caráter, e os lagos transparentes, brilhantes como espelhos, transformaram-se em mares e oceanos. E, depois, uma nova metamorfose tornou essas águas magníficas, inquietantes apenas por sua frequência e por sua extensão, um horrível tormento. Nosso autor amara muito a multidão, mergulhara com demasiada delícia nos mares da multidão, para que a face humana não tomasse nos seus sonhos uma parte despótica. E então

manifestou-se o que ele denominou, creio, de *a tirania da face humana*. “Então sobre as águas movediças do Oceano começou a mostrar-se a face do homem; o mar apareceu-me calcetado de inúmeras cabeças viradas para o céu; rostos furiosos, suplicantes, desesperados, puseram-se a dançar na superfície, milhares, miríades, gerações, séculos; a minha agitação tornou-se infinita, e o meu espírito saltou e rolou como as vagas do Oceano.”

O leitor já notou que há muito o homem não evoca mais as imagens, mas que as imagens se lhe oferecem, espontaneamente, despoticamente. Não pode mandá-las embora, pois a vontade não tem mais força e não governa mais as faculdades. A memória poética, outrora fonte infinita de prazeres, tornou-se um arsenal inesgotável de instrumentos de suplícios.

Em 1818, o malásio do qual já falamos atormentava-o cruelmente; era uma visita insuportável. Como o espaço, como o tempo, o malásio se multiplicara. O malásio tornara-se a própria Ásia; a Ásia antiga, solene, monstruosa e complicada como seus templos e religiões; onde tudo, desde os aspectos mais comuns da vida até as recordações clássicas e grandiosas que ela comporta, é feito para confundir e maravilhar o espírito de um europeu. E não era apenas a China, bizarra e artificial, prodigiosa e velhusca como um conto de fadas, quem oprimia o seu cérebro. Essa imagem chamava naturalmente a imagem vizinha da Índia, tão misteriosa e tão inquietante para um espírito do Ocidente; e a seguir a China e a Índia formavam com o Egito uma tríade ameaçadora, um pesadelo complexo, de angústias variadas. Em suma, o malásio havia evocado todo o imenso e fabuloso Oriente. As páginas seguintes são demasiado belas para que eu as abrevie:

“Toda noite eu era transportado por esse homem aos quadros asiáticos. Não sei se outras pessoas compartilham os meus sentimentos sobre esse ponto; mas muitas vezes pensei que, se fosse forçado a deixar a Inglaterra e a viver na China, em meio aos costumes, às maneiras e aos cenários da vida chinesa, enlouqueceria. As causas de meu horror são profundas, e algumas devem ser comum a outros homens. A Ásia meridional é em geral uma sede de imagens terríveis e de assustadoras associações de ideias; mesmo só como berço do gênero humano, deve exalar não sei que vaga sensação de temor e de respeito. Mas existem outras razões. Nenhum homem pretenderá que as estranhas, bárbaras e caprichosas superstições da África, ou das tribos selvagens de qualquer outra região, possam afetá-lo da mesma maneira que as velhas, monumentais, cruéis e complicadas religiões do Industão. A

antiguidade das coisas da Ásia, das suas instituições, dos seus anais, das formas da sua fé, tem para mim qualquer coisa de tão impressionante, a velhice da raça e dos nomes, qualquer coisa de tão dominadora, que é suficiente para aniquilar a juventude do indivíduo. Um jovem chinês surge-me como um homem antediluviano renovado. Os próprios ingleses, embora não tenham sido criados no conhecimento de semelhantes instituições, não podem evitar estremecer diante das místicas sublimidades das castas, que seguiram cada uma um curso à parte, e se recusaram a juntar suas águas durante períodos de tempos imemoriais. Nenhum homem consegue não se deixar penetrar de respeito pelos nomes de Ganges e Eufrates. O que aumenta em muito tais sentimentos é que a Ásia meridional é e foi, desde há milhares de anos, a parte da terra mais fervilhante de vida humana, a grande *officina gentium*. O homem, nessas regiões, cresce como a erva. Os vastos impérios, nos quais sempre foi moldada a enorme população da Ásia, acrescentam uma grandeza a mais aos sentimentos que as imagens e os nomes orientais comportam. Na China, sobretudo, pondo de lado o que ela tem de comum com o resto da Ásia meridional, aterrorizam-me os modos de vida, os costumes, uma repugnância absoluta, uma barreira de sentimentos que nos separa dela e que é demasiado profunda para ser analisada. Acharia mais cômodo viver com lunáticos ou com brutos. É preciso que o leitor compreenda todas estas ideias e ainda muitas outras, que não posso dizer ou que não tenho tempo de exprimir, para entender todo o horror que imprimiam no meu espírito esses sonhos do imaginário oriental e de torturas mitológicas.

“Sob as duas condições conexas de calor tropical e de luz vertical, arrebanhava todas as criaturas, aves, bestas, répteis, árvores e plantas, usos e espetáculos, que se encontram comumente em toda a região dos trópicos, e lançava-os misturados na China ou no Industão. Por um sentimento análogo, apoderava-me do Egito e de todos os seus deuses, e lhes impunha a mesma lei. Macacos, papagaios, cacatuas olhavam-me fixamente, vaiavam-me, faziam-me caretas, ou palravam a meu respeito. Fugia para os pagodes, e ficava, durante séculos, fixado no pináculo deles, ou fechado em câmaras secretas. Era o ídolo; era o padre; era adorado; era sacrificado. Fugia da cólera de Brahma através de todas as florestas da Ásia; Vixnu odiava-me; Shiva armava-me uma emboscada. Caía de repente em Ísis e Osíris; fizera alguma coisa, diziam-me, cometera um crime que fazia estremecer íbis e o crocodilo. Era enterrado, durante milhares de anos, em túmulos de pedra,

com múmias e esfinges, em celas estreitas no coração das eternas pirâmides. Era beijado por crocodilos de beijos cancerosos; e jazia, confundido com uma multidão de coisas inexprimíveis e viscosas, entre as lamas e os canaviais do Nilo.

"Dou assim ao leitor um ligeiro extrato dos meus sonhos orientais cujo monstruoso teatro me enchia sempre de uma tal estupefação que o próprio horror parecia durante algum tempo absorvido nela. Mas cedo ou tarde se produzia um refluxo de sentimentos, onde o espanto por sua vez era engolido, e que me entregava não tanto ao terror, mas a uma espécie de ódio e de abominação por tudo o que via. Sobre cada ser, sobre cada forma, sobre cada ameaça, punição, encarceramento tenebroso, planava um sentimento de eternidade e de infinito que me causava a angústia e a opressão da loucura. Era apenas nesses sonhos, salvo uma ou duas exceções, que surgiam as circunstâncias do horror físico. Meus terrores até aí tinham sido apenas morais e espirituais. Mas aqui os agentes principais eram hediondos pássaros, serpentes ou crocodilos, principalmente estes últimos. O crocodilo maldito tornou-se para mim objeto de mais horror que quase todos os outros. Era forçado a viver com ele (era sempre assim nos meus sonhos), durante séculos. Fugia algumas vezes, e encontrava-me em casas chinesas mobiliadas com mesas de cana. Todos os pés das mesas e dos canapés pareciam dotados de vida; a abominável cabeça do crocodilo, com seus olhinhos oblíquos, olhava-me por toda a parte, de todos os lados, multiplicado por repetições inúmeras: e eu ficava ali, cheio de horror e fascinado. E esse horrendo réptil frequentava tantas vezes meu sono que, em muitas delas, o mesmo sonho foi interrompido da mesma forma; ouvia suaves vozes que me falavam (ouço tudo, mesmo quando estou entorpecido), e imediatamente acordava. Era dia claro, meio-dia, e meus filhos estavam de pé, de mãos dadas, ao lado do meu leito; vinham mostrar-me os seus sapatos de cor, as suas roupas novas, fazer-me admirar sua aparência antes de irem passear. Afirmo que a transição do maldito crocodilo e dos outros monstros e inexprimíveis abortos dos meus sonhos a essas inocentes criaturas, a essa simples infância *humana*, era tão terrível, que, na poderosa e súbita revulsão do meu espírito, chorava, sem poder me conter, beijando-lhes as faces."

O leitor espera talvez nessa galeria de impressões antigas que repercutem no sono, a figura melancólica da pobre Ann. É chegada a sua vez. O autor notou que a morte dos que nos são caros, e geralmente a contemplação da

morte, afeta bem mais nossa alma durante o verão que durante as outras estações do ano. O céu parece então mais elevado, mais longínquo, mais infinito. As nuvens, pelas quais os olhos apreciam a distância do pavilhão celeste, são nessa época mais volumosas, e acumuladas em massas mais vastas e mais sólidas, a luz e os espetáculos do pôr do sol estão mais de acordo com o caráter do infinito. Mas a principal razão é que a prodigalidade exuberante da vida estival faz um contraste mais violento com a esterilidade gelada do túmulo. Aliás, duas ideias que estão em relação de antagonismo se atraem reciprocamente, e uma sugere a outra. Por isso o autor nos confessa que, nos intermináveis dias de verão, é-lhe impossível não pensar na morte; e a ideia da morte de uma pessoa conhecida ou querida assedia o seu espírito mais obstinadamente durante a estação esplêndida. Pareceu-lhe, um dia, que estava à porta de sua casa de campo; era (no seu sonho) uma manhã de domingo no mês de maio, um domingo de Páscoa, o que em nada contradiz o almanaque dos sonhos. Diante dele estendia-se uma paisagem conhecida, mas aumentada, solenizada pela magia do sono. As montanhas eram mais altas que os Alpes, e os prados e bosques, situados a seus pés, infinitamente mais extensos; as sebes, ornadas de rosas brancas. Como era muito cedo, nenhuma criatura viva se fazia ver, exceto o gado que repousava no cemitério sobre os túmulos verdejantes, e particularmente em redor da sepultura de uma criança que ele havia amado ternamente (essa criança tinha sido realmente enterrada nesse mesmo verão; e certa manhã, antes de nascer o sol, o autor vira realmente esses animais repousarem ao pé desse túmulo). Disse então consigo: “Falta ainda muito tempo para nascer o sol; é domingo de Páscoa, o dia da Ressurreição. Darei um passeio, devo esquecer as antigas dores neste dia, porque o ar é frio e tranquilo, e as montanhas estão altas, chegam até o céu. O cemitério está tão verde como os campos, e os campos tão tranquilos como os cemitérios. Passeando, posso lavar a febre das minhas frontes e então não me sentirei infeliz”. E ia abrir a porta do jardim, quando a paisagem, à esquerda, transformou-se. Continuava sendo a manhã de um domingo de Páscoa, mas o cenário tornara-se oriental. As cúpulas e os domos de uma grande cidade rendilhavam vagamente o horizonte (talvez fosse a lembrança de alguma imagem de uma Bíblia contemplada na infância). Não distante dele, sobre uma pedra, sombreada pelas palmeiras da Judeia, uma mulher estava sentada. Era Ann!

“Ela manteve os olhos fixos em mim com um olhar intenso, e eu lhe

disse, algum tempo depois: ‘Encontrei-vos, finalmente!’ Esperava; mas ela não me respondeu uma palavra. Seu rosto era o mesmo de quando a vi pela última vez e, no entanto, como estava diferente! Dezessete anos antes, quando a luz do candeeiro caía sobre seu rosto, quando pela última vez beijei seus lábios (teus lábios, Ann, não tinham mácula), seus olhos desfaziam-se em lágrimas; mas as lágrimas estavam agora secas, parecia mais bela do que era naquela época, mais ainda a mesma em todos os detalhes, e não envelhecera. Seu olhar era tranquilo, mas dotado de uma singular solenidade de expressão, e eu a contemplava então com uma espécie de temor. De súbito, sua fisionomia tornou-se sombria; voltando-me para o lado das montanhas, percebi névoas que rolavam entre nós dois; num instante tudo se dissipara; espessas trevas chegaram; e num piscar de olhos encontrei-me longe, bem longe das montanhas, passeando com Ann ao luar dos candeeiros de Oxford-street, exatamente como passeávamos dezessete anos antes, quando éramos duas crianças.”

O autor cita ainda mais um exemplo de suas concepções mórbidas, e esse último sonho (que data de 1820) é mais terrível por ser mais vago, dentro de uma natureza mais inapreensível que, embora penetrado de um sentimento pungente, se apresenta no cenário móvel, elástico, do indefinido. Desespero-me ao tentar recriar convenientemente a magia do estilo inglês:

“O sonho começava com uma música que muitas vezes ouço nos meus sonhos, uma música preparatória, própria para despertar o espírito e mantê-lo em suspenso; uma música semelhante à abertura da cerimônia da coroação, e que, como esta, dava a impressão de uma grande marcha, de um infinito desfile de cavalaria e de um marcar passo de inúmeros exércitos. A manhã de um dia solene chegara – de um dia de crise e de esperança final para a natureza humana, sujeita então a qualquer misterioso eclipse e trabalhada por qualquer angústia temível. Em algum lugar, não sei onde – de uma maneira ou de outra, não sei como, por quaisquer seres, não os conhecia – uma batalha, uma luta estava sendo travada – uma agonia suportada – que se desenvolvia como um grande drama ou um trecho de música – e a simpatia que eu experimentava tornava-se-me um suplício pela minha incerteza do lugar, da causa, da natureza e do resultado possível do caso. Assim como normalmente acontecia nos sonhos, em que necessariamente fazemos de nós o centro de todo o movimento, eu tinha e ao mesmo tempo não tinha o poder de decidi-lo; tinha o poder, desde que pudesse levar-me a querê-lo, e todavia

não tinha esse poder, pois estava esmagado sob o peso de vinte Atlânticos ou sob a opressão de um crime inexpiável. *Mais profundamente que alguma vez tenha descido o chumbo de uma sonda*, jazia imóvel, inerte. Então, como um coro, a paixão tomava um sentido mais profundo. Um altíssimo interesse estava em jogo, uma causa mais importante do que a espada jamais defendeu ou a trombeta proclamou. Depois chegavam súbitos alarmes; daqui e de lá passos precipitados; pavores de numerosos fugitivos. Não sabia se eles vinham da boa ou da má causa: – trevas e luzes; – tempestades e faces humanas; – e ao final, com o sentimento de que tudo estava perdido, apareciam formas de mulheres, rostos que eu gostaria de reconhecer, a qualquer preço, e que podia entrever apenas por um instante; – e depois mãos crispadas, separações que dilaceravam o coração; – e depois adeuses eternos! e com um suspiro como o das cavernas do inferno, quando a mãe incestuosa proferiu o nome abominado da Morte, o som repercutia: adeuses eternos! e depois, e ainda outra vez, de eco em eco, repercutindo: – adeuses eternos!

"E eu despertava em convulsões, e gritava em voz alta: não! não quero mais dormir!"

[1] Bebida mágica contra a tristeza de que se falava na Antiguidade. (N.T.)
[2] Diga De Quincey o que disser a respeito de sua importância espiritual, o livro, ou qualquer coisa análoga relacionada com Ricardo, apareceu posteriormente. Ver o catálogo de suas obras completas. (N.T.)

V

UM FALSO DESFECHO

De Quincey encurtou singularmente o fim de seu livro, ao menos tal como apareceu originalmente. Lembro-me de que a primeira vez que o li, isso há muitos anos (e não conhecia a segunda parte, *Suspiria de profundis*, que aliás não tinha ainda aparecido) eu me dizia de vez em quando: qual será o desfecho de um tal livro? a morte? a loucura? Mas o autor, falando sempre em seu nome próprio, manteve evidentemente um estado de saúde, que, se não é totalmente normal e excelente, lhe permitiu no entanto entregar-se a um trabalho literário. O que me parecia mais provável era o *status quo*; era acostumar-se ele às suas dores, tirando partido dos efeitos temíveis de sua estranha higiene; e enfim dizia comigo: Robinson pode acabar por sair de sua ilha; um navio pode chegar à costa, por mais desconhecida que seja, e trazer dela o exilado solitário; mas que homem pode livrar-se do império do ópio? Assim, prosseguia de mim para mim, este livro singular, confissão verídica ou pura concepção do espírito (esta última hipótese sendo completamente improvável em razão da atmosfera de verdade que atravessa todo o conjunto e do tom inimitável de sinceridade que acompanha cada detalhe), é um livro sem desfecho. Existem evidentemente livros, como aventuras, sem desfecho. Há situações eternas; e tudo o que diz respeito ao irremediável, ao irreparável, entra nesta categoria. Entretanto, recordava-me que o *comedor de ópio* anunciara em alguma parte, no começo, que havia conseguido *desatar, anel por anel, a maldita cadeia que envolvia o seu ser*. Portanto o desenlace era para mim totalmente inesperado, e confessarei francamente que, quando o conheci, apesar da aparência minuciosamente verossimilhante, desconfiei instintivamente. Ignoro se o leitor partilhará minha impressão a esse respeito; mas direi que a maneira sutil, engenhosa, pela qual o desafortunado sai do labirinto encantado onde se perdeu por sua culpa, pareceu-me uma invenção em favor de um certo *cant* britânico, um sacrifício no qual a verdade era imolada em honra do pudor e dos preconceitos públicos. Lembrai-vos de quantas preocupações ele tomou antes de começar a narrativa de sua *Ilíada de*

males, e com que cuidado assentou o direito de fazer *confissões*, mesmo *profícuas*. Um certo povo quer desfechos *morais*, outro desfechos *consoladores*. Assim, as mulheres, por exemplo, não querem que os malvados sejam recompensados. Que diria o público de nossos teatros se não encontrasse, no fim do quinto ato, a catástrofe desejada pela justiça, que restabelece o equilíbrio normal, ou antes utópico, entre todas as partes – essa catástrofe equitativa esperada com impaciência durante quatro longos atos? Em resumo, creio que o público não gosta dos *impenitentes*, e que facilmente os considera *insolentes*. De Quincey pensou talvez o mesmo, e incluiu-se na regra. Se estas páginas, escritas há algum tempo, tivessem por acaso caído sob seus olhos, imagino que se teria dignado a sorrir complacentemente de minha desconfiança precoce e motivada; em todo o caso, apoio-me em seu texto, tão sincero em todas as outras ocasiões e tão penetrante, que poderia já anunciar aqui uma certa *terceira prostração diante do negro ídolo* (que implica uma segunda) da qual falaremos mais tarde.

Qualquer que ele seja, eis o desfecho. Há muito que o ópio não deixava entrever seu domínio por encantamentos, mas por torturas, e essas torturas (o que é perfeitamente crível e conforme todas as experiências relativas à dificuldade de romper velhos hábitos, seja qual for sua natureza) tinham começado com os primeiros esforços para se desembaraçar desse tirano de todo dia. Entre duas agonias, uma proveniente do uso continuado, a outra da sua interrupção, o autor preferiu, diz, aquela que implicava uma chance de libertação. “Quanto ópio eu tomava nessa época, não saberia dizer, pois o ópio que usava fora comprado por um amigo meu, que mais tarde não quis ser reembolsado; de sorte que não posso determinar a quantidade que absorvi no espaço de um ano. Creio todavia que o tomava muito irregularmente, e que variava a dose de cinquenta ou sessenta grãos a cento e cinquenta por dia.” Acrescenta ele que, entre os diferentes remédios que experimentou, o único de que tirou proveito foi a tintura amoniacal de valeriana. Mas para que (é ele quem fala) falar da convalescença e da cura? A finalidade do livro era mostrar o maravilhoso poder do ópio seja para o prazer, seja para a dor; o livro portanto encerrou-se. A moral da narrativa é endereçada somente aos comedores de ópio. Que eles aprendam a tremer, e que saibam, por este exemplo extraordinário, que se pode, após dezessete anos de uso e oito anos de abuso do ópio, renunciar a esta substância. Que eles possam, acrescenta, desenvolver mais energia em seus esforços e atingir finalmente o mesmo

sucesso!

“Jeremias Taylor conjetura que talvez seja tão doloroso nascer quanto morrer. Creio que isso seja bem provável; e, durante o longo período consagrado à diminuição do ópio, experimentei todas as torturas de um homem que passa de um modo de existência a outro. O resultado não foi a morte, mas uma espécie de renascimento físico... Resta-me ainda como que uma lembrança do meu primeiro estado; os meus sonhos não são perfeitamente calmos; a temível turgescência e a agitação da tempestade não estão inteiramente apaziguadas; as legiões que povoavam os meus sonhos se retiram, mas nem todas partiram; meu sono é tumultuoso, e, semelhante às portas do Paraíso quando nossos primeiros pais se voltaram para as contemplar, é sempre, como diz o verso terrível de Milton:

‘pejado de rostos ameaçadores e de
braços flamejantes’.”

O apêndice (que data de 1822) é destinado a corroborar mais minuciosamente a verossimilhança desse desfecho, a lhe dar, digamos, uma rigorosa fisionomia médica. Ter descido de uma dose de oito mil gotas a uma dose moderada, variando de trezentas a cento e sessenta, era certamente um triunfo magnífico. Mas o esforço que restava fazer pedia ainda mais energia do que o autor supunha, e a necessidade desse esforço tornou-se cada vez mais manifesta. Deu-se conta particularmente de um certo endurecimento, de uma falta de sensibilidade no estômago, que parecia pressagiar alguma afecção cirrótica. O médico disse que a continuação do uso do ópio, mesmo em doses reduzidas, poderia trazer um tal resultado. Desde então, o juramento de abjurar o ópio, de o abjurar absolutamente. A narração de seus esforços, de suas hesitações, das dores físicas resultantes das primeiras vitórias da vontade, é verdadeiramente interessante. Há diminuições progressivas; duas vezes chega a zero; depois são recaídas, nas quais compensa largamente as abstinências precedentes. Resumindo, a experiência das seis primeiras semanas tem por resultado uma pavorosa irritabilidade em todo o organismo, particularmente no estômago, que às vezes voltava a um estado de vitalidade normal, e em outras sofria estranhamente uma agitação que não cessava nem de dia nem de noite; um sono (que sono!) de três horas no máximo em vinte e quatro, e tão leve que ele escutava os menores ruídos ao seu redor; o maxilar inferior constantemente inchado; ulcerações na boca, e, entre outros sintomas mais ou menos deploráveis, violentos espirros, que,

por sinal, sempre acompanharam as suas tentativas de rebelião contra o ópio (essa nova espécie de enfermidade durava às vezes duas horas e voltava duas ou três vezes por dia); além disso, uma sensação de frio e finalmente um resfriado pavoroso, o que jamais se produzira enquanto sob o domínio do ópio. Com o uso dos amargos, conseguiu fazer o estômago voltar ao estado normal, ou seja, perder, como os outros homens, a consciência das operações da digestão. No quadragésimo segundo dia, todos esses sintomas alarmantes desapareceram por fim para dar lugar a outros; mas ele não sabe se estes são consequência do antigo abuso ou da supressão do ópio. Assim, a transpiração abundante, que, mesmo no Natal, acompanhava toda redução diária da dose, havia cessado completamente na estação mais quente do ano. Mas outros sofrimentos físicos podem ser atribuídos à temperatura chuvosa de julho na parte da Inglaterra onde ficava sua moradia.

O autor tem o cuidado (sempre para vir em ajuda aos desafortunados que poderiam se encontrar no mesmo caso que ele) de nos dar até um quadro sinótico, datas e quantidades a seguir, das cinco primeiras semanas durante as quais começou a conduzir a contento sua gloriosa tentativa. Veem-se aí terríveis recaídas, como de zero a 200, 300, 350. Mas talvez a queda tivesse sido demasiado rápida, mal graduada, dando origem assim a sofrimentos supérfluos, que o obrigaram algumas vezes a buscar socorro na fonte mesma do mal.

O que sempre me confirmou a ideia de que esse desfecho era *artificial*, ao menos em parte, é um certo tom de zombaria, de gracejo e mesmo de mofa que reina em várias passagens do apêndice. Enfim, para deixar claro que ele não dá a seu miserável corpo essa fanática atenção dos valetudinários, que passam o tempo a observar-se a si próprios, o autor dá a esse corpo, a esse desprezível “farrapo”, seja apenas para puni-lo por tê-lo atormentado tanto, os tratamentos desonrosos que a lei inflige aos piores malfeitores; e se os médicos de Londres creem que a ciência pode tirar qualquer benefício da análise do corpo de um comedor de ópio tão obstinado quanto ele o fora, ele lhes lega o seu de bom grado. Certas pessoas ricas de Roma cometiam a imprudência, após terem feito um legado semelhante ao príncipe, de se *obstinarem em viver*, como diz divertidamente Suetônio, e César, que se dignara a aceitar o legado, ficava gravemente ofendido com o indiscreto prolongamento de tais existências. Mas o *comedor de ópio* não teme da parte dos médicos chocantes sinais de impaciência. Sabe que só se pode esperar

deles sentimentos análogos aos seus, isto é, que respondam ao puro amor da ciência que o leva a ele próprio a fazer-lhes esse presente fúnebre de seus preciosos despojos. Possa esse legado ser entregue num tempo infinitamente distante; possa este penetrante escritor, este doente encantador até em suas brincadeiras, ser-nos conservado mais tempo ainda que o frágil Voltaire, que levou, como se diz, oitenta e quatro anos a morrer![1]

[1] Enquanto escrevíamos estas linhas, a notícia da morte de Thomas de Quincey chegou a Paris. Fazíamos então votos pela continuação desse destino glorioso, tão bruscamente cortado. O digno êmulo e amigo de Wordsworth, de Coleridge, de Southey, de Charles Lamb, de Hazlitt e de Wilson deixa numerosas obras, sendo as principais: *Confessions of an english opium-eater; Suspiria de profundis; the Caesars; Literary reminiscences; Essays on the poets; Auto-biographic sketches; Memorials, the Note book; Theological essays, Letters to a young man; Classic record reviewed or deciphered; Speculations, literary and philosophic, with german tales and other narrative papers*; *Klosterheim, or the masque*; *Logic of political economy* (l844); *Essays sceptical and anti-septical on problems neglected or misconceived etc*. Deixa não somente a reputação de um dos espíritos mais originais, mais genuinamente humorísticos da velha Inglaterra, como também a de ser um dos caracteres mais afáveis e mais caridosos que honraram a história das letras, tal como nos pintou ingenuamente em *Suspiria de profundis*, cuja análise vamos empreender, e cujo título toma emprestado a esta dolorosa circunstância um acento duplamente melancólico. O sr. De Quincey morreu em Edimburgo, com setenta e cinco anos.

Tenho sob os olhos um artigo de caráter necrológico datado de 17 de dezembro de 1859, que pode fornecer matéria para algumas tristes reflexões. De um extremo a outro do mundo a grande loucura da moral usurpa em todas as discussões literárias o lugar da pura literatura. Os Pontmartin e outros sermonários de salões atulham os jornais americanos e ingleses e também os nossos. Já a propósito das estranhas orações fúnebres que se seguiram à morte de Edgar Poe, tive ocasião de observar que o campo mortuário da literatura é menos respeitado que o cemitério comum, onde um regulamento de polícia protege os túmulos contra os ultrajes *inocentes* dos animais.

Quero que o leitor imparcial seja juiz. Que o *comedor de ópio* não tenha jamais prestado *à humanidade serviços positivos*, que nos importa! Se seu livro é *belo*, devemos-lhe gratidão. Buffon, que em semelhante questão não é suspeito, não pensava que uma frase feliz, uma nova maneira de bendizer, tinham para o homem verdadeiramente espiritual uma utilidade maior que as descobertas da ciência; em outras palavras, que o Belo é mais nobre que o Verdadeiro?

Que De Quincey se tenha mostrado algumas vezes excessivamente severo com seus amigos, que autor, conhecendo o ardor da paixão literária, teria o direito de se espantar? Ele se maltratava cruelmente a si mesmo; aliás, como ele disse em algum lugar, e como disse antes dele Coleridge, *a malícia nem sempre vem do coração: existe uma malícia da inteligência e da imaginação*.

Mas eis a obra-prima da crítica. De Quincey, em sua juventude, havia presenteado Coleridge com uma parte considerável de seu patrimônio: “Sem dúvida isso é nobre e louvável, *embora imprudente*, diz o biógrafo inglês; mas devemos nos lembrar de que veio um tempo em que, vítima de seu ópio, sua saúde estando arruinada e seus negócios desordenados, ele consentiu perfeitamente em aceitar a caridade de seus amigos”. Se traduzimos bem, isto significa que não devemos louvar a sua generosidade já que, mais tarde, ele aceitou a dos outros. O Gênio não descobre semelhantes rasgos. É

preciso, para chegar a tal ponto, ser dotado do espírito invejoso e rabugento do crítico moral. – (C. B.)

VI

O GÊNIO CRIANÇA

As *Confessions* datam de 1822, e *Suspiria*, que lhes dá seguimento e as completa, foi escrito em 1845. Razão pela qual o tom, se não é completamente diferente, é pelo menos mais grave, mais triste, mais resignado. Percorrendo muitas e muitas vezes estas páginas singulares não podia deixar de sonhar com as diferentes metáforas que utilizam os poetas para descrever o regressado das batalhas da vida; é o velho marinheiro das costas arqueadas, do rosto costurado por uma inextricável rede de rugas, que aquece na lareira uma heroica carcaça que se salvou de mil aventuras; é o viajante que retorna à noite aos mesmos campos transpostos de amanhã, e que se lembra, com ternura e tristeza, das mil fantasias que assaltavam o seu cérebro quando atravessava essas regiões, agora vaporizadas em horizontes. E o que de um modo geral eu chamaria o tom de *espectro*; realce, não sobrenatural, mas quase estranho à humanidade, metade terrestre e metade extraterrestre, que encontramos às vezes nas *Mémoires d'outre-tombe*, quando, a cólera e o orgulho ferido calados, o desprezo do grande René pelas coisas da terra torna-se totalmente desinteressado.

A *Introdução* de *Suspiria* nos revela que o comedor de ópio teve uma segunda e uma terceira recaídas, apesar de todo o heroísmo desprendido em sua paciente cura. E o que ele denomina a *third prostration before the dark idol.* Mesmo omitindo as razões fisiológicas que alega como desculpa, como não ter controlado com suficiente prudência sua abstinência, creio que esta desgraça era fácil de prever. Mas desta vez não se trata mais de luta nem revolta. A luta e a revolta implicam sempre uma certa dose de esperança, enquanto que o desespero é mudo. Onde não há remédio, os maiores sofrimentos se resignam. As portas, outrora abertas para o retorno, fecharam-se, e o homem segue com docilidade o seu destino. *Suspiria de profundis*! Este livro é bem-intitulado.

O autor não mais insiste em nos persuadir de que as *Confessions* tinham sido escritas, pelo menos em parte, com uma finalidade de saúde pública. Tinham por objeto, diz com franqueza, mostrar o imenso poder que tem o ópio para aumentar a faculdade natural de sonhar. Sonhar magnificamente

não é um dom concedido a todos os homens, e, mesmo nos que o possuem, corre o risco de ser cada vez mais diminuído pela dissipação moderna sempre crescente e pela turbulência do progresso material. A faculdade de sonhar é uma faculdade divina e misteriosa; pois é através do sonho que o homem se comunica com o mundo tenebroso que o cerca. Mas esta faculdade precisa de solidão para se desenvolver livremente; quanto mais o homem se concentra, mais apto está a sonhar amplamente, profundamente. Ora, qual solidão é maior, mais calma, mais separada do mundo dos interesses terrestres que aquela criada pelo ópio?

As *Confessions* nos relataram os acidentes de juventude que legitimariam o uso do ópio. Mas aqui existem até agora duas lacunas importantes, uma compreendendo os sonhos engendrados pelo ópio durante a permanência do autor na universidade (é o que chama de *Visões de Oxford*); outra, a narrativa de suas impressões de infância. Assim, tanto na segunda parte quanto na primeira, a biografia servirá para explicar e *verificar*, por assim dizer, as misteriosas aventuras do cérebro. É nas notas relativas à infância que encontraremos o germe dos estranhos sonhos do homem adulto, e, melhor dizendo, de seu gênio. Todos os biógrafos têm compreendido, de uma maneira mais ou menos completa, a importância do anedotário que se liga à infância de um escritor ou de um artista. Acho, no entanto, que essa importância jamais foi suficientemente destacada. Frequentemente, contemplando obras de arte, não em sua *materialidade* facilmente perceptível, nos hieróglifos demasiado claros de seus contornos ou no sentido evidente de seus temas, mas na alma de que elas são dotadas, na impressão atmosférica que comportam, na luz ou nas trevas espirituais que derramam em nossas almas, senti-me tomado por uma espécie de visão da infância de seus autores. Um pequeno desgosto, um pequeno prazer da criança, desmesuradamente aumentados por uma deliciosa sensibilidade, tornam-se mais tarde no homem adulto, mesmo contra a sua vontade, o princípio de uma obra de arte. Enfim, para me exprimir de uma maneira mais concisa, não seria fácil provar, através de uma comparação filosófica entre as obras de um artista maduro e o estado de sua alma quando ele era criança, que o gênio não passa da infância nitidamente formulada, dotada agora, para se exprimir, de órgãos viris e poderosos? No entanto não tenho a pretensão de entregar tal ideia à fisiologia para algo melhor que uma pura conjetura.

Vamos, pois, analisar rapidamente as principais impressões de infância

do comedor de ópio, a fim de tornar mais inteligíveis os sonhos que, em Oxford, constituíam o alimento natural de seu cérebro. O leitor não deve esquecer que se trata de um velho que conta a sua infância, um velho que, voltando à sua infância, raciocina no entanto com sutileza, e, finalmente, que essa infância, princípio dos sonhos posteriores, é revista e considerada através do meio mágico desse sonho, ou seja, das espessuras transparentes do ópio.

VII

DESGOSTOS DA INFÂNCIA

Ele e suas três irmãs eram bem pequenos quando seu pai faleceu, deixando à sua mãe uma grande fortuna, uma verdadeira fortuna de negociante inglês. O luxo, o bem-estar, a vida larga e magnífica são condições muito favoráveis ao desenvolvimento da sensibilidade natural da criança. “Não tendo outros camaradas, além de três inocentes irmãzinhas, dormindo mesmo sempre com elas, enclausurado num belo e silencioso jardim, longe de todos os espetáculos da pobreza, da opressão e da injustiça, não podia, diz ele, imaginar a verdadeira compleição deste mundo.” Mais de uma vez agradeceu à Providência por esse privilégio incomparável, não apenas de ter sido criado no campo e na solidão, “mas ainda por terem sido seus primeiros sentimentos modelados pelas irmãs mais meigas e não por horríveis irmãos, sempre dispostos a trocar socos, *horrid pugilistic brothers*”. Com efeito, os homens que foram criados por mulheres e entre as mulheres, não se assemelham de todo aos outros homens, mesmo havendo igualdade de temperamento ou de faculdades espirituais. O ninar das amas, os carinhos maternos, os afagos das irmãs mais velhas, espécie de mães diminutivas, transformam, modelando-a, a matéria masculina. O homem que, desde o começo, foi longamente banhado na macia atmosfera da mulher, no odor de suas mãos, de seu seio, de seus joelhos, de seus cabelos, de suas roupas macias e esvoaçantes,

dulce balneum suavibus
unguentatum odoribus,

contraiu uma delicadeza de epiderme, uma distinção nos modos, uma espécie de androginia, sem o que o gênio mais áspero e mais viril permanece, relativamente à perfeição da arte, um ser incompleto. Quero dizer, enfim, que o gosto precoce do *mundo* feminino, *mundi muliebris*, de todo esse aparato ondulante, cintilante e perfumado, faz os gênios superiores; e estou convencido de que minha inteligente leitora perdoará a forma quase sensual de minhas expressões, assim como aprovará e compreenderá a pureza do meu pensamento.

Jane foi a primeira a morrer. Mas para o seu irmãozinho a morte não era ainda uma coisa inteligível. Jane se ausentara, apenas; retornaria, sem dúvida.

Uma empregada, encarregada de assisti-la durante sua doença, tratara-a um tanto duramente dois dias antes de sua morte. O rumor se espalhou na família e, a partir desse momento, o garoto nunca mais pôde olhar a jovem nos olhos. Assim que ela aparecia, ele voltava seus olhos para o chão. Não era cólera, não era o espírito de vingança dissimulado, era apenas o pavor; a sensitiva que se retira a um contato brutal; terror e pressentimento misturados, era o efeito produzido por essa horrível verdade, revelada pela primeira vez, que este mundo é um mundo de sofrimentos, de luta e de proscrição.

A segunda ferida de seu coração não foi tão fácil de cicatrizar. Por sua vez morreu, após um intervalo de alguns anos felizes, a querida, a nobre Elizabeth, inteligência tão nobre e tão precoce, que lhe parece sempre, quando evoca seu doce fantasma nas trevas, ver uma auréola ou uma tiara de luz em torno de sua vasta fronte. A notícia do fim próximo dessa criatura querida, dois anos mais velha que ele, e que tanta autoridade alcançara sobre seu espírito, enche-o de um desespero indescritível. No dia seguinte à sua morte, como a curiosidade da ciência ainda não violara o despojo tão precioso, resolveu rever sua irmã. “Nas crianças, o sofrimento tem horror à luz e foge aos olhares humanos.” Assim essa visita suprema deveria ser feita em segredo e sem testemunhas. Era meio-dia, e quando penetrou no quarto seus olhos reencontraram primeiro uma vasta janela, escancarada, por onde o sol de verão precipitava todos os seus esplendores. “A temperatura era seca, o céu sem nuvens; as profundidades azuladas apareciam como um tipo perfeito de infinito, e não era mais possível aos olhos contemplar, nem ao coração conceber um símbolo mais patético da vida e da glória na vida.”

Uma grande desgraça, uma desgraça irreparável, que nos atinge na bela estação do ano, tem, dir-se-ia, um caráter mais funesto, mais sinistro. A morte, como já notamos, creio, na análise das *Confessions*, afeta-nos mais profundamente sob o reino pomposo do verão. “Produz-se então uma antítese terrível entre a profusão tropical da vida exterior e a negra esterilidade do túmulo. Nossos olhos veem e verão, nosso pensamento visita o túmulo; a gloriosa claridade está ao nosso redor e em nós estão as trevas. E essas duas imagens, entrando em colisão, emprestam-se reciprocamente uma força exagerada.” Mas para a criança, que será mais tarde um erudito cheio de espírito e imaginação, para o autor das *Confessions* e de *Suspiria*, há uma outra razão que esse antagonismo já ligara fortemente, a imagem do verão à ideia da morte – razão tirada das relações íntimas entre as paisagens e os

acontecimentos descritos nas Santas Escrituras. “A maior parte dos pensamentos e dos sentimentos profundos nos vem, não diretamente e em suas formas nuas e abstratas, mas através das combinações complicadas de objetos concretos.” Assim, a Bíblia, que uma jovem criada lia às crianças nas longas e solenes noites de inverno, tinha fortemente contribuído para unir as duas ideias na sua imaginação. A jovem, que conhecia o Oriente, explicava-lhes os climas de lá, bem como as numerosas nuanças dos verões que os compõem. Era sob um clima oriental, num desses países que parecem ter sido gratificados com um verão eterno, que um justo, que era mais que um homem, havia sofrido sua *paixão*. Era evidentemente no verão que os discípulos arrancavam as espigas de trigo. O Domingo de Ramos, *Palm Sunday*, não fornecia também alimentos a esse devaneio? *Sunday*, dia de repouso, imagem de um repouso mais profundo, inacessível ao coração do homem; *palm*, palma, palavra que sugere ao mesmo tempo as pompas da vida e as da natureza estival! O maior acontecimento de Jerusalém estava próximo quando chegou o Domingo de Ramos; e o lugar da ação, que essa festa relembra, era vizinho de Jerusalém. Jerusalém, que passou, como Delfos, a ser o umbigo ou centro da terra, pode pelo menos passar a ser o centro da mortalidade. Pois, se foi lá que a Morte foi calcada sob os pés, foi lá igualmente que ela abriu sua cratera mais sinistra.

Portanto, em face de um magnífico verão transbordando cruelmente no quarto mortuário, ele veio contemplar, pela última vez, os traços da querida morta. Ouvira dizer na casa que seus traços não tinham sido alterados pela morte. A fronte era a mesma, mas as pálpebras geladas, os lábios pálidos, as mãos endurecidas feriram-no horrivelmente; e enquanto, imóvel, a olhava, um vento solene ergueu-se e começou a soprar violentamente, “o vento mais melancólico”, diz ele, “que jamais ouvi”. Muitas vezes, desde então, durante os dias de verão, no momento em que o sol está mais quente, escutou erguer-se o mesmo vento, “inflando sua mesma voz profunda, solene, mnemônica, religiosa”. É, acrescenta, o único símbolo da eternidade que é dado ao ouvido humano perceber. E três vezes na sua vida ele escutou o mesmo som, nas mesmas circunstâncias, entre uma janela aberta e o cadáver de uma pessoa morta num dia de verão.

Repentinamente, seus olhos ofuscados pelo clarão da vida exterior, e comparando a pompa e a glória dos céus com o gelo que recobria o rosto da morta, tiveram uma estranha visão. Uma galeria, uma abóbada parecia abrir-

se no azul – um caminho prolongado ao infinito. E seu espírito elevou-se sobre as ondas azuis; e essas ondas e seu espírito começaram a correr até o trono de Deus; mas o trono fugia sem cessar à sua ardente perseguição. Em meio a esse estranho êxtase adormeceu e, quando retomou o domínio de si mesmo, descobriu-se sentado ao pé do leito de sua irmã. Assim a criança solitária, arrasada pelo seu primeiro desgosto, voara em direção a Deus, o solitário por excelência. Assim o instinto, superior a toda filosofia, o fizera encontrar um alívio momentâneo num sonho celeste. Pensou escutar então um passo na escada, e temendo que o surpreendessem naquele quarto, que o impedissem de voltar ali, beijou apressadamente os lábios de sua irmã e retirou-se cautelosamente. No dia seguinte os médicos vieram examinar o cérebro; ele ignorava a finalidade da visita e, algumas horas após terem se retirado, tentou introduzir-se de novo no quarto; mas a porta estava fechada e a chave tinha sido retirada. Foi portanto poupado de ver, desonrados pelos estragos da ciência, os restos daquela de quem pôde, então, guardar intata uma imagem pacífica, imóvel e pura como o mármore ou o gelo.

E depois vieram os funerais, nova agonia; o sofrimento do trajeto no carro em companhia de indiferentes que conversavam sobre assuntos totalmente estranhos à sua dor; as terríveis harmonias do órgão e toda aquela solenidade cristã, demasiado deprimente para uma criança, que as promessas de uma religião que elevava sua irmã ao céu não consolavam de a ter perdido na terra. Na igreja recomendaram-lhe que mantivesse um lenço sobre os olhos. Tinha ele necessidade de afetar uma continência fúnebre e de fazer o papel de chorão, ele que mal se podia manter sobre suas pernas? A luz inflamava os vitrais coloridos onde os apóstolos e os santos ostentavam sua glória; e, nos dias que se seguiram, quando o levavam à missa, seus olhos, fixados na parte incolor dos vitrais, viam constantemente as nuvens em flocos do céu transformarem-se em cortinas e travesseiros brancos, sobre os quais repousavam cabeças de crianças, sofredoras, chorosas, moribundas. Esses leitos pouco a pouco se elevavam ao céu e subiam ao Deus que tanto amou as crianças. Mais tarde, muito tempo depois, três passagens do serviço fúnebre, que ele ouvira certamente, mas que não havia querido escutar ou que haviam revoltado sua dor por suas consolações ásperas demais, representaram-se em sua memória, com seu sentido misterioso e profundo, falando em libertação, em ressurreição e em eternidade, e tornaram-se para ele um tema frequente de meditação. Mas, muito antes dessa época, apaixonou-se pela solidão desse

gosto violento que mostra todas as paixões profundas, sobretudo aquelas que não querem ser consoladas. Os grandes silêncios do campo, os verões crivados de uma luz esmagadora, as tardes brumosas enchiam-no de uma perigosa volúpia. Seu olhar perdia-se no céu e na neblina à procura de alguma coisa que não se podia encontrar, perscrutavam com insistência as profundezas azuis para nelas descobrir uma imagem querida, a quem talvez, por um privilégio especial, ser-lhe-ia permitido manifestar-se uma vez mais. É com grande pesar que abrevio a parte, excessivamente longa, que contém a descrição dessa dor profunda, sinuosa, sem saída, como um labirinto. A natureza inteira encontra-se aí invocada, e cada objeto torna-se por sua vez *representativo* da ideia única. Essa dor, às vezes, faz crescer flores lúgubres e galantes, ao mesmo tempo tristes e ricas; seus acentos funebremente amorosos se transformam com frequência em *concetti*[1]. O próprio luto não tem seus adornos? E não é somente a sinceridade desse enternecimento que comove o espírito; há também para o crítico o prazer singular e novo de ver expandir-se aqui o misticismo ardente e delicado que geralmente só floresce no jardim da Igreja romana. Enfim chegou uma época em que essa sensibilidade mórbida, alimentando-se exclusivamente de uma lembrança, e esse gosto imoderado pela solidão podiam se transformar num perigo positivo; uma dessas épocas decisivas, críticas, em que a alma desolada diz a si mesma: “Se aqueles que amamos não podem mais vir a nós, o que nos impede de ir a eles?”, em que a imaginação obcecada, fascinada, sofre com delícia *as sublimes atrações do túmulo*. Felizmente chegara a idade do trabalho e das distrações forçadas. Era preciso vestir a primeira roupagem da vida e se preparar para os estudos clássicos.

Nas páginas seguintes, embora mais alegres, encontramos ainda o mesmo espírito de ternura feminina aplicado agora aos animais, esses interessantes escravos do homem, aos gatos, aos cachorros, a todos os seres que podem ser facilmente forçados, oprimidos, acorrentados. Aliás, o animal, por sua alegria despreocupada, por sua simplicidade, não é uma espécie de representação da infância do homem? Aqui, portanto, a ternura do jovem sonhador, desviando-se para novos objetos, permanecia fiel a seu caráter primitivo. Ele amava ainda, sob formas mais ou menos perfeitas, a fraqueza, a inocência e a candura. Entre as marcas e as características principais que o destino lhe imprimira, é preciso assinalar também uma excessiva delicadeza de consciência que, ao lado de sua sensibilidade mórbida, servia para

aumentar desmesuradamente os fatos mais vulgares e para tirar das faltas mais leves, imaginárias até, terrores infelizmente muito reais. Enfim, imagine-se uma criança dessa natureza, privada do objeto de sua primeira e maior afeição, amante da solidão e sem confidentes. Chegado a este ponto, o leitor compreenderá perfeitamente que diversos fenômenos desenvolvidos no teatro dos sonhos devem ter sido a repetição dos percalços de seus primeiros anos. O destino lançara a semente; o ópio a fez frutificar, e a transformou em vegetações estranhas e abundantes. As coisas da infância, para servir-me de uma metáfora que pertence ao autor, tornaram-se o coeficiente natural do ópio. Essa faculdade prematura, que lhe permitia idealizar todas as coisas e lhes dar proporções sobrenaturais, cultivada, exercida longamente na solidão, em Oxford, ativada além de todos os limites pelo ópio, produziria resultados grandiosos e insólitos, mesmo na maioria dos jovens de sua idade.

O leitor se lembra das aventuras do nosso herói no País de Gales, seus sofrimentos em Londres e sua reconciliação com seus tutores. Ei-lo agora na universidade, fortificando-se no estudo, mais inclinado do que nunca ao devaneio, e tirando da substância que ele conhecera, como dissemos, em Londres, por causa de dores nevrálgicas, um adjutório perigoso e poderoso para suas faculdades precocemente sonhadoras. Desde então, sua primeira existência penetrou na segunda e confundiu-se com ela a ponto de formarem um todo tão íntimo quanto anormal. Ele ocupou sua nova vida a reviver a primeira. Quantas vezes reviu, nos lazeres da escola, a câmara fúnebre onde repousava o cadáver de sua irmã, a luz do verão e o gelo da morte, o caminho aberto ao êxtase através da abóbada dos céus azulados; e, depois, o padre de túnica branca ao lado de um túmulo aberto, o caixão descendo na terra e *o pó devolvido ao pó*; por fim os santos, os apóstolos e os mártires dos vitrais, iluminados pelo sol e formando um quadro magnífico para os leitos brancos, para os graciosos berços de crianças que empreendiam, aos sons graves do órgão, sua ascensão ao céu! Reviu tudo isso, mas com variações, enfeites, cores mais intensas ou mais vaporosas; reviu todo o universo de sua infância, mas com a riqueza poética que lhe acrescentava agora um espírito culto, já sutil e habituado a extrair seus maiores prazeres da solidão e da lembrança.

[**1**] Conceitos. (N.T.)

VISÕES DE OXFORD

I. O PALIMPSESTO

“**O** que é o cérebro humano, senão um palimpsesto imenso e natural? Meu cérebro é um palimpsesto e o vosso também, leitor. Grandes camadas de ideias, de imagens, de sentimentos, caíram sucessivamente sobre o vosso cérebro, com a mesma suavidade da luz. A impressão era de que cada uma sepultava a precedente. Mas nenhuma pereceu, na realidade.” Todavia, entre o palimpsesto que traz, superpostas uma sobre a outra, uma tragédia grega, uma lenda monástica e uma história de cavalaria, e o palimpsesto divino criado por Deus, que é a nossa incomensurável memória, apresenta-se essa diferença; no primeiro há uma espécie de caos fantástico, grotesco, uma colisão entre elementos heterogêneos; ao passo que no segundo a fatalidade do temperamento impõe forçosamente uma harmonia entre os elementos mais disparatados. Por mais incoerente que seja uma existência, a unidade humana não é perturbada. Todos os ecos da memória, se os pudéssemos despertar simultaneamente, formariam um concerto, agradável ou doloroso, mas lógico e sem dissonâncias.

Muitas vezes alguns seres, surpreendidos por um súbito acidente, sufocados bruscamente pela água, e em perigo de morte, viram iluminar-se no seu cérebro todo o teatro de sua vida passada. O tempo foi aniquilado e poucos segundos foram suficientes para conter uma quantidade de sentimentos e de imagens equivalente a anos. E o que há de mais singular nessa experiência, a que o acaso deu margem mais de uma vez, não é a simultaneidade de tantos elementos que foram sucessivos, é a reaparição de tudo aquilo que o próprio ser não conhecia mais, mas que é forçado a *reconhecer* como propriedade sua. O esquecimento, pois, é apenas momentâneo; e em tais circunstâncias solenes, na morte talvez e em geral nas excitações intensas criadas pelo ópio, todo o imenso e complicado palimpsesto da memória desenvolve-se de um só golpe, com todas essas

camadas superpostas de sentimentos defuntos, misteriosamente embalsamados naquilo que chamamos de esquecimento.

Um homem de gênio, melancólico, misantropo, e querendo se vingar da injustiça de seu século, joga no fogo, um belo dia, todas as suas obras ainda manuscritas. E como lhe reprovassem esse horrível holocausto feito ao ódio, que, aliás, era o sacrifício de todas as suas próprias esperanças, ele respondeu: “Que importa? o importante era que essas coisas fossem *criadas*; foram criadas, portanto *são*”. Ele emprestava a toda coisa criada um caráter indestrutível. Quanto a essa ideia, se aplica mais evidentemente ainda a todos os nossos pensamentos, a todas as nossas ações, boas ou más! E se nessa crença há qualquer coisa de infinitamente consolador, no caso em que nosso espírito se volta para aquela parte de nós mesmos que podemos contemplar com complacência, não há também alguma coisa de infinitamente terrível, no caso futuro, inevitável, em que nosso espírito se voltará para a outra parte de nós mesmos, que não podemos afrontar sem horror? No espiritual como no material, nada se perde. Da mesma maneira que toda a ação, lançada no turbilhão da ação universal, é em si irrevogável e irreparável, abstração feita de seus possíveis resultados, todo o pensamento é inabalável. O palimpsesto da memória é indestrutível.

“Sim, leitor, inumeráveis são os poemas de alegria ou de tristeza que foram sendo gravados sucessivamente sobre o palimpsesto de vosso cérebro, e, tal como as folhas das florestas virgens, como as neves indissolúveis do Himalaia, como a luz que cai sobre a luz, suas camadas intermináveis foram-se acumulando e, uma a uma, recobertas de esquecimento. Mas na hora da morte, ou na febre, ou graças às indagações do ópio, todos esses poemas podem recobrar a vida e a força. Não estão mortos, dormem. Acredita-se que a tragédia grega foi expulsa e substituída pela lenda do monge, a lenda do monge pelo romance de cavalaria; não é nada disso. À medida que o ser humano avança na vida, o romance que, quando jovem, o maravilhava, a lenda fabulosa que, quando criança, o seduzia, desbotam-se e obscurecem-se por si. Mas as profundas tragédias da infância – braços de crianças arrancados para sempre do pescoço de suas mães, lábios de crianças separados para sempre dos beijos de suas irmãs – vivem sempre escondidas sob as outras lendas do palimpsesto. A paixão e a doença não têm química bastante poderosa para queimar estas marcas imortais.”

II. Levana e as nossas

Nossas Senhoras das Tristezas

“Em Oxford, muitas vezes, vi Levana nos meus sonhos. Conhecia-a por seus símbolos romanos.” Mas quem é Levana? É a deusa romana que norteava as primeiras horas da criança, que lhe conferia, digamos assim, a dignidade humana. “Na ocasião do nascimento, quando a criança experimentava pela primeira vez a atmosfera conturbada de nosso planeta, colocavam-na no chão. Mas logo em seguida, temendo que tão grande criatura rastejasse no solo por mais do que um instante, o pai, como mandatário da deusa Levana, ou algum parente próximo, como mandatário do pai, levantava-a no ar, ordenava-lhe que olhasse para cima, como se fosse o rei deste mundo; e apresentava a fronte da criança às estrelas, talvez dizendo a elas em seu coração: “Contemplai aquele que é maior que vós!” Esse ato simbólico representava a função de Levana. E essa deusa misteriosa, que nunca mostrou as suas feições (exceto a mim, nos meus sonhos), e que sempre agiu por delegação, extrai seu nome do verbo latino *levare*, erguer ao ar, manter elevado”.

Naturalmente muitas pessoas entenderam por Levana o poder tutelar que protege e controla a educação das crianças. Mas não creiam que se trata aqui dessa pedagogia que reina apenas por meio dos alfabetos e das gramáticas; é preciso pensar principalmente nesse vasto sistema de forças centrais que se oculta no seio profundo da vida humana, e que trabalha incessantemente as crianças, ensinando-lhes sucessivamente a paixão, a luta, a tentação, a energia da resistência”. Levana enobrece o ser humano que ela protege, mas por meios cruéis. É dura e severa, essa doce ama, e entre os processos que usa para aperfeiçoar a criatura humana prefere, acima de todos, a dor. Três deusas lhe são submissas, e ela as emprega em seus desígnios misteriosos. Assim como há três Graças, três Parcas, três Fúrias, e assim como primitivamente havia três Musas, há três deusas da tristeza. São as nossas Nossas Senhoras das Tristezas.

“Eu as vi muitas vezes conversando com Levana, e algumas inclusive

conversando comigo. Pois então elas falam? Oh! não. Esses poderosos fantasmas desdenham as insuficiências da linguagem. Podem proferir palavras através dos órgãos do homem, quando habitam um coração humano; mas, entre si, não se servem da voz; não emitem sons; um silêncio eterno reina em seus reinos... A mais velha das três irmãs se chama *Mater Lachrymarum*, ou Nossa Senhora das Lágrimas. É ela que, noite e dia, divaga e geme, invocando rostos desaparecidos. Era ela que estava em Roma, quando se ouviu uma voz lamentar-se, a de Raquel, chorando os seus filhos e não querendo ser consolada. Estava também em Belém, na noite em que a espada de Herodes varreu todos os inocentes de seus asilos... Seus olhos são alternadamente meigos e penetrantes, assustados e adormecidos, erguendo-se muitas vezes para as nuvens, frequentemente acusando os céus. Traz um diadema sobre a cabeça. E sei, por lembranças da infância, que pode viajar nos ventos quando ouve o soluço das litanias ou o trovão do órgão, ou quando contempla o desabamento das nuvens de verão. Essa irmã mais velha traz à cinta chaves mais poderosas que as chaves papais, com as quais abre todas as cabanas e todos os palácios. Foi ela que, eu o sei, durante o verão passado, ficou à cabeceira do mendigo cego, aquele com quem eu gostava tanto de conversar e cuja piedosa filha, de oito anos, fisionomia luminosa, resistia à tentação de se juntar à alegria do burgo, para vagar o dia inteiro pelas estradas poeirentas com seu aflito pai. Por isso, Deus enviou-lhe uma grande recompensa. Quando chegou a primavera, e quando ela própria começava a florir, chamou-a a si. Seu pai cego ainda a chora, e sempre à meia-noite sonha que segura ainda entre as suas a mãozinha que o guiava e desperta sempre nas *trevas* que são agora novas e mais profundas trevas... É com a ajuda dessas chaves que Nossa Senhora das Lágrimas se introduz, fantasma tenebroso, nos quartos dos homens que não dormem, das mulheres que não dormem, das crianças que não dormem, desde o Ganges até o Nilo, do Nilo ao Mississipi. E como ela foi a primeira a nascer e possui o império mais vasto, honrá-la-emos com o nome de Madona.

“A segunda irmã se chama *Mater Suspiriorum*, Nossa Senhora dos Suspiros. Nunca escala as nuvens nem passeia sobre os ventos. Em sua fronte, não há diadema. Seus olhos, se pudéssemos vê-los, não pareceriam meigos, nem penetrantes; não se poderia descobrir neles nenhuma história; encontrar-se-ia somente uma massa confusa de sonhos quase mortos e os restos de um delírio esquecido. Nunca levanta os olhos; sua cabeça, coberta

por um turbante em frangalhos, cai constantemente e constantemente olha para o chão. Não chora, não geme. De quando em quando, suspira ininteligivelmente. Sua irmã, a Madona, mostra-se por vezes tempestuosa e frenética, delira contra o céu e reclama seus bem-amados. Mas Nossa Senhora dos Suspiros não grita nunca, não acusa nunca, não sonha nunca com a revolta. É humilde até a abjeção. Sua doçura é a mesma dos seres sem esperança... Se murmura algumas vezes, é em lugares solitários, desolados como ela, em cidades arruinadas, e quando o sol desceu para seu repouso. Essa irmã é a visitadora do Pária, do Judeu, do escravo que rema nas galeras;... da mulher sentada nas trevas, sem amor para abrigar a cabeça, sem esperança para iluminar sua solidão;... de todo cativo na prisão; de todos os que são traídos e de todos os que são rejeitados; dos que são proscritos pela lei da tradição e dos filhos da desgraça hereditária. Todos eles são acompanhados por Nossa Senhora dos Suspiros. Ela traz também uma chave, mas não tem necessidade dela. Pois seu reino está sobretudo entre as tendas de Sem e os vagabundos de todos os climas. No entanto, encontra alguns altares nos mais altos postos da humanidade, e mesmo na gloriosa Inglaterra há homens que, perante o mundo, levantam a cabeça tão orgulhosamente quanto uma rena e que, secretamente, receberam sua marca na fronte.

“Mas a terceira irmã, que é também a mais jovem!... Psiu! Falemos dela bem baixinho. Seu domínio não é grande; se o fosse, nenhum ser sobreviveria; mas sobre seu reino o poder que exerce é absoluto... Apesar do triplo véu de crepe que envolve sua cabeça, por mais erguida que a traga, pode-se ver debaixo a luz selvagem que escapa de seus olhos, luz de desespero sempre flamejante, nas manhãs e nas noites, ao meio-dia como à meia-noite, à hora do fluxo como à hora do refluxo. Ela desafia Deus. É também a mãe das demências e a conselheira dos suicídios... A Madona caminha com um passo irregular, rápido ou lento, mas sempre com uma graça trágica. Nossa Senhora dos Suspiros desliza timidamente e com precaução. Mas a mais jovem das irmãs move-se com movimentos imprevistos; salta; tem os pulos do tigre. Não carrega consigo uma chave, pois, embora visite raramente os homens, quando lhe é permitido aproximar-se de uma porta, toma-a de assalto e a arromba. E o seu nome é *Mater Tenebrarum*, Nossa Senhora das Trevas.

“Tais eram as Eumenides ou *Graciosas* Deusas (como dizia a antiga lisonja inspirada pelo temor) que assombravam meus sonhos em Oxford. A

Madona falava com sua mão misteriosa. Tocava-me na cabeça, chamava com o dedo Nossa Senhora dos Suspiros, e seus sinais, que nenhum homem pode entender, salvo em sonho, poderiam ser assim traduzidos: ‘Vê! Aqui o tens, aquele que na infância consagrei a meus altares. Fiz dele o meu favorito. Perdi-o, seduzi-o, e do alto do céu atraí seu coração ao meu. Por mim tornou-se idólatra; por mim, cheio de desejos e langores, adorou o verme da terra e dirigiu suas preces ao túmulo verminoso. Sagrado para ele era o túmulo; amáveis eram suas trevas; santa sua corrupção. Preparei esse jovem idólatra para ti, querida e meiga Irmã dos Suspiros! Toma-o agora em teu coração e prepara-o para nossa terrível Irmã. E tu – voltando-se para a *Mater Tenebrarum* – recebe-o dela por tua vez. Faze com que teu cetro pese sobre sua cabeça. Não permitas que uma mulher, com sua ternura, venha sentar-se junto dele na sua noite. Expulsa todas as fraquezas da esperança, seca os bálsamos do amor, queima a fonte das lágrimas; amaldiçoa-o como só tu sabes amaldiçoar. Assim tornar-se-á perfeito na fornalha; assim verá as coisas que não deveriam ser vistas, os espetáculos que são abomináveis e segredos que são indizíveis. Assim, lerá as antigas verdades, tristes verdades, as grandes, as terríveis verdades. Assim ressuscitará antes de ter morrido. E nossa missão estará cumprida, missão que recebemos de Deus, que é a de atormentar seu coração até que tenhamos desenvolvido as faculdades de seu espírito’.”

III. O Espectro do Brocken

Num belo domingo de Pentecostes subamos ao Brocken. Deslumbrante aurora sem nuvens! No entanto abril prolonga por vezes suas últimas incursões na estação renovada, e rega-a com seus caprichosos aguaceiros. Alcancemos o cume da montanha; uma manhã como esta nos promete mais chances de ver o famoso Espectro do Brocken. Esse espectro viveu tanto tempo entre os feiticeiros pagãos, assistiu a tantas negras idolatrias, que talvez seu coração se tenha corrompido e sua fé se tenha abalado. Fazei primeiro o sinal da cruz, como prova, e olhai atentamente se ele consente em

repeti-lo. Com efeito, repete-o; mas a rede dos aguaceiros que avança confunde a forma dos objetos e lhe dá o ar de um homem que cumpre seu dever com repugnância ou de uma maneira evasiva. Recomeçai a experiência, “colhei uma dessas anêmonas que outrora eram chamadas de *flores de feiticeiro*, e que desempenhavam talvez o seu papel nos ritos horríveis do medo. Colocai-a sobre essa pedra que imita a forma de um altar pagão; ajoelhai-vos e, levantando vossa mão direita, dizei: Pai-Nosso, que estais no céu... eu, vosso servo, esse negro fantasma de quem fiz, neste dia de Pentecostes, meu servo por uma hora, nós vos trazemos nossas homenagens reunidas a este altar restituído ao verdadeiro culto! – Vede! a aparição colhe uma anêmona e a coloca sobre o altar; ajoelha-se, levanta sua mão direita para Deus. É muda, é verdade; mas os mudos podem servir a Deus de maneira muito aceitável”.

Todavia, pensareis talvez que esse espectro, acostumado de velha data a uma devoção cega, obedece a todos os cultos e que seu natural servilismo torna insignificante a sua homenagem. Busquemos então um outro meio de verificar a natureza dessa estranha criatura. Suponho que, na vossa infância, tenhais padecido alguma dor inefável, atravessado um desespero incurável, uma dessas desolações mudas que choram por trás de um véu, como a Judeia das medalhas romanas, sentada tristemente sob sua palmeira. Velai a vossa cabeça em comemoração a essa grande dor. O fantasma do Brocken, ele também já velou a sua cabeça, como se tivesse um coração humano e como se quisesse exprimir por um símbolo silencioso a lembrança de uma dor muito grande para ser traduzida em palavras. “A prova é decisiva. Sabeis agora que a aparição não é senão vosso próprio reflexo, e que dirigindo ao fantasma a expressão de vossos sentimentos secretos, fazeis dele espelho simbólico onde está refletido à luz do dia o que de outra forma ficaria escondido para sempre.”

O comedor de ópio tem ainda perto dele um Sombrio Intérprete, que está para seu espírito assim como o fantasma do Brocken para o viajante. Aquele é importunado algumas vezes por tempestades, neblinas e chuvas; da mesma forma, o Misterioso Intérprete imprime por vezes à sua natureza de reflexo elementos estranhos. “O que diz em geral não é senão o que eu disse a mim mesmo quando acordado, em meditações bastante profundas para deixar sua marca em meu coração. Mas às vezes as suas palavras alteram-se como o seu rosto, e não me parecem aquelas que eu teria mais facilmente preferido usar.

Homem nenhum pode descrever tudo o que acontece nos sonhos. Creio que esse fantasma é geralmente uma fiel representação de mim mesmo; mas também, algumas vezes, está sujeito à ação do bom Phantasus, que reina sobre os sonhos.” Poderíamos dizer que há algumas semelhanças com o coro da tragédia grega, que frequentemente exprime os pensamentos secretos da personagem principal, secretos para ela ou imperfeitamente desenvolvidos, e apresenta-lhe comentários, proféticos ou relativos ao passado, para justificar a Providência ou acalmar a energia de sua angústia, os mesmos enfim que o infortunado teria descoberto por si se o seu coração lhe tivesse deixado tempo para meditar.

IV. SAVANNAH-LA-MAR

A esta galeria melancólica de pinturas, largas e móveis alegorias da tristeza, onde encontro (ignoro se o leitor, que só as vê resumidas, pode experimentar a mesma sensação) um encanto musical tanto quanto pitoresco, vem reunir-se um trecho que pode ser considerado como o final de uma grande sinfonia.

“Deus feriu Savannah-la-Mar, e, numa só noite, fê-la descer com todos os seus monumentos ainda de pé e a sua população adormecida, dos sólidos alicerces da costa para o leito de coral do Oceano. Deus disse: ‘Sepultei Pompeia, e a escondi dos homens durante dezessete séculos; sepultarei esta cidade, mas não a esconderei. Será para os homens o monumento da minha cólera misteriosa, fixado por muitas gerações numa luz azulada; pois a engastarei no domo cristalino de meus mares tropicais’. E muitas vezes nas calmas límpidas, através da transparência das águas, os marinheiros que passam veem a cidade silenciosa, que se diria conservada por um sino, e podem percorrer com o olhar as praças, os terraços, contar as portas e os campanários das igrejas: ‘Vasto cemitério que fascina os olhos, como uma revelação feérica da vida humana, persistindo nos retiros submarinos ao abrigo das tempestades que atormentam nossa atmosfera’. Muitas vezes, como seu Negro Intérprete, muitas vezes em sonho visitou a solidão inviolada de Savannah-la-Mar. Olhavam juntos os campanários, onde os

sinos imóveis esperavam em vão casamentos a proclamar; aproximavam-se dos órgãos que não mais celebravam as alegrias do céu nem as tristezas do homem; juntos visitavam os silenciosos dormitórios onde dormiam, há cinco gerações, todas as crianças.

"Esperam a aurora celeste –, diz baixinho a si mesmo o Negro Intérprete – e quando essa alvorada aparecer, os sinos e os órgãos entoarão um canto de júbilo que será repetido pelos ecos do Paraíso. – E depois, voltando-se para mim, dizia: 'Isto sim é melancólico e deplorável; mas uma calamidade menor não teria bastado aos desígnios de Deus. Compreenda bem isso... O tempo presente se reduz a um ponto matemático, e esse mesmo ponto matemático perece mil vezes antes que tenhamos podido confirmar seu nascimento. No presente, tudo é finito, e igualmente esse finito é infinito na velocidade de sua fuga para a morte. Mas em Deus não há nada de finito; em Deus não há nada de transitório; em Deus não há nada que tenda para a morte. Conclui-se que para Deus o presente não existe. Para Deus, o presente é o futuro, e é por este futuro que ele sacrifica o presente do homem. É por isso que age através do terremoto. É por isso que opera pela dor. Oh! quão profunda é a lavra do terremoto! Oh! profunda (e aqui sua voz se inflava como um *sanctus* que se eleva do coro de uma catedral), profunda é a lavoura da dor! mas menos do que isso não chega para a agricultura de Deus. Sobre uma noite de terremotos constrói para o homem agradáveis habitações para mil anos. Da dor de uma criança tira gloriosas vindimas espirituais que, de outra forma, não poderiam ser colhidas. Com charruas menos cruéis, o solo refratário não teria sido removido. À Terra, nosso planeta, habitáculo do homem, é necessário o abalo; e a dor é mais necessária ainda por ser o mais poderoso instrumento de Deus; – sim (e me olhava com um ar solene), ela é indispensável aos misteriosos filhos da terra!'"

IX

CONCLUSÃO

Esses longos sonhos, esses quadros poéticos, apesar de seu caráter simbólico geral, *ilustram* melhor, para um leitor inteligente, o caráter moral de nosso autor, que o fariam relatos ou notas biográficas. Na última parte de *Suspiria*, faz ainda com uma espécie de prazer um retorno aos anos já tão longínquos da infância; o que há de verdadeiramente precioso, lá como em outras partes, não é o fato, mas o comentário, muitas vezes negro, amargo, desolado; pensamento solitário, que aspira a voar longe deste solo e longe do teatro das lutas humanas; grandes movimentos de asa ao céu; monólogo de uma alma que sempre foi fácil ferir. Aqui como nas partes já analisadas, este pensamento é o *tirso* do qual falou com graça, com a candura de um vagabundo que se conhece bem. O assunto não tem outro valor senão aquele de um bastão seco e nu, mas as fitas, os enfeites e as flores podem ser, pelos seus entrelaçamentos brincalhões, uma riqueza preciosa para os olhos. O pensamento de De Quincey não é apenas sinuoso; a palavra não é forte o bastante: ele é naturalmente espiral. Aliás, esses comentários e essas reflexões seriam muito longos para analisar, e devo lembrar-me que a finalidade deste trabalho era mostrar, por um exemplo, os efeitos do ópio sobre um espírito meditativo e inclinado ao sonho. Creio que essa finalidade foi atingida.

Bastar-me-á dizer que o pensador solitário retorna com complacência a essa sensibilidade precoce que foi para ele a fonte de tantos horrores e de tantos prazeres; ao seu amor imenso pela liberdade, e ao estremecimento que lhe inspirava a responsabilidade. “O horror da vida já se mesclava, na minha primeira juventude, com a celeste doçura da vida.” Há nas primeiras páginas de *Suspiria* algo de fúnebre, de corroído, uma aspiração de estar além das coisas da terra. Aqui e ali, a propósito das aventuras da juventude, uma alegria e um bom humor, uma disposição a rir de si mesmo tantas vezes manifesta, introduzindo-se sorrateiramente; mas o que é mais *revelador* e que salta aos olhos são as explosões líricas de uma melancolia incurável. Por exemplo, quando nos fala dos seres que deturpam a liberdade, contristando

nossos sentimentos e violando os mais legítimos direitos da juventude, exclama: “Oh! Como é possível que aqueles que se intitulam *amigos* deste homem ou desta mulher sejam justamente os que, mais do que a quaisquer outros, esse homem e essa mulher, na hora suprema da morte, saudarão com um adeus: Praza aos céus que eu nunca mais veja a vossa face!” Ou deixa escapar cinicamente esta confissão, que tem para mim, confesso-o com igual candura, um encanto quase fraternal: “Geralmente, os raros indivíduos que excitaram a minha repugnância neste mundo eram pessoas florescentes e de boa reputação. Quanto aos tratantes que conheci, e não foi um número pequeno, penso neles, em todos sem exceção, com prazer e benevolência”. Notemos, de passagem, que esta bela reflexão é feita a propósito do *attorney* dos negócios equívocos. Ou então, em outro trecho, afirma que, se a vida pudesse se abrir magicamente diante de nós, se nossos olhos, jovens ainda, pudessem percorrer os corredores, perscrutar as salas e os quartos dessa hospedaria, teatros das futuras tragédias e dos castigos que nos esperam, nós e nossos amigos, todos, recuaríamos, tremendo de horror! Após ter descrito com uma graça e um luxo de cores inimitáveis, um quadro de bem-estar, de esplendor e de pureza domésticos, a beleza e a bondade enquadradas na riqueza, ele nos mostra sucessivamente as graciosas heroínas da família, todas, da mãe à filha, atravessando, uma por vez, as pesadas nuvens da infelicidade e conclui, dizendo: “Podemos encarar a morte; mas sabendo, como alguns dentre nós o sabem hoje, o que é a vida humana, quem poderia sem estremecer (supondo-se que dela estivesse advertido) olhar de frente a hora do seu nascimento?”

Encontro ao pé de uma página uma nota que, aproximando-a da morte recente de De Quincey, toma um significado lúgubre. A obra *Suspiria de profundis* devia, no pensamento do autor, estender-se e alargar-se singularmente. A nota anuncia que a lenda sobre as Irmãs das Tristezas fornecerá uma divisão natural para as publicações posteriores. Assim, da mesma forma que a primeira parte (a morte de Elizabeth e as dores de seu irmão) se refere logicamente à Madona ou Nossa Senhora das Lágrimas, também uma parte nova, *Os Mundos dos Párias*, devia ser colocada sob a invocação de Nossa Senhora dos Suspiros, enfim, Nossa Senhora das Trevas devia patrocinar o *Reino das trevas*. Mas a Morte, que não consultamos para nossos projetos e a quem não podemos pedir sua aquiescência, a Morte, que nos deixa sonhar com a felicidade e com a fama e que não diz nem sim nem

não, sai bruscamente de sua emboscada, e varre de um só golpe de asas nossos planos, nossos sonhos e as arquiteturas ideais onde abrigávamos em pensamento a glória de nossos últimos dias!

APÊNDICE

DO VINHO E DO HAXIXE[1]

I

O VINHO

Um homem muito célebre, que era ao mesmo tempo um grande imbecil, coisas que vão muito bem juntas, ao que parece, como terei mais de uma vez, sem dúvida, o doloroso prazer de demonstrar, ousou, em seu livro sobre a Mesa, levado pelo duplo ponto de vista da higiene e do prazer, escrever o que segue sobre o artigo *Vinho*: “O patriarca Noé passa pelo inventor do vinho; é um licor feito com a fruta da vinha”.

E depois? Depois, nada: isto é tudo. Vocês poderão folhear o volume, virá-lo em todos os sentidos, lê-lo ao contrário, de cabeça para baixo, da esquerda para a direita e da direita para a esquerda e não encontrarão outra coisa sobre o vinho na *Physiologie du Goût* do muito ilustre e muito respeitado Brillat-Savarin: “*O patriarca Noé*...” e “*é um licor*...”.

Imagino que um habitante da lua ou de algum planeta distante, viajando em nosso mundo e cansado de suas longas etapas, pense em refrescar o paladar e aquecer o estômago. Procura inteirar-se dos prazeres e costumes da nossa terra. Já ouviu falar vagamente de licores deliciosos com os quais os cidadãos desta esfera adquirem coragem e alegria à vontade. Para estar certo de sua escolha, o habitante da lua abre o oráculo do paladar, o célebre e infalível Brillat-Savarin, e encontra, no artigo *Vinho*, esta informacão preciosa: “*O patriarca Noé*...” e “*este licor é feito*...” Muito digestivo. Muito explicativo. É impossível, após lermos esta frase, não termos uma ideia justa e clara de todos os vinhos, de suas diferentes qualidades, de seus inconvenientes, de seu poder sobre o estômago e sobre o cérebro.

Ah, caros amigos, não leiam Brillat-Savarin! *Deus preserva aqueles a*

quem ama das leituras inúteis; é a primeira máxima de um pequeno livro de Lavater, um filósofo que amou os homens mais que todos os magistrados do mundo antigo e moderno. Não batizamos nenhum bolo com o nome de Lavater, mas a memória deste homem angelical sempre viverá entre os cristãos, quando os próprios bravos burgueses já tiverem esquecido o *Brillat-Savarin*, uma espécie de brioche insípido cujo menor defeito é servir de pretexto a uma torrente de máximas ingenuamente pedantes tiradas da famosa obra-prima.

Se uma nova edição desta falsa obra-prima ousar afrontar-se com o bom-senso da humanidade moderna, bebedores melancólicos, bebedores felizes, todos vocês que buscam no vinho o esquecimento ou a lembrança, e que, sem jamais achá-lo suficiente, contemplam o céu apenas pelo fundo da garrafa**[2]**, bebedores esquecidos e desconhecidos, vocês comprarão um exemplar e trocarão o bem pelo mal, a generosidade pela indiferença?

Abro o *Kreisleriana*, do divino Hoffmann, e leio uma curiosa recomendação. O músico consciencioso deve servir-se do vinho de Champagne para compor uma ópera-bufa. Encontrará, neste vinho, a alegria espumante e leve que reclama o gênero. A música religiosa pede vinho do Reno ou de Jurançon. Da mesma forma que na essência das ideias profundas, há neste vinho uma amargura embriagadora, mas a música heroica não pode passar sem o vinho da Borgonha, que tem a impetuosidade séria e o arrebatamento do patriotismo. Eis com certeza quem é melhor e, além do sentimento apaixonado de um bebedor, encontro em Hoffmann uma imparcialidade que faz a maior honra a um alemão.

Hoffmann havia construído um singular barômetro psicológico destinado a representar-lhe as diferentes temperaturas e os fenômenos atmosféricos de sua alma. Encontramos divisões como esta: “Espírito levemente irônico temperado de indulgência; espírito de solidão com profunda satisfação comigo mesmo; alegria musical, entusiasmo musical, tempestade musical, alegria sarcástica insuportável para mim mesmo, aspiração a sair do meu *eu*, objetividade excessiva, fusão de meu ser com a natureza”. É claro que as divisões do barômetro moral de Hoffmann foram fixadas segundo sua ordem de geração, como nos barômetros comuns. Parece-me que há, entre este barômetro psíquico e a explicação das qualidades musicais do vinho, uma evidente fraternidade.

Hoffmann, no momento em que a morte veio buscá-lo, começava a

ganhar dinheiro. A fortuna lhe sorria. Como nosso caro e grande Balzac, foi somente em seus últimos anos que viu brilhar a aurora boreal de suas mais velhas esperanças. Nesta época, os editores, que disputavam seus contos para os almanaques, tinham o costume, para cair em suas graças, de enviar-lhe, junto com o dinheiro, uma caixa de vinhos da França.

II

Profundos prazeres do vinho, quem não os conhece? Quem quer que tenha tido um remorso a aplacar, uma lembrança a evocar, uma dor a esquecer, um castelo na Espanha a construir, todos enfim já o invocaram, deus misterioso escondido nas fibras da videira. Como são grandes os espetáculos do vinho, iluminados pelo sol interior! Como é verdadeira e abrasadora esta segunda juventude que o homem dele retira! Mas como são, também, perigosas suas volúpias fulminantes e seus encantamentos enervantes. E, no entanto, digam, do fundo da alma e da consciência, juízes, legisladores, aristocratas, todos vocês a quem a felicidade torna doces, a quem a fortuna torna a virtude e a saúde fáceis, digam quem de vocês terá a coragem impiedosa de condenar o homem que bebe o gênio?

Além disto, o vinho não é sempre este terrível lutador certo de sua vitória e que jurou não ter nem piedade nem misericórdia. O vinho é como o homem: não se saberá nunca até que ponto podemos estimá-lo ou desprezá-lo, amá-lo ou odiá-lo, nem de quantos atos sublimes ou perversidades monstruosas ele é capaz. Portanto, não sejamos mais cruéis com ele do que com nós mesmos e tratemo-lo como um igual.

Parece-me às vezes ouvir o vinho falar – ele fala com sua alma, com esta voz dos espíritos que apenas os espíritos alcançam: – “Homem, meu bem-amado, quero levar até você, apesar de minha prisão de vidro e de minhas aldravas de cortiça, um canto cheio de fraternidade, um canto cheio de alegria, de luz e de esperança. Não sou ingrato; sei que lhe devo a vida. Sei o que lhe custei de trabalho e de sol sobre os ombros. Você me deu a vida, e eu o recompensarei por isso. Pagarei minha dívida com generosidade; porque

sinto uma alegria extraordinária quando caio no fundo de uma garganta alterada pelo trabalho. O peito de um homem honesto é uma morada que me agrada muito mais que as adegas melancólicas e insensíveis. É uma tumba alegre onde eu cumpro meu destino com entusiasmo. Faço no estômago do trabalhador um grande rebuliço e daí, em escadas invisíveis, subo ao seu cérebro onde executo minha dança suprema.

"Ouve agitar-se em mim e ressoar os poderosos refrãos dos tempos passados, os cantos de amor e de glória? Sou a alma da pátria, sou metade galante, metade militar. Sou a esperança dos domingos. *O trabalho torna prósperos os dias,* o vinho torna felizes os domingos. Os cotovelos sobre a mesa da casa e as mangas arregaçadas, assim você me glorificará orgulhosamente e ficará verdadeiramente contente.

"lluminarei os olhos de sua velha mulher, a velha companheira de suas tristezas cotidianas e de suas mais velhas esperanças. Abrandarei o seu olhar e porei no fundo de suas pupilas o brilho da juventude. E seu caro menino, branquelo, este pobre burrinho atado à mesma fadiga que o cavalo, a ele devolverei as belas cores de seu berço e serei para este novo atleta da vida o óleo que fortifica os músculos dos velhos combatentes.

"Cairei no fundo de seu peito como uma ambrosia vegetal. Serei o grão que fertiliza o solo dolorosamente escavado. Nossa íntima reunião criará a poesia. Para nós dois faremos um Deus e flutuaremos ao infinito, como os pássaros, as borboletas, os filhos da Virgem, os perfumes e todas as coisas aladas."

Eis o que canta o vinho em sua linguagem misteriosa. Maldito seja aquele cujo coração egoísta e insensível às dores de seus irmãos nunca escutou esta canção!

Sempre pensei que se Jesus Cristo surgisse hoje no banco dos réus, encontraríamos algum procurador que demonstraria que seu caso estava agravado pela reincidência. Quanto ao vinho, ele reincide todos os dias. Todos os dias, repete seus benefícios, o que explica a animosidade dos moralistas contra ele. Quando digo moralistas, penso nos pseudomoralistas fariseus.

Mas há outra coisa. Desçamos um pouco mais. Contemplemos um desses seres misteriosos, vivos, por assim dizer, os dejetos das grandes cidades; pois há ofícios singulares, seu número é imenso. Pensei, às vezes, com terror, que havia ofícios que não comportavam nenhuma alegria, ofícios sem prazer,

cansaços sem alívio, dores sem compensação e me enganei. Eis um homem encarregado de recolher os lixos de um dia da cidade. Tudo que a grande cidade rejeitou, tudo o que perdeu, tudo o que desdenhou, tudo o que quebrou, ele cataloga e coleciona. Examina os arquivos da devassidão, os entulhos da repulsa. Faz uma triagem, uma escolha inteligente; apanha, como um avaro, seu tesouro, os restos que, amassados pela divindade da Indústria, tornarão a ser objetos de utilidade ou de prazer. Ei-lo que, à claridade sombria dos candeeiros atormentados pelo vento da noite, sobe uma das longas ruas tortuosas e povoadas por pequenas famílias da montanha de Sainte-Geneviève. Está coberto por *seu xale de vime com seu número sete*. Chega sacudindo a cabeça e tropeçando no calçamento como os jovens poetas que passam todos os seus dias a caminhar e a procurar rimas. Fala sozinho; lança sua alma no ar frio e tenebroso da noite. É um monólogo esplêndido de fazer se tomar de piedade as tragédias mais líricas. “Em frente! Marche! Divisão, vanguarda, exército!” Exatamente como Bonaparte agonizante em Santa Helena! Parece que o número sete tornou-se cetro de ferro e o *xale de vime*, manta imperial. Agora, ele cumprimenta seu exército. A batalha está ganha, mas o dia foi quente. Passa a cavalo sob os arcos do triunfo. Seu coração está feliz. Ouve com delícia as aclamações de um mundo entusiasta. Em breve, ditará um código superior a todos os códigos conhecidos. Jura solenemente que fará seu povo feliz. A miséria e o vício desaparecerão da humanidade.

E, no entanto, tem as costas e o lombo esfolados pelo seu balaio. É castigado pelas tristezas do cotidiano. Está moído por quarenta anos de trabalho e caminhadas. A idade o atormenta. Mas o vinho, como um novo Pactolo, atravessa a humanidade enfraquecida como um ouro intelectual. Como os bons reis, reina por seus serviços e canta suas proezas pela garganta de seus súditos.

Há sobre o globo terrestre uma vasta multidão sem nome, cujo sono não basta para adormecer os sofrimentos. O vinho torna-se para ela cantos e poemas.

Muitas pessoas dirão, sem dúvida, que sou indulgente. “Você inocenta a embriaguez, idealiza a escória.” Confesso que diante dos benefícios falta-me coragem para contar os danos. Além disso, disse que o vinho era como o homem e concordei que seus crimes eram iguais às suas virtudes. Posso fazer melhor? Tenho, por sinal, uma outra ideia. Se o vinho desaparecesse da

produção humana, creio que faria na saúde e no intelecto da humanidade um vazio, uma ausência, uma imperfeição muito mais terrível que todos os excessos e erros pelos quais responsabilizamos o vinho. Não é razoável pensar que as pessoas que nunca bebem vinho, ingênuas ou sistemáticas, são imbecis ou hipócritas; imbecis, isto é, homens que não conhecem nem a humanidade nem a natureza, artistas que recusam os meios tradicionais da arte, operários que blasfemam contra a mecânica –, hipócritas, isto é, comilões reprimidos, impostores da sobriedade, que bebem escondidos e têm algum *vício* oculto? Um homem que só bebe água tem um segredo a esconder de seus semelhantes.

Que seja julgado: há alguns anos, em uma exposição de pintura, uma multidão de imbecis provocou tumulto diante de um grande quadro polido, encerado, envernizado como um objeto industrial. Era a antítese absoluta da arte; era para a cozinha de Droling o que a loucura é para a idiotice, os fanáticos para o imitador. Nesta pintura microscópica via-se voarem as moscas. Fui atraído por este objeto monstruoso como todo mundo, mas envergonhei-me desta estranha fraqueza, pois era a irresistível atração pelo horrível. Enfim, percebi que fora levado inconscientemente por uma curiosidade filosófica, o imenso desejo de saber qual poderia ser o caráter moral do homem que havia gerado uma extravagância tão criminosa. Apostei comigo mesmo que ele devia ser profundamente mau. Procurei me informar e meu instinto teve o prazer de ganhar esta aposta psicológica, soube que o monstro se levantava regularmente antes da luz do dia, que ele havia causado a ruína de sua empregada e *que ele bebia somente leite!*

Ainda uma ou duas histórias e em seguida dogmatizaremos. Um dia, na calçada, vejo um enorme agrupamento; consigo elevar os olhos acima dos ombros dos imbecis e vejo isto: um homem estendido no chão sobre as costas, os olhos abertos e fixos no céu, um outro homem em pé diante dele, falando apenas com gestos, o homem no chão respondendo apenas com os olhos, e tendo, os dois, um aspecto animado por uma prodigiosa benevolência. Os gestos do homem em pé diziam à inteligência do homem deitado: “Venha, venha mais, a felicidade está perto, a dois passos daqui, venha até a esquina da rua. Ainda não perdemos completamente de vista as margens da desgraça, ainda não estamos no *alto-mar* do sonho; vamos, coragem, amigo, diga às suas pernas que obedeçam ao seu pensamento”.

Tudo isto cheio de vacilações e balanços harmoniosos. O outro já havia

sem dúvida chegado ao alto-mar (aliás, navegava em um riacho), pois seu sorriso piedoso respondia: “Deixe seu amigo tranquilo. As margens da desgraça já desapareceram o bastante por trás da cerração generosa; já não tenho mais nada a pedir ao céu do sonho”. Creio mesmo ter ouvido uma frase vaga, ou talvez um suspiro vagamente formulado em palavras, escapar de sua boca: “É preciso ser razoável”. Isto é o cúmulo do sublime. Mas na embriaguez existe o hipersublime, como vocês verão. O amigo, sempre cheio de indulgência, parte sozinho para a taberna e volta em seguida com uma corda na mão. Sem dúvida, não podia suportar a ideia de navegar sozinho e de correr só atrás da felicidade; é por isto que vinha buscar o seu amigo de carro. O carro é a corda; ele passa o carro em volta da cintura. O amigo, estendido, sorri: compreendeu, certamente, este pensamento maternal. O outro faz um nó; em seguida, caminha, como um cavalo doce e discreto, e puxa seu amigo para o encontro da felicidade. O homem que foi puxado, ou melhor, arrastado, polia o calçamento com as suas costas e sorria todo o tempo um sorriso inefável.

A multidão fica estupefata; pois o que é belo demais, o que ultrapassa as forças poéticas do homem, causa mais espanto que enternecimento.

Havia um homem, um espanhol, um guitarrista que havia muito viajava com Paganini: e isto foi antes da época da glória oficial de Paganini.

Os dois levavam a grande vida vagabunda dos boêmios, dos músicos ambulantes, das pessoas sem família e sem pátria. Todos os dois, com o violino e a guitarra, davam concertos por onde passassem. E assim viajaram durante muito tempo por vários países. O meu espanhol tinha um talento tal que podia dizer como Orfeu: “Sou o mestre da natureza”.

Onde quer que passasse, arranhando suas cordas e as fazendo pular harmoniosamente sob o seu polegar, ele estava certo de ser seguido por uma multidão. Com um segredo como este não se morre nunca de fome. As pessoas o seguiam como a um Jesus Cristo. Como recusar comida e hospitalidade ao homem, ao gênio, ao feiticeiro, que cantou para a sua alma as mais belas árias, as mais secretas, as mais desconhecidas, as mais misteriosas? Garantiram-me que este homem, com um instrumento que produz apenas sons sucessivos, obtinha facilmente sons contínuos. Paganini guardava o dinheiro, tinha a gerência do fundo social, o que não causará espanto em ninguém.

A bolsa viajava com a pessoa do administrador, ora em cima ora

embaixo, hoje dentro das botas, amanhã entre as costuras da roupa. Quando o guitarrista, que era um grande bebedor, perguntava como estava a situação financeira, Paganini respondia que não havia mais nada, ao menos quase mais nada, pois Paganini era como os velhos, que sempre temem *a falta de dinheiro*. O espanhol acreditava ou fingia acreditar e, com os olhos fixos no horizonte da estrada, arranhava e atormentava seu companheiro inseparável. Paganini caminhava do outro lado da estrada. Era uma convenção recíproca criada para evitar incômodos. Assim, cada um estudava e trabalhava caminhando.

Depois, ao chegarem em um lugar que oferecesse qualquer oportunidade de receita, um dos dois tocava uma de suas composições e o outro improvisava ao seu lado uma variação, um acompanhamento, um contraponto. O que houve de alegria e poesia nesta vida de trovador ninguém jamais saberá. Eles se separaram, não sei por quê. O espanhol viajava sozinho. Uma noite, chega em uma pequena cidade do Jura, afixa cartazes e anuncia seu concerto em uma sala da prefeitura. O concerto era ele e nada além de uma guitarra. Ele se fez conhecer tocando em alguns bares e alguns músicos da cidade haviam ficado impressionados com este estranho talento. Enfim, muita gente compareceu.

Meu espanhol havia descoberto em um outro ponto da cidade, ao lado do cemitério, um outro espanhol, um conterrâneo. Este era uma espécie de coveiro, um marmoreador que fabricava túmulos. Como todas as pessoas que têm ofícios fúnebres, ele bebia bem. A garrafa e a pátria comum os levaram longe; o músico nunca mais abandonou o marmoreador. No próprio dia do concerto, chegada a hora, eles estavam juntos, mas onde? Era isto o que se precisava saber. Foram vasculhadas todas as tabernas da cidade, todos os bares. Finalmente, encontraram-no com seu amigo em uma espelunca indescritível e perfeitamente bêbado, o outro também. Seguiram-se cenas análogas, a Kean e a Frédérick. Enfim, ele consente em ir tocar, mas eis que é tomado de uma ideia súbita: “Você tocará comigo”, diz a seu amigo. Este recusa; tinha um violino mas tocava como o mais assustador dos menestréis. “Você tocará ou então eu não toco.”

Não havia sermões nem boas razões que bastassem; era preciso ceder. Ei-los sobre o estrado, diante da fina burguesia local. “Tragam vinho”, diz o espanhol. O fazedor de sepulturas, que era conhecido de todos, mas não como músico, estava bêbado demais para se sentir envergonhado. Chegado o vinho,

não tinham mais paciência para desarrolhar as garrafas. Meus vilões marotos guilhotinavam-nas a facadas, como as pessoas mal-educadas. Imaginem que belo efeito sobre a sociedade bem-vestida! As senhoras se retiraram e, diante destes dois bêbados que pareciam meio loucos, muita gente fugiu, escandalizada.

Mas foram favorecidos aqueles cujo pudor não destruiu a curiosidade e que tiveram a coragem de ficar. “Comece”, diz o guitarrista ao marmoreador. É impossível exprimir o gênero de sons que saíram do violino ébrio; Baco em delírio talhando a pedra com uma serra. O que tocava, ou o que procurava tocar? Pouco importa, a primeira ária havia chegado. Subitamente, uma melodia ao mesmo tempo enérgica, suave, caprichosa e única envolve, sufoca, extingue, dissimula a algazarra ensurdecedora. E no entanto era a ária, a ária avinhada à qual o marmoreador havia dado início.

A guitarra exprime-se com uma sonoridade enorme; geme, canta, declama com uma verve espantosa, e uma segurança, uma pureza inéditas em estilo. A guitarra alucinada improvisava uma variação sobre o tema do violino. Ela se deixava guiar por ele e revestia esplêndida e maternalmente a delicada nudez de seus sons. Meu leitor compreenderá que isto é indescritível; uma testemunha honesta e séria contou-me a coisa. O público, ao fim, estava mais embriagado que ele. O espanhol foi festejado, cumprimentado, saudado com um entusiasmo imenso. Mas sem dúvida o caráter das pessoas da região o desagradou pois foi esta a única vez em que consentiu em tocar.

E agora, onde está ele? Que sol contemplou seus últimos sonhos? Que solo recebeu seus restos cosmopolitas? Que fossa abrigou sua agonia? Onde estão os perfumes embriagadores das flores mortas? Onde estão as cores feéricas dos antigos sóis adormecidos?

III

Eu não lhes trouxe nada de novo, sem dúvida. O vinho é conhecido por todos; é amado por todos. Quando houver um verdadeiro médico filósofo,

coisa que raramente se vê, ele poderá fazer um volumoso estudo sobre o vinho, uma espécie de psicologia dupla da qual o vinho e o homem são os dois elementos. Explicará como e por que certas bebidas possuem a faculdade de aumentar sobremodo a personalidade do ser pensante e de criar, por assim dizer, uma terceira pessoa, operação mística, onde o homem natural e o vinho, o deus animal e o deus vegetal, desempenham os papéis do Pai e do Filho na Trindade; engendram um Espírito Santo, que é o homem superior e que procede igualmente dos dois.

Há pessoas em que o desentorpecimento do vinho é tão poderoso que suas pernas tornam-se mais firmes e o ouvido excessivamente aguçado. Conheci um indivíduo cuja vista enfraquecida encontrava novamente na embriaguez toda a sua penetrante força primitiva. O vinho transformava a toupeira em águia.

Um velho autor desconhecido disse: “Nada se iguala ao prazer do homem que bebe, a não ser o prazer do vinho ao ser bebido”. Na verdade, o vinho tem um desempenho íntimo na vida da humanidade, tão íntimo que não me espantaria se, seduzidos por uma ideia panteística, alguns espíritos racionais atribuíssem-lhe uma espécie de personalidade. O vinho e o homem sugerem-me dois lutadores amigos que combatem incessantemente e que, incessantemente, se reconciliam. O vencido abraça sempre o vencedor.

Há bêbados perversos; são pessoas naturalmente perversas. O homem mau torna-se execrável, assim como o bom torna-se excelente.

Vou falar, daqui a pouco, de uma substância posta em moda há alguns anos, uma espécie de droga deliciosa para uma certa categoria de diletantistas cujos efeitos são fulminantes e poderosos mas de maneira diferente dos do vinho. Descreverei com cuidado todos os seus efeitos, pois retomando a pintura das diversas propriedades do vinho, compararei estes dois meios artificiais através dos quais o homem, ao exasperar sua personalidade, cria, em si, por assim dizer, uma espécie de divindade.

Mostrarei os inconvenientes do haxixe, cujo menor defeito, apesar dos tesouros de benefícios desconhecidos que ele faz germinar aparentemente no coração, ou antes no cérebro do homem, cujo menor defeito, como disse, é o de ser antissocial, enquanto que o vinho é profundamente humano e ousaria quase dizer homem de ação.

IV

O HAXIXE[3]

Quando se faz a colheita do cânhamo, sucedem-se alguns estranhos fenômenos na pessoa dos trabalhadores homens e mulheres. Poderíamos dizer que se eleva da colheita não sei que espírito vertiginoso que circula em volta das pernas e sobe maliciosamente até o cérebro. A cabeça do lavrador é tomada de turbilhões, às vezes fica carregada de sonhos. Os membros se enfraquecem e recusam o serviço. De resto, aconteceu a mim, quando criança, ao brincar e rolar sobre montes de alfafa, fenômenos análogos.

Já se tentou obter haxixe de cânhamo da França. Todas as tentativas, até o presente, fracassaram, e os mais impacientes que querem a todo custo entregar-se aos prazeres feéricos continuaram a se servir do haxixe que atravessou o Mediterrâneo, isto é, feito com cânhamo indiano ou egípcio. Obtém-se haxixe da decocção do cânhamo indiano, da manteiga e de uma pequena quantidade de ópio.

Eis um confeito verde, particularmente aromático, tão aromático que provoca uma certa repulsa, como provocaria, de resto, qualquer aroma penetrante levado à sua força máxima e, por assim dizer, à sua densidade máxima. Pegue uma porção equivalente ao tamanho de uma noz, encha com ela uma colherzinha e possuirá a felicidade; a felicidade absoluta com todos os seus êxtases, todas as suas loucuras e juventude e também suas beatitudes infinitas. A felicidade está aí, sob a forma de um pequeno pedaço de confeito; pegue-o sem medo, disto não se morre; os órgãos físicos não sofrem nenhum golpe mais grave. Talvez sua vontade fique enfraquecida, mas isto é um outro assunto.

Geralmente, para dar ao haxixe toda a sua força e todo o seu desenvolvimento, é preciso diluí-lo em café preto bem quente e tomá-lo em jejum, o jantar é transferido para as dez horas ou para a meia-noite; apenas uma sopa muito leve é permitida. Uma infração a essa regra tão simples produziria ou vômitos, com o jantar debatendo-se com a droga, ou a

ineficácia do haxixe. Muitos ignorantes ou imbecis que se conduzem assim acusam o haxixe de impotência.

Uma vez absorvida a pequena droga, operação que, de resto, exige uma certa resolução, pois, como já disse, a mistura é tão aromática que causa ânsias de vômito em certas pessoas, você será imediatamente transportado para um estado de ansiedade. Você já ouviu falar vagamente dos efeitos maravilhosos do haxixe, sua imaginação tem uma ideia particular, um ideal de embriaguez e você demora a saber se a realidade, se o resultado será adequado à sua pré-concepção. O tempo que transcorre entre a absorção da bebida e os primeiros sintomas varia segundo os temperamentos e também segundo o hábito. As pessoas que têm o conhecimento e a prática do haxixe sentem às vezes, ao cabo de uma meia hora, os primeiros sintomas da invasão.

Esqueci de dizer que o haxixe causa no homem uma exasperação de sua personalidade e ao mesmo tempo um sentimento muito vivo das circunstâncias e dos ambientes, sendo conveniente, portanto, submeter-se à sua ação apenas em ambientes ou circunstâncias favoráveis. Sendo toda alegria e todo bem-estar superabundantes, toda dor e toda angústia são imensamente profundas. Não se submeta a uma experiência como esta se tiver qualquer assunto desagradável a tratar, se seu espírito se encontrar entediado, se você tiver uma conta a pagar. Como já disse, o haxixe é impróprio à ação. Não consola como o vinho; apenas desenvolve sobremodo a personalidade humana nas circunstâncias reais às quais é transportada. Na medida do possível, é preciso um belo apartamento ou uma bela paisagem. Um espírito livre e desimpedido e alguns cúmplices cujo talento intelectual se aproxime do seu; um pouco de música, também, se possível.

Na maioria das vezes, os noviços, em sua primeira iniciação, reclamam da lentidão dos efeitos. Eles os aguardam com ansiedade, e, como isto não acontece como desejariam, fanfarroneam, incrédulos, o que muito diverte aqueles que conhecem as coisas e a maneira pela qual se governa o haxixe. Uma das coisas mais cômicas de se ver é a chegada e a multiplicação dos primeiros efeitos no meio mesmo desta incredulidade. Primeiramente, uma certa hilaridade extravagante e irresistível se apodera de você. As palavras mais vulgares, as ideias mais simples tomam uma fisionomia estranha e nova. Esta alegria é insuportável, mas é inútil resistir. O demônio o invadiu; todos os esforços que você fará para resistir servirão apenas para acelerar os

progressos do mal. Você rirá de sua ingenuidade e de sua loucura. Seus companheiros riem de você mas você não se ressente, pois o benefício começa a se manifestar.

Esta alegria lânguida, este mal dentro do prazer, esta insegurança, esta indecisão da enfermidade dura pouco tempo. Acontece, às vezes, de pessoas totalmente inaptas aos jogos de palavras improvisarem séries intermináveis de trocadilhos, aproximações de ideias completamente improváveis feitas para confundir os mais fortes mestres desta arte extravagante.

Após alguns minutos, a harmonia das ideias torna-se totalmente vaga, os fios que ligam seus conceitos são tão finos que apenas os seus cúmplices e os seus correligionários podem compreendê-lo. Suas brincadeiras, suas gargalhadas parecem ser o cúmulo da idiotice a qualquer homem que não estiver no mesmo estado que você.

Você se diverte com o bom comportamento daquele infeliz cujo sangue-frio leva-o aos últimos limites da ironia; ele parece ser o mais louco e o mais ridículo de todos os homens. Quanto aos seus companheiros, você se entende perfeitamente com eles. Em breve, vocês passam a se entenderem pelo olhar. O fato é que esta é uma situação aceitavelmente cômica como aquela de homens tomados de uma alegria incompreensível para quem não está situado no mesmo mundo que eles. São tomados de uma profunda piedade. A partir daí, a ideia de superioridade desponta no horizonte de seu intelecto. Logo, ela crescerá incomensuravelmente.

Fui testemunha, nesta primeira fase, de duas cenas bastante grotescas. Um músico famoso, que ignorava as propriedades do haxixe e que não tinha talvez sequer ouvido falar dele, aproxima-se de um círculo onde quase todo o mundo já as conhecia. Tentam fazê-lo compreender seus efeitos maravilhosos. Ele ri com graça, como um homem que quer apresentar-se bem alguns minutos por espírito de conveniência, pois é bem-educado. Ri-se muito, pois o homem que tomou haxixe fica, na primeira fase, dotado de uma maravilhosa inteligência cômica. As gargalhadas, os exageros incompreensíveis, os jogos de palavras indecifráveis, os gestos barrocos continuam. O músico declara que esta *charge**[4]*** de artistas é má e que, além disto, deve ser muito cansativa para seus autores.

A alegria aumenta. “Esta *charge* pode ser boa para vocês, mas para mim não”, diz ele. “Basta que seja boa para nós”, replica egoisticamente um dos alterados. Gargalhadas intermináveis enchem a sala. Meu homem irrita-se e

quer ir embora. Alguém fecha a porta e esconde a chave. Um outro põe-se de joelhos diante dele e declara-lhe chorando, em nome de todo o círculo, que se estão tomados de uma profunda piedade por ele e por sua inferioridade, nem por isto deixarão de ser estimulados por uma eterna benevolência.

Suplicam-lhe que toque uma música, ele se resigna. Mal o violino se fez ouvir e os sons que se expandiam pelo apartamento arrebataram aqui e ali alguns dos alterados. Ouviam-se apenas suspiros profundos, soluços, gemidos dilacerantes, torrentes de lágrimas. O músico assustado para; acredita estar em uma casa de loucos. Aproxima-se daquele cujo êxtase provoca maior barulho; pergunta-lhe se está sofrendo muito e o que seria preciso fazer para aliviá-lo. Um espírito positivo, que também não havia experimentado da droga extasiante, sugere limonada e ácidos. O enfermo, com êxtase nos olhos, fita-o com indizível desprezo; é o seu orgulho que o salva das mais graves injúrias. Na verdade, o que mais pode exasperar um enfermo de alegria que tentar curá-lo?

Eis aí um fenômeno extremamente curioso, a meu ver: uma doméstica, encarregada de levar tabaco e refrescos a pessoas tomadas de haxixe, ao ver-se rodeada de caras estranhas, de olhos desmesuradamente arregalados, e como que cercada por uma atmosfera malsã, por esta loucura coletiva, irrompe em gargalhadas desvairadas, deixa cair a bandeja que se quebra com todas as taças e copos e foge apavorada. Todo mundo ri. Ela confessou no dia seguinte haver estado *toda esquisita, toda não sei como*. No entanto, ela não havia tomado haxixe.

A segunda fase anuncia-se por uma sensação de frescor nas extremidades, uma grande fraqueza; você tem, como se diz, mãos de manteiga, um peso na cabeça e uma estupefação geral em todo o seu ser. Seus olhos se dilatam, estão como que projetados em todas as direções por um êxtase implacável. Sua face está totalmente pálida, torna-se lívida e esverdeada. Os lábios se contraem, encolhem-se como se quisessem virar para dentro. Suspiros roucos e profundos escapam de seu peito, como se sua antiga natureza não pudesse suportar o peso de sua natureza nova. Os sentidos tornam-se de uma sensibilidade e de uma acuidade extraordinárias. Os olhos penetram o infinito. O ouvido percebe os sons mais inalcançáveis em meio a ruídos intensos.

As alucinações começam. Os objetos exteriores tomam aparências monstruosas. Revelam-se a você sob formas desconhecidas até então. Em

seguida, eles se deformam, se transformam e enfim entram em seu ser, ou melhor, você entra neles. Sucedem-se os equívocos mais extraordinários, as transposições de ideias mais inexplicáveis. Os sons têm uma cor, as cores têm uma música. As notas musicais são números e você resolve com uma rapidez espantosa prodigiosos cálculos de aritmética à medida que a música se desenrola em seus ouvidos. Você está sentado e fuma; acredita estar sentado dentro de seu cachimbo e é a você que seu cachimbo fuma; é você que você exala sob a forma de nuvens azuladas.

Você gosta de estar aí e apenas uma coisa o preocupa e o inquieta. Como fará para sair de seu cachimbo? Esta imaginação dura uma eternidade. Um intervalo de lucidez com grande esforço permite-lhe observar o pêndulo. A eternidade durou um minuto. Você é levado por uma outra corrente de ideias; ela o levará por um minuto em seu turbilhão vivo e este minuto será mais uma vez uma eternidade. As proporções do tempo e do ser são alteradas pela multidão inumerável e pela intensidade de sensações e ideias. Vive-se várias vidas de homens no espaço de uma hora. É exatamente este o assunto de *Peau de Chagrin*[5]. Não há mais equação entre os órgãos e os prazeres.

De vez em quando, a personalidade desaparece. A objetividade que gera certos poetas panteístas e também os grandes comediantes torna-se tal que você se confunde com os seres exteriores. Eis você, árvore que brame ao vento e que oferece melodias vegetais à natureza. Agora, você plana no azul do céu, imensamente engrandecido. Toda dor desapareceu. Você não luta mais, você é levado, não é mais seu mestre e não se aflige mais. Em breve, a ideia do tempo desaparecerá por completo. De vez em quando, acontece ainda um pequeno despertar. Parece-lhe sair de um mundo maravilhoso e fantástico. Você mantém, é verdade, a faculdade de observar-se a si mesmo e amanhã terá conservado a lembrança de algumas de suas sensações. Mas esta faculdade psicológica, você não pode aplicá-la. Eu o desafio a talhar uma pluma ou um lápis; seria um empreendimento além de suas forças.

Outras vezes, a música conta-lhe poemas infinitos, transporta-o para dramas assustadores ou feéricos. Ela associa-se aos objetos que estão diante de seus olhos. As pinturas do teto, mesmo medíocres e ruins, tomam uma vida assustadora. A água límpida e encantadora escorre na relva trêmula. As ninfas de carne resplandecente o observam com grandes olhos, mais límpidos que a água e o infinito. Você tomaria o seu lugar e a sua função nas piores pinturas, nos mais grosseiros papéis que cobrem as paredes das estalagens.

Percebi que a água possuía um encanto assustador para todos os espíritos um pouco artistas iluminados pelo haxixe. As águas correntes, os jatos-d'água, as cascatas harmoniosas, a imensidão azul do mar rolam, dormem, cantam no fundo de seu espírito. Talvez não fosse bom deixar um homem neste estado às margens de uma água límpida; como o pescador da balada, ele poderia deixar-se levar por Ondina.

Tarde da noite, pode-se comer, mas esta operação não é feita sem pena. Encontramo-nos de tal maneira acima das coisas materiais que preferiríamos certamente deixar deitado o corpo no fundo de seu paraíso intelectual. Às vezes, porém, o apetite desenvolve-se de maneira extraordinária, mas é preciso uma grande coragem para removermos uma garrafa, um garfo e uma faca.

A terceira fase, separada da segunda por um redobramento da crise, uma embriaguez vertiginosa seguida de um novo mal-estar, é qualquer coisa de indescritível. É o que os orientais chamam de *kief;* é a felicidade absoluta. Não é mais o tumulto e a turbulência. E uma beatitude calma e imóvel. Todos os problemas psicológicos são resolvidos. Todas as questões árduas contra as quais esgrimem os teólogos e que fazem o desespero da humanidade que raciocina são límpidas e claras. Toda contradição tornou-se unidade. O homem transformou-se em deus.

Há em você algo que diz: "Você é superior a todos os homens, ninguém compreende o que você pensa, o que você sente agora. Os outros são mesmo incapazes de compreender o imenso amor que você sente por eles. Mas não é preciso odiá-los por isto; é preciso ter piedade deles. Uma imensidão de felicidade e de virtude se abre diante de você. Ninguém jamais saberá a que grau de virtude e de inteligência você conseguiu chegar. Viva na solidão do seu pensamento e evite afligir os homens".

Um dos efeitos mais grotescos do haxixe é o temor, levado à mais meticulosa loucura, de afligir quem quer que seja. Você até mesmo disfarçaria, se tivesse forças, o estado extranatural em que está para não causar inquietações ao último dos homens.

Neste estado supremo, o amor, nos espíritos ternos e artísticos, toma as formas mais singulares e se presta às mais barrocas combinações. Uma libertinagem desenfreada pode se misturar a um sentimento de paternalismo ardente e afetuoso.

Minha última observação não será a menos curiosa. Quando, na manhã

do dia seguinte, você vir o dia instalar-se em seu quarto, sua primeira sensação será de profunda admiração. O tempo havia desaparecido por completo. Há pouco era noite, agora é dia. “Dormi ou não dormi,” pergunta, “minha embriaguez durou toda a noite e, sendo suprimida a noção de tempo, a noite inteira não teve apenas o valor de um segundo? Ou estive envolvido pelos véus de um sono cheio de visões?” É impossível saber.

Parece que você experimenta um bem-estar e uma leveza de espírito maravilhosa; nenhum cansaço. Mas mal você se levanta e um velho resto de embriaguez se manifesta. Suas pernas fracas conduzem-no com timidez, você teme quebrar-se como um objeto frágil. Uma grande indolência, à qual não faltam encantos, apodera-se de seu espírito. Você é incapaz de trabalho e de energia na ação.

É a punição merecida pela prodigalidade ímpia com a qual você despendeu tanto fluido nervoso. Você lançou sua personalidade aos quatro ventos do céu e agora custa-lhe reuni-la e concentrá-la.

V

Não digo que o haxixe produza em todos os homens todos os efeitos que acabo de descrever. Relatei quase todos os fenômenos que geralmente se produzem, salvo algumas variantes, nos espíritos artísticos e filosóficos. Mas há temperamentos nos quais desenvolvem-se apenas uma loucura tumultuada, uma alegria violenta que se assemelha à vertigem, danças, saltos, sapateios, gargalhadas. Têm, por assim dizer, um haxixe muito material. São insuportáveis aos espiritualistas que tomam-se de grande piedade por eles. Sua personalidade desagradável provoca escândalo. Vi uma vez um magistrado respeitável, um homem honrado, como dizem de si próprios os aristocratas, um desses homens cuja gravidade artificial impõe-se sempre, no momento em que o haxixe o invadiu, pôr-se bruscamente a dançar um *can-can* dos mais indecentes. Revelou-se o monstro interior e verdadeiro. Este homem que julgava a ação de seus semelhantes, este togado havia aprendido *can-can* em segredo.

Assim, pode-se afirmar que esta impersonalidade, este objetivismo do qual já falei, e que nada mais é que o desenvolvimento do espírito poético, nunca será encontrado no haxixe destas pessoas.

VI

No Egito, o governo proíbe a venda e o comércio do haxixe, pelo menos no interior do país. Os infelizes que têm esta paixão vão à farmácia apanhar, sob o pretexto de comprar uma outra droga, sua pequena dose preparada com antecedência. O governo egípcio tem razão. Jamais um Estado racional poderia subsistir com o uso do haxixe. Este não produz nem guerreiros nem cidadãos. Na verdade, o haxixe é proibido ao homem sob pena de degradação e morte intelectual, de transformar as condições primordiais de sua existência e romper o equilíbrio de suas faculdades com o meio. Se existisse um governo interessado em corromper os seus governados, bastaria encorajar o uso do haxixe.

Diz-se que esta substância não causa nenhum mal físico. Isto é verdade, pelo menos até o presente. Pois não sei até que ponto pode-se dizer que um homem que fizesse apenas sonhar e que fosse incapaz de ação poderia portar-se bem, mesmo quando seus membros estivessem em bom estado. Mas é a vontade que é atacada, e este é o órgão mais precioso. Um homem que possa, com uma colherada de confeitos, alcançar instantaneamente todos os bens do céu e da terra, jamais adquirirá a milésima parte disto pelo trabalho. É preciso, antes de tudo, viver e trabalhar.

Veio-me a ideia de falar do vinho e do haxixe no mesmo artigo, porque, na verdade há entre eles alguma coisa em comum: o excessivo desenvolvimento poético do homem. O gosto frenético do homem por todas as substâncias, sãs ou perigosas, que exaltem sua personalidade, testemunha sua grandeza. Ele aspira sempre a reavivar sua esperança e a elevar-se ao infinito. Mas é preciso ver os resultados. Temos um licor que ativa a digestão, fortifica os músculos e enriquece o sangue. Tomado em grande quantidade, apenas causa desordem passageira. Temos uma outra substância

que interrompe as funções digestivas, que enfraquece os membros e que pode causar uma embriaguez de vinte e quatro horas. O vinho exalta a vontade; o haxixe a aniquila. O vinho é um suporte físico; o haxixe é uma arma para o suicídio. O vinho nos torna bons e sociáveis; o haxixe nos isola. Um é laborioso, por assim dizer, o outro essencialmente preguiçoso. Na verdade, para que trabalhar, laborar, escrever, fabricar o que quer que seja, quando podemos tomar o paraíso de um só golpe? Enfim, o vinho é para o povo que trabalha e que merece bebê-lo. O haxixe pertence à classe dos prazeres solitários, é feito para os miseráveis ociosos. O vinho é útil, produz resultados proveitosos. O haxixe é inútil e perigoso.**[6]**

VII

Termino este artigo com algumas belas palavras que não são minhas, mas de um notável filósofo pouco conhecido, Barbereau, teórico da música e professor do Conservatório. Estive com ele em um círculo onde algumas pessoas haviam tomado o veneno bem-aventurado e ele me disse com um tom de desprezo indizível: “Não compreendo por que o homem racional e espiritual serve-se de meios artificiais para alcançar o êxtase poético, pois o entusiasmo e a vontade bastam para elevá-lo a uma existência supranatural. Os grandes poetas, os filósofos, os profetas são seres que, pelo puro e livre exercício da vontade, alcançam um estado onde são, ao mesmo tempo, causa e efeito, sujeito e objeto, magnetizador e sonâmbulo”.

Penso exatamente como ele.

[**1**] Em 1851, Baudelaire publicou no *Messager de l’Assemblée* o poema em prosa *Do vinho e do haxixe*, tentativa do que, dez anos depois, daria origem ao livro *Os Paraísos Artificiais*, poema este que aqui transcrevemos.
[**2**] Béroalde de Verville; *Moyen de Parvenir*. (Nota de C. B.)
[**3**] “Neste primeiro estudo sobre o haxixe, publicado dez anos antes daquele que o sucede, encontraremos naturalmente mais de uma observação repetida na redação definitiva. O autor não teve

escrúpulos em copiar a si próprio, a dez anos de distância; e reproduziu, às vezes, e quase nos mesmos termos, certo fato, certas curiosidades já citados em seu primeiro trabalho. Apesar do mau efeito dos empregos duplos, abstivemo-nos de nada mudar no texto; e achamos menos inconveniente em algumas repetições inevitáveis que em supressões que destruiriam as proporções e a economia de uma ou outra redação." (Nota da edição póstuma)

[**4**] Aí, a palavra *charge* pode ter um sentido duplo intraduzível: o de fardo, responsabilidade; ou o de ataque satírico, irônico, charge. (N.T.)

[**5**]*Pele de Chagrém*, de Honoré de Balzac. (N.T)

[**6**] "É preciso mencionar apenas para a lembrança a tentativa feita recentemente de aplicar o haxixe na cura da loucura. O louco que toma haxixe contrai uma loucura que afugenta a outra, e quando passa a embriaguez, a verdadeira loucura, que é o estado normal do louco, retoma seu império, como em nós a razão e a saúde. Alguém se deu ao trabalho de escrever um livro sobre o assunto. O médico que inventou este belo sistema não é pouco filósofo." (Nota de C.B.)

SUMÁRIO BIOGRÁFICO

1821 – (9 de abril) Nasce em Paris Charles-Pierre Baudelaire, filho de François Baudelaire e Caroline Archimbaut-Dufaÿs.

1827 – Morre François Baudelaire.

1828 – Mme. Baudelaire casa em segundas núpcias com o militar Jacques Aupick.

1832 – O Coronel Aupick é transferido para Lyon levando consigo a esposa e seu filho Charles Baudelaire.

1833 – Baudelaire é matriculado como aluno interno no Collège royal de Lyon.

1836 – O Coronel Aupick é nomeado para o Estado Maior do Exército em Paris. Recomeça os estudos em Paris.

1838 – Viagem aos Pirineus com a mãe e o padrasto. É após esta viagem que ele escreve o poema *Incompatibilité*.

1839 – Baudelaire conclui o curso colegial. Seu padrasto é promovido a General da Brigada.

1840 – Baudelaire vive na pensão Lévêque et Bailly e faz amizade com dois jovens poetas, Gustave Le Vavasseur e Ernest Prarond.

1841 – Pressionado pela família e pelo padrasto, que não admitiam sua independência e determinação, Baudelaire é obrigado a embarcar num navio em Bordeaux com destino a Calcutá. Meses depois o General Aupick, seu padrasto, recebe uma carta do comandante do navio dando conta de que o jovem Baudelaire decidiu abandonar a viagem na Ilha de Réunion, não indo mais a Calcutá.

1842 – Retorna à França. Ligação com Jeanne Duval, uma jovem mulata que ele conhece no teatro Porte Saint-Antoine. Conhece Félix Tournachon, fotógrafo conhecido como Nadar**[1]**, de quem fica muito amigo. Baudelaire atinge a maioridade e recebe a herança deixada por seu pai no

valor de 75 mil francos. Passa a morar na Ilha de Saint-Louis em Paris.

1843 – Estreia numa coletânea literária chamada *Vers*. Muda-se para o Hotel Pimodan, conhece muitas pessoas ligadas às artes, como poetas, pintores e *marchands*. É neste hotel que Baudelaire reencontra o poeta Theóphile Gautier**[2]**, sua futura grande paixão Apolonie Sabatier, e Fernand Boissard, pintor morto prematuramente. É aí que instala o famoso *Club des Haschischins*, que inspirará Baudelaire para escrever a primeira parte dos *Paraísos Artificiais*.

1844 – Colabora anonimamente ou com pseudônimo, para várias publicações parisienses. O General Aupick, preocupado com os desmandos de Charles Baudelaire, resolve interditá-lo judicialmente. Nesta época, Baudelaire enfrenta sérios problemas com sua família e especialmente com o padrasto.

1845 – Publica *Salon de 1845*, sob o pseudônimo de Baudelaire-Dufaÿs. A revista *L'Artiste* publica o soneto *À une dame créole*.

1846 – Ainda sob o pseudônimo de Baudelaire-Dufaÿs, publica ensaios sobre acontecimentos artísticos, além de poemas em várias publicações parisienses. Conhece Marie Daubrun.

1848 – Baudelaire vai às barricadas. Dirige um jornal democrata *le Salut public*, juntamente com Champfleury**[3]** e Toubin, que circula somente por dois números. É secretário de redação do jornal republicano moderado *la Tribune nationale*. Em abril, o General Aupick é transferido para Constantinopla, onde exerce importante cargo de governo. Baudelaire traduz Edgar Allan Poe.

1849 – Relações de amizade com o pintor Courbet**[4]** e o editor Poulet-Malassis. Morre Edgar Allan Poe em Baltimore, USA.

1850 – Várias publicações em revistas parisienses.

1851 – O General Aupick recusa o cargo de embaixador em Londres. Baudelaire publica no *Messager de l'Assemblée* o poema em prosa *du Vin et du Haschich*, primeira tentativa do que daria origem dez anos depois ao livro *Paraísos Artificiais*.

Em abril deste mesmo ano, publica onze poemas nesta mesma revista,

intitulados *les Limbes*. O General Aupick é nomeado embaixador em Madrid.

1852 – Publica na *Revue de Paris*: *Edgar Allan Poe: sua vida e sua obra*.

1853 – Publica no *L'Artiste*, a tradução de *O Corvo*, de Poe.
Aupick é nomeado Senador. Baudelaire publica um longo artigo e suas novas traduções de Poe. Escreve cartas a Mme. Sabatier enviando *Reversibilité* e *Confession.*

1854 – Envia vários poemas para Mme. Sabatier. Nesta época ele está profundamente ligado a Mme. Sabatier que passa a ser uma figura da maior importância na sua vida. Baudelaire se comporta de maneira enigmática no seu relacionamento com ela e passa a viver o drama de dois amores: Mme. Sabatier e Jeanne Duval, drama que será o tema baudelairiano da *double postulation*.

1855 – Entre outras publicações, destaca-se o aparecimento na *Revue des Deux Mondes* de dezoito poemas que aparecem pela primeira vez sob o título geral de *As Flores do Mal*. Note-se que este nome não foi dado pelo poeta e sim pelo amigo Hyppolyte Babou. Baudelaire havia pensado em *Lesbiennes* e *Limbes*. Publica uma série de poemas em prosa.

1856 – Publica a tradução de *Histórias Extraordinárias* de Poe.

Contrato com o editor Poulet-Malassis para a publicação de *As Flores do Mal* e *Bric-a-brac estético* (primeiro título de *Curiosidades Estéticas*, projeto de coletânea de críticas e ensaios literários que foi realizado somente após sua morte). Poulet-Malassis acredita firmemente no gênio de Baudelaire, nascendo nesta época uma sólida e fiel amizade entre os dois.

1857 – Revisão dos manuscritos de *As Flores do Mal* e publicação da tradução de *Novas Histórias Extraordinárias* de Edgar Allan Poe. A 28 de abril, morre o General Aupick. A 25 de junho é lançado o livro *As Flores do Mal.* No dia 5 de julho, sai a crítica do jornalista e crítico literário Gustave Bourdin, denunciando a publicação de *As Flores do Mal;* é possível que este artigo tenha motivado as medidas judiciais que foram tomadas contra o poeta e seu poema. Em 11 de julho carta de Baudelaire a Poulet-Malassis, comunicando a apreensão dos livros à venda em Paris e

pedindo ao editor que esconda os livros ainda não distribuídos. Escreve para Mme. Sabatier, perguntando se ela poderá interceder a seu favor junto aos juízes.

Em agosto começa o processo de *As Flores do Mal*. O promotor é Ernest Pinard, que já havia acusado no processo contra *Madame Bovary*, de Flaubert**[5]**, em janeiro deste mesmo ano. O resultado do julgamento é desastroso para o poeta, sendo condenado juntamente com seu editor sob a acusação de ter ido contra "a moral e os bons costumes". O texto é cortado em vários versos e seis poemas são suprimidos integralmente em sentença que seria reformada judicialmente somente 92 anos depois(!) em 1949. Baudelaire recebe carta de Victor Hugo**[6]**, onde o grande astro da literatura francesa na época diz: "Suas *Flores do Mal* resplandecem e deslumbram como estrelas". Escreve vários artigos, entre eles um ensaio sobre *Madame Bovary* que é publicado no *L 'Artiste*. Rompe com Mme. Sabatier.

1858 – Publica a primeira parte dos *Paraísos Artificiais, le Haschisch,* na *Revue Contemporaine.*

1859 – Publicação no *L'Artiste* de um artigo de Theóphile Gautier, que aparecerá mais tarde num pequeno livro, contendo a carta-prefácio de Victor Hugo a propósito de *As Flores do Mal*, onde diz que o poema de Baudelaire criou um *frisson nouveau*, destacando ainda a importância inovadora da obra.

1860 – Contrato com Poulet-Malassis para a publicação da segunda edição de *As Flores do Mal* e *Paraísos Artificiais*. É publicada na *Revue Contemporaine* o longo artigo: *Un mangeur d'opium* que será a segunda parte dos *Paraísos Artificiais*. Baudelaire segue publicando críticas de arte e ensaios nos principais jornais e revistas parisienses.

1861 – Publica ensaio sobre Richard Wagner**[7]**, de quem se confessa grande admirador. Admirável carta de Baudelaire a sua mãe, que marca o início de um novo relacionamento entre mãe e filho, até então deteriorado, e também marca uma transformação na vida interior do poeta.

Segunda edição de *As Flores do Mal* nas livrarias.

A 1o de novembro, em *La Revue fantaisiste*, de Catulle Mendès**[8]**, são publicados onze poemas em prosa.

Em dezembro deste ano, alguns poetas de vanguarda lançam a candidatura de Baudelaire para a cadeira de Lacordaire**[9]** na Academia Francesa de Letras. Tentando evitar um confronto e revés do poeta diante da conservadora maioria da Academia de Letras, Sainte-Beuve**[10]** convence Baudelaire a renunciar à candidatura, o que ele faz a 10 de fevereiro.

1862 – No quarto volume da antologia de Eugène Crépet, *Poetas franceses*, são publicados sete poemas de Baudelaire e sete ensaios críticos sobre poetas franceses, com uma introdução de Gautier.

Na revista *La Presse*, sai publicada uma coletânea de vinte poemas em prosa, com uma carta-dedicatória a Arsène Houssaye.

A 6 de setembro o *The Spectator* de Londres publica um artigo sobre Baudelaire, escrito por Swimburne, que será um marco da considerável influência que o poeta exerceu sobre os poetas ingleses.

A 12 de setembro, seu amigo e editor Poulet-Malassis é preso por dívidas. Mais tarde ele se refugiará em Bruxelas, na Bélgica.

1863 – Publicação de vários poemas inéditos de Baudelaire em revistas literárias, novo contrato de edição de *As Flores do Mal*. Morre Eugène Delacroix**[11]**. Baudelaire escreve um artigo por ocasião da morte do pintor que aparece no *l'Opinion nationale*.

1864 – Publicação no *le Figaro* de seis poemas sob o título de *Spleen de Paris.*

Agastado com os intelectuais franceses, molestado pelos conservadores órgãos da censura oficial, Baudelaire desgostoso emigra para a Bélgica esperando ser melhor compreendido que em Paris. Decepciona-se rapidamente, o que explicará a violência dos seus escritos sobre a Bélgica.

Em maio, Baudelaire faz cinco conferências em Bruxelas sobre Gautier e Delacroix de pequena repercussão.

Publicação do poema em prosa *Les Yeux des Pauvres.*

1865 – *L'Artiste* publica um artigo de Mallarmé**[12]**, *la Symphonie littéraire*, parcialmente consagrado a Baudelaire.

Em fevereiro, Baudelaire fica gravemente doente.

Em 16 de março, 30 de novembro e 23 de dezembro, série de artigos de Verlaine, com grandes elogios ao poeta.

1866 – Segundo as cartas do poeta a sua mãe, neste período ele atravessa sérias perturbações de saúde. Em março, Baudelaire tem um mal súbito numa igreja em Namur, e é auxiliado por Malassis e Félicien Roja que lhe acompanhou na visita. É internado e começam a surgir os primeiros sintomas de afasia e hemiplegia.

São publicados na *Parnasse contemporain* quinze poemas sob o título de *Novas Flores do Mal*.

Em julho, já privado da voz, mas perfeitamente lúcido, Baudelaire retorna a Paris trazido pela mãe. É internado na Casa de Saúde do Doutor Duval, onde passa a receber grandes figuras da poesia francesa, como Sainte-Beuve, Banville**[13]**, Leconte de Lisle**[14]** e outros.

1867 – A 31 de agosto, morre, aos 46 anos, Charles Baudelaire nos braços de sua mãe. Imediatamente a *Revue nationale* publica seus últimos poemas em prosa.

É enterrado a 2 de setembro no cemitério de Montparnasse ao lado do padrasto General Aupick. Junto ao túmulo do poeta, discursam seus amigos poetas Banville e Asselineau.

1868 – Publicação de *Curiosités esthétiques* e da terceira edição de *As Flores do Mal* com um prefácio de Gautier, através do editor Michel Levy.

1869 – Publicação pelo mesmo editor, de *l'Art romantique* e *Petits Poèmes en prose* que aparecerão das traduções de Poe.

1871 – Morre, em Honfleur, Madame Aupick, mãe do poeta, que será igualmente enterrada no cemitério de Montparnasse.

1890 – Morre Madame Sabatier.

1906 – Publicação de *Lettres* (1841-1866).

1908 – Segunda edição de *Obras Póstumas*.

1918 – Primeira edição de *Lettres à sa mere.*

[**1**] Nadar (1820-1910) – Fotógrafo parisiense: Ficou conhecido por ter retratado grandes personalidades da política e da cultura francesa. Autor das primeiras fotos aéreas.

[2] Theóphile Gautier (1811-1872) – Poeta francês, entusiasta do romantismo, autor de *Emaux et Cammés* (1852), *Le capitaine Francasse* (romance, 1863) e de obras de crítica literária.
[3] Jules Champfleury (1821-1889) – Escritor e crítico de arte francesa. Autor de romances realistas (*Chien Caillon, Fonny Minorot*).
[4] Gustave Courbet (1827-1885) – Pintor francês. Amigo de Proudhon, chefe da escola realista. Condenado e exilado em 1871 pela sua participação na Comuna de Paris.
[5]Gustave Flaubert (1821-1880) – Autor do célebre e discutido na sua época *Madame Bovary*. Prosador social, objetivo e realista, caracterizou-se pelo apurado e perfeito estilo literário.
[6] Victor Hugo (1802-1885) – Um dos maiores escritores franceses, autor entre outros de *Os Miseráveis, Lucrécia Borgia, Ruy Blas*.
Deputado em 1848, liberal, Victor Hugo esteve exilado, a partir de 1851, retornando em 1870, com todas as honras oficiais. Suas cinzas estão no Pantheon, em Paris.
[7] Richard Wagner (1813-1883) – Compositor alemão, dono de um estilo dramático e pungente, transformou a ópera tradicional. Autor de *O Anel do Nibelungo* e *Tristão e Isolda*, entre outros. Seus arranjos são célebres pela exuberância, colorido e dramaticidade.
[8] Catulle Mendès (1841-1909) – Escritor francês nascido em Bordeaux. Seus poemas são típicos da estética parnasiana.
[9] Henri Lacordaire (1802-1861) – Religioso francês da ordem dos dominicanos. Autor de ensaios que são basicamente uma pregação cristã. Membro da Academia Francesa de Letras.
[10] Charles Augustin Sainte-Beuve (1804-1869) – Poeta e escritor francês ligado ao romantismo. Membro da Academia Francesa de Letras foi também um dos mais respeitados críticos e teóricos da literatura francesa. Escreveu poesia, romance, ensaios críticos e teóricos sobre a história da literatura.
[11] Eugène Delacroix (1798- 1863) – Pintor francês, chefe da escola romântica. Poderoso colorista, foi um dos mais importantes pintores da sua época, autor de grandes pinturas murais em Paris
[12] Stèphane Mallarmé (1842-1898) – Um dos grandes poetas franceses, conheceu em vida a celebridade e o respeito de seus contemporâneos. Juntamente com Baudelaire, Verlaine e Victor Hugo é um dos pilares da moderna poesia francesa.
[13] Théodore de Banville (1823-1891) – Poeta francês, autor de *Odes Funambulescas*, faz parte da segunda geração do romantismo.
[14] Charles Marie Leconte (1818-1894) – Poeta francês, liderou o grupo de reação ao romantismo constituindo a escola parnasiana.
Autor de *Poemas Antigos* e *Poemas Bárbaros.*

Texto de acordo com a nova ortografia.

Edição publicada originalmente pela L&PM Editores em 1986 na *Coleção Rebeldes e Malditos*.
A tradução do texto *Um comedor de ópio*, aqui reproduzido, foi adquirida mediante acordo com Vertente Editora Ltda.
Capa: Ivan G. Pinheiro Machado sobre foto de Charles Baudelaire

Tradução: Alexandre Ribondi *(Poema do haxixe e Do vinho e do haxixe)* e Vera Nóbrega - Lúcia Nagib *(Um comedor de ópio)*
Revisão: Grazia Pinheiro Machado, Cíntia Moscovich e Ana Teresa Cirne Lima

---

B338p

Baudelaire, Charles Pierre, 1821-1867,
Paraísos artificiais / Charles Pierre Baudelaire; tradução de Alexandre Ribondi, Vera Nobrega e Lúcia Nagib. – Porto Alegre: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKET; v.91)

ISBN 978.85.254.2481-5

1. Ficção francesa-ensaios. I. Título. II. Série.
CDD 844
CDU 840-4

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329

© da tradução, L&PM Editores, 1998
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br